

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA MORENO

**A PRÁTICA DO BASQUETEBOL FEMININO NO ESTADO DE SÃO
PAULO: conhecendo e analisando seu contexto.**

CAMPINAS

2006

JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA MORENO

**A PRÁTICA DO BASQUETEBOL FEMININO NO ESTADO DE SÃO
PAULO: conhecendo e analisando seu contexto.**

**Este exemplar corresponde à redação
final da Tese de Doutorado defendida por
José Carlos de Almeida Moreno e
aprovada pela Comissão julgadora em:
22 / 02 / 2006.**

**Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Orientador**

CAMPINAS

2006

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M815p Moreno, José Carlos de Almeida.
A prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo:
conhecendo e analisando seu contexto / José Carlos de Almeida
Moreno. - Campinas, SP: [s.n], 2006.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação física. 2. Basquetebol. 3. Esportes femininos. 4.
Políticas públicas. 5. São Paulo (Estado). I. Paes, Roberto
Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física. III. Título.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Orientador

Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal

Prof. Dr. João Paulo Borin

Prof. Dr. Paulo César Montagner

Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior

Dedicatória

À querida Luciene, pelas críticas, paciência, e principalmente pelo apoio nos momentos mais delicados.

Esta caminhada foi conquistada passo a passo, com algumas dúvidas e angústias que fizeram parte do processo de construção do conhecimento. Em todos os momentos estive junto de mim, incentivando, apoiando e acreditando.

É com muito carinho, que dedico a você esta conquista importante, de minha vida acadêmico- profissional. Esta vitória, tenho certeza, também é sua!

Agradecimentos

Ao desenvolver este estudo, estivemos muito próximos de nossa história de vida pessoal e profissional, que decorreu do envolvimento com o objeto de estudo que de certa forma nos envolveu por quase toda a vida. Sendo assim, pela proximidade apresentada, foi natural que aqueles aos quais nos reportamos agora para agradecimentos, sejam também os que estiveram juntos a nós, não só agora, por ocasião do desenvolvimento desta tese, mas por toda nossa trajetória de vida.

Inicialmente agradecemos aqueles que nos deram a vida e que com amor souberam nos encaminhar educacionalmente, nos levando ao encontro do basquetebol. Ao meu pai José Moreno Filho (in memorian) e à minha querida mãe Conceição de Almeida Moreno, meus eternos agradecimentos.

Às minhas irmãs Neide e Olga por terem se responsabilizado em muitos momentos por minha educação e também por terem me apoiado na prática esportiva e na atividade profissional por mim escolhida, sou e serei sempre grato.

Aos meus filhos Thiago, Thaís e Bruno por fazerem de certa forma parte de mim, estimulando a constante superação de desafios.

Não temos palavras suficientes para agradecer ao Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes, que muito além de conhecer o basquetebol, entre outros temas acadêmicos relevantes, se mostrou ao longo do tempo digno da confiança que só se deposita nos amigos verdadeiros.

Aquele que soube sempre enxergar com seus olhos e superar preconceitos, assumindo papéis competentemente, sendo líder fiel e colega, também agradecemos imensamente ao Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal por toda contribuição e amizade.

Agradecemos ao Prof. Dr. Paulo César Montagner que entre quadras, ginásios, corredores e salas de aula compartilhou conhecimentos sobre o basquetebol e a Educação Física ao longo de nossas vidas, profissional e amigavelmente.

Também agradecemos ao Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior admirado e querido colega e amigo por seu exemplo de competência profissional e conduta ética.

À aquele que inspira, pela simpatia que transmite ao lidar profissional e pessoalmente com os colegas, de forma amistosa e coerente com seu alto nível de capacidade intelectual e acadêmico é que agradecemos ao Prof. Dr. João Paulo Borin.

Outro colega e amigo a quem agradecemos é ao Prof. Ms. Cláudio Miranda por ter se disponibilizado amigavelmente a nos auxiliar no desenvolvimento do tratamento dos dados coletados nesta pesquisa. Por sua inestimável contribuição: obrigado!

À querida Profa. Ms. Sandra Garijo Oliveira, colega e amiga extremamente cuidadosa e competente que se dispôs à configurar o texto final, agradecemos enormemente pela colaboração.

Ao Prof. José Carlos Callado Hebling (in memorian), por ter possibilitado nosso ingresso na carreira acadêmica junto ao basquetebol e por sua amizade durante longos anos de nossas vidas.

Às amigas Profas. Maria Helena Cardoso e Maria Helena Campos por terem representado para nós, exemplos de competência, dedicação e amor ao basquetebol feminino brasileiro.

Aos colegas, Professores dos cursos de Educação Física das Faculdades Integradas Fafibe e da Universidade Metodista de Piracicaba, por toda contribuição direta ou indireta recebida.

Também aos funcionários da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer de São Paulo pela disponibilidade apresentada para a realização desta pesquisa. Em especial aos Profs. Fernando Guerra, Luiz Chorilli e Edir Soares (in memorian).

À Profa. Neusa Vicentin (in memorian), Diretora da E. E. Dr. Prudente, pela amizade e apoio recebido para o desenvolvimento do Curso de Doutorado.

Agradecemos aos funcionários e Professores da FEF-UNICAMP, com os quais convivemos e muito aprendemos nesses anos de convivência.

Nossos agradecimentos a aqueles sem os quais tal estudo não teria se concretizado: técnicos (as) e atletas de basquetebol que participaram desta pesquisa.

Ao Criador...

MORENO, José Carlos de Almeida. **A prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo:** conhecendo e analisando seu contexto. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

Estudamos a realidade do basquetebol feminino a partir dos 68^º Jogos Abertos do Interior que se realizaram na cidade de Barretos – SP, no período de 13 a 26 de setembro de 2004. Tal evento reuniu as equipes femininas de todo o Estado de São Paulo e se constituiu em amostra para este estudo, que teve como objetivo geral identificar e diagnosticar a prática do basquetebol por mulheres no Estado de São Paulo, junto a um número significativo de atletas pertencentes às trinta e uma diferentes equipes representativas de cidades do interior desse Estado, totalizando cento e vinte e nove participantes. Os objetivos específicos deste trabalho foram os de identificar a disseminação ou não da prática do basquetebol por mulheres e o papel das instituições sociais responsáveis. Tivemos como hipótese, que havia uma rudimentaridade no desenvolvimento da prática, relacionada com a falta de conhecimento sobre o basquetebol por parte dos agentes socioculturais responsáveis pela disseminação; atrelamento da prática à vertente esporte rendimento ou espetáculo; dificuldade de desenvolvimento do basquetebol feminino, por partir-se de um modelo inicial masculinizado de prática e por políticas públicas e privadas insuficientes. As metodologias e pedagogias utilizadas por técnicos e professores nos vários setores foram determinantes para a compreensão da problemática estudada. Abordamos também as políticas públicas e privadas de esporte. Realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a gênese e desenvolvimento do esporte moderno, compreendendo-o como um fenômeno sociocultural de interesse e prática mundial, com alcance educacional. Buscamos dados sobre a origem e expansão do basquetebol no mundo e no Brasil, nos aprofundando principalmente no Estado de São Paulo, procurando contextualizar o objeto. Em pesquisa de campo, levantamos dados com as atletas praticantes de basquetebol no ano de 2004, durante a realização dos 68^º Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo. Coletamos informações sobre as atletas, à vinculação que possuíram ao iniciar a prática e no momento da realização da pesquisa. Também foram obtidos dados sobre as motivações, desmotivações, interesses e ou desinteresses das praticantes. Tratou-se de uma pesquisa com abordagem crítico-dialética, em que o homem foi visto como agente histórico e transformador, situado politicamente, com interesse pela compreensão e explicação dos fenômenos humanos e sociais, por mais de um ângulo de visão, resgatando a dimensão histórica do problema estudado. Realizamos pesquisas bibliográfica e documental, com abordagem quantitativa e qualitativa, na qual optamos pela utilização de questionário semi-estruturado aplicado às atletas. Os resultados alcançados mostraram que o basquetebol feminino no Estado de São Paulo tem possibilidades de ser potencializado, atingindo maior número de cidadãs de todas as faixas etárias e condições sócio econômicas e culturais, através de políticas públicas e privadas com este fim, já que observamos que as atuais formas de organização não colaboraram suficientemente para que houvesse a disseminação e expansão da cultura da prática, sobretudo, na categoria adulta. Também constatamos que aspectos políticos de várias ordens,

reveladores das relações de poder exercidas socialmente influenciaram negativamente a continuidade de projetos e programas esportivos que incluíam o basquetebol, tanto no setor público quanto no privado.

Palavras Chave: Basquetebol Feminino; Esporte; Políticas Públicas; Políticas Privadas; Educação Física.

MORENO, José Carlos de Almeida. **A prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo:** conhecendo e analisando seu contexto. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ABSTRACT

We studied the women basketball reality from the 68th Open Country Games that has happened in Barretos City – SP, from September 13th to 26th, 2004. This event gathered female teams from all São Paulo State, which built up this study sample which had as main broad purpose to identify and to diagnose basketball practice by São Paulo state women with a significant number of athletes from thirty one different teams representing country cities from this state, totalizing one hundred and twenty nine participants. The specific aims of this research were to identify the dissemination or not of basketball practice by women and the role of responsible social institutions. We had as hypothesis that would have a rudimentary way in developing practice, related to lack of knowledge about basketball by sociocultural agents responsible for its dissemination; a connection between practice and sport performance or sport show; difficulty in developing female basketball, because of its original male model of practicing and by insufficient public and private politics. The methodologies and pedagogies used by coaches and teachers in many sectors were determinant to understand the issues studied. We approached also the public and the private politics of sport. We undertook a bibliographical research about the development and the genesis of modern sport, understanding it as a sociocultural phenomenon of world interest and practice, with educational scope. We searched data about basketball beginning and expanding throughout the world and in Brazil, we deepened in São Paulo State, aiming to contextualize the object of study. In the field work, we brought data from the athletes that were practicing basketball in 2004, during the São Paulo State 68th Open Country Games. We gathered information about the athletes, the vinculum they have had when they started practicing and at the research moment. There were also data about motivations, dismotivations, interests and or disinterests of practicers. This research has had a critical dialectic approach, in which man was seen as a historical and transformer

agent, politically placed, with interests in comprehending and explaining human and social phenomena, by more than one point of view, rescuing the historical dimension of the studied problem. We did a bibliographical and documental research, with quantitative and qualitative approach, in which we opted by using a semi structured questionnaire applied to the athletes. The results found showed that the female basketball in São Paulo State has possibilities of being potentialized, reaching a greater number of women citizens from all ages and economical, social and cultural conditions, through public and private politics toward aim, because we observed that the actual ways of organization do not collaborate sufficiently to disseminate and expand practice culture, mainly through adult category. We also observed that political aspects of different types, reveled powerful relations influencing negatively the continuity of sports projects and programs that includes basketball, both in public and in private sectors.

Key Words: female basketball; sport; public politics; private politics; physical education

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atletas participantes da pesquisa e equipes de origem	108
Gráfico 2 – Faixa etária das atletas	109
Gráfico 3 – Se possuíam formação superior (acima de 21 anos).....	112
Gráfico 3.1 – Se possuíam formação superior (até 21 anos)	114
Gráfico 4 – Há quanto tempo pratica basquetebol	115
Gráfico 5 – Em Quais Cidades Já Participou Como Atleta?.....	120
Gráfico 6 – Qual era sua idade quando teve o primeiro contato com o basquete?.....	122
Gráfico 7 – O contato inicial com o basquetebol se deu em:	123
Gráfico 8 – Alguém em especial a incentivou para a prática do basquetebol?.....	125
Gráfico 9 – Por quê você acha que começou a praticar o basquetebol?	126
Gráfico 10 – No seu contato com o basquetebol, sua intenção inicial foi:.....	128
Gráfico 10.1 – No seu contato com o basquetebol, sua intenção inicial foi:.....	129
Gráfico 11 – O que a mantém jogando basquetebol?	130
Gráfico 12 – Você já pensou em parar de praticar basquetebol?.....	132
Gráfico 13 – Você tem a mesma motivação para a prática do basquetebol que tinha no início da carreira?	136
Gráfico 14 – Se você se afastou da prática do basquetebol em algum momento, foi por quais motivos?.....	137

Gráfico 15 – Ao longo de sua história como praticante do basquetebol, as metodologias utilizadas pelos professores / técnicos foram por ordem de importância:..... 139

Gráfico 16 – Na sua opinião as metodologias utilizadas para ensinar basquetebol para as categorias menores são:..... 141

Gráfico 17 – Você acredita que a prática do basquetebol por mulheres está diminuindo? 146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participação nos Jogos Regionais do Estado de São Paulo (2004 e 2005)	96
Quadro 2 – Região onde nasceu	110
Quadro 3 – Em quais cidades já participou como atleta?	116
Quadro 4 – O que a mantém jogando basquetebol?	131
Quadro 5 – Por quê você pensou em parar de praticar basquetebol?	133
Quadro 6 – Momentos ou situações negativas pelas quais tenha passado em sua carreira e que a desmotivou	142
Quadro 7 – Descreva aspectos positivos propiciados pela vivência do basquetebol que a manteve praticando	144
Quadro 8 – Motivos para a diminuição ou não da prática do basquetebol	147
Quadro 9 – Quais sugestões você daria para melhorar / aumentar / incentivar a prática do basquetebol feminino?	148
Quadro 10 – Qual sua opinião sobre a prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo.....	149

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Araçatuba, O vitória, faz vaquinha	181
Anexo B – SP vê nova realidade em semi-final.....	182
Anexo C - Pivô consegue enterrar pela 1 ^a vez na WNBA	183
Anexo D - Equipe juvenil do Vasco defende Piracicaba.....	184
Anexo E - Paulista feminino começa hoje enxuto e sem estrelas	185
Anexo F - O mecenas.....	186
Anexo G - Mulheres inauguram semifinais do mais paulista dos nacionais	187
Anexo H - Às pressas, SP dá largada à fase semifinal	188
Anexo I – Jogo de palavras	189
Anexo J - Branca espera mais atenção da CBB em prol dos clubes femininos .	190
Anexo K – Brasil defende domínio na América do sul.....	191
Anexo L – Governo muda prioridade no esporte.....	192
Anexo M – Nação zumbi.....	193
Anexo N - Para Cíntia apoio deve vir de todos.....	194
Anexo O - Sabotagem	195
Anexo P – Bolsa atrai atletas para Nossa Liga.....	196
Anexo Q – Ouro de tolo	197
Anexo R - Nacional sem estrela chega à semi	198

SUMÁRIO

Introdução	32
1. ORIGEM E EXPANSÃO DO BASQUETEBOL	41
1.1. Gênese e Desenvolvimento do Esporte Moderno	41
1.2. Basquetebol no Mundo.....	56
1.2.1. Basquetebol Feminino	63
1.2.2. Basquetebol no Brasil	66
1.2.3. Basquetebol Feminino no Estado de São Paulo.....	68
2. OS MEIOS RESPONSÁVEIS PELA DISSEMINAÇÃO E MANUTENÇÃO DO BASQUETEBOL	75
2.1. O Basquetebol e as Mulheres	75
2.2. As Pedagogias Existentes	81
2.3. Os Clubes.....	85
2.4. As Políticas Públicas e Privadas de Esportes e a Disseminação do Basquetebol.....	89
2.4.1. O Basquetebol Feminino: Instituições e Eventos.....	94
3. O BASQUETEBOL FEMININO: DELIMITANDO E DISCUTINDO CENÁRIOS	100
3.1. Metodologia	100
3.2. Universo / Amostra e Instrumentos	103
3.2.1. Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Dados.....	105
3.3. Resultados Obtidos	106
3.3.1. Categorias Levantadas e Análise	107
4. ANÁLISE SUBSTANTIVA DOS DADOS	151
CONCLUSÃO	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169
APÊNDICES	175
Apêndice A – Carta de Apresentação e Termo de Consentimento	176
Apêndice B - Questionário.....	177
ANEXOS	180

INTRODUÇÃO

Partindo da vivência do pesquisador no que se refere à modalidade esportiva, basquetebol, foi o presente estudo organizado e orientado pelo sentimento da existência de necessidade de uma análise crítica sobre determinado fenômeno sociocultural significativo. Destaca-se que este pode ser considerado um momento histórico, dado aos aspectos formativos e educacionais que possui o objeto estudado, principalmente porque envolve parcela significativa da jovem sociedade esportiva do Estado de São Paulo, que deve ser preparada para a participação futura ativa, produtiva e cidadã junto a comunidade.

Com esse intuito de conhecer e analisar essa condição de participação esportivo-competitiva de um grupamento composto por atletas do sexo feminino na modalidade basquetebol e pela oportunidade da ocorrência de uma competição estadual que congrega a maior parcela dos Clubes praticantes desse esporte no Estado de São Paulo, é que nos propusemos a desenvolver uma pesquisa de campo inicial, visando identificar e conhecer melhor as condições dessa participação, para que depois pudéssemos passar a analisar as diferentes questões identificadas no levantamento preliminar.

O primeiro levantamento foi efetivado junto a um número significativo de atletas pertencentes às trinta e uma equipes representativas de diferentes cidades do interior desse Estado, totalizando um universo pesquisado de cento e vinte e nove participantes, durante a 68ª edição dos Jogos Abertos do Interior, realizados na Cidade de Barretos/SP, no segundo semestre do ano de 2004.

No levantamento inicial, verificamos que a dimensão lúdica, prazerosa e espontânea, que geralmente caracteriza a participação do gênero feminino em atividades esportivas e no caso, muito comum de ser observada na prática do basquetebol, especificamente quando essa participação ocorre nos momentos iniciais desse tipo de vivência, para grande parcela do universo das atletas pesquisadas, parece ter ficado secundarizada devido a dimensão da prática e desenvolvimento do esporte, enquanto negócio.

Embora se tratasse de um Campeonato “amador”¹ as atletas em sua maioria, estavam vinculadas e inscritas junto a clubes e filiadas à Federação Paulista de Basquetebol. Eram em parcela significativa, remuneradas para representarem equipes de cidades às quais não pertenciam de naturalidade, mas se encontravam momentaneamente vinculadas e representando, configurando dessa forma, em alguns casos, pouco ou quase nenhum envolvimento afetivo e cultural, e sim como um tipo ou mesmo quadro de prestação de “serviço”² temporário.

Os questionários desse primeiro levantamento analisados identificaram junto às atletas participantes da pesquisa, dados significativos sobre os paradigmas norteadores desta prática em momentos distintos: “da gênese do basquetebol”.

Assim, o objetivo geral do estudo foi o de identificar e diagnosticar a prática do basquetebol por mulheres no Estado de São Paulo. Para essa finalidade, se pretendeu dentro dessa problemática e como objetivo inicial, identificar os primeiros agentes disseminadores, compreendendo os motivos que as mantiveram praticando

¹ Consideramos como amador por não haver formalmente oficializada a profissão de atleta de basquetebol no Brasil.

² Remuneração recebida para realização de um serviço sem contar vínculo empregatício. Tal remuneração pode ocorrer de várias formas, acordadas entre as partes.

basquetebol; também o fator principal que as afastou da prática em alguns momentos e ainda como os sujeitos, profissionais ou não, atuavam com o esporte, reforçando positiva ou negativamente a fixação da cultura da prática, pelas participantes.

Esses fatores foram considerados de suma importância de serem identificados, porque no caso das mulheres, geralmente ocorrem preconceitos evidentes. Ao longo do tempo se tem observado a existência de contingente menor de participantes do gênero feminino, quando se busca estabelecer comparações, mesmo que simplistas, com o de homens, seja em campeonatos regionais, estaduais, nacionais e mundiais. Historicamente as mulheres tiveram restrições às práticas esportivas tidas como mais apropriadas ao gênero masculino.

Destaco que a verificação da prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo foi o eixo central deste trabalho. Portanto, por meio de um processo de levantamentos e análises, este estudo procurou abordar a tentativa de difusão do basquetebol para mulheres, numa região em que historicamente, principalmente nas últimas décadas, se observou a ocorrência de algumas iniciativas de desenvolvimento dessa modalidade para esse segmento específico.

Os objetivos específicos que motivaram e permearam o estudo foram os de identificar a partir de um fenômeno sociocultural complexo, os pontos disseminadores e de manutenção da prática do basquetebol feminino, principalmente numa região, onde se tem observado no decorrer de muitos anos, o esporte é mais desenvolvido no setor masculino, bem como de procurar ao analisar a situação identificada, responder ao pressuposto que possuía sobre a inadequação dos procedimentos técnicos aplicados a situação específica e das políticas públicas existentes e aplicadas sem qualquer especificidade.

Considerando que as instituições sociais responsáveis, entre elas o sistema escolar, clubes e outros espaços, se constituem meios de visualização e interpretação das formas de configuração, da prática do basquetebol feminino na atualidade no Estado de São Paulo, é que se buscou levantar alguns indicativos que pudessem justificar ou mesmo confirmar esse pressuposto por meio de questões componentes do levantamento realizado.

Partindo da conjectura de que existiria, ou melhor, persistiria uma rudimentaridade no desenvolvimento da prática do basquetebol feminino, relacionada com fatores como: falta de conhecimento sobre a prática esportiva por parte dos agentes socioculturais responsáveis por essa disseminação; atrelamento precoce dessa prática ao esporte de rendimento; preponderância do modelo masculinizado de treinamento e da prática da modalidade devido às características das regras e procedimentos e ainda devido à interferência das políticas públicas e privadas consideradas inadequadas às necessidades das praticantes, é que se definiu como hipótese deste estudo, buscar confirmar essa situação e poder propor as alterações necessárias e indispensáveis visando a maior disseminação e qualificação das políticas públicas que permitam o avanço e melhoria das condições de participação do contingente feminino, principalmente oferecendo junto ao universo do esporte escolar, novas oportunidades.

Para atender as finalidades e necessidades do estudo foi identificado que se devesse adotar uma metodologia com fundamentação qualitativa, uma vez que o objetivo principal definia claramente a busca de respostas a indagações que pudessem justificar o “por que” e as razões principais para ocorrência do fenômeno estudado e as possíveis saídas. Portanto, foi utilizada como instrumento, tanto a pesquisa bibliográfica

como a documental sobre o esporte, sobre a modalidade abordada – o basquetebol, sobre a história do basquetebol no Brasil e no mundo, e também a respeito da relação entre esporte e gênero. Todo esse caminhar metodológico teve o intuito de compreender a modalidade esportiva em análise, a esportivização do jogo e a prevalência desse enfoque como fator significativo para a configuração da prática do basquetebol feminino.

Ainda na metodologia, como instrumento da técnica da pesquisa de campo desenvolvida, foi aplicado um questionário semi-estruturado composto de questões fechadas e abertas junto às atletas de basquetebol que participaram dos 68º Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo, realizados na cidade de Barretos – SP, no ano de 2004. Esse instrumento teve a finalidade de levantar dados sobre as atletas que praticavam e participavam de equipes de basquetebol feminino naquele momento: seus interesses, trajetórias, relações com o basquetebol e as formas de aquisição da cultura esportiva.

Essa pesquisa apresentou uma abordagem crítico-dialética, razão pela qual, o objeto foi tido historicamente, na relação com fatores de ordem política, visando à compreensão mais apurada da realidade, com perspectivas de explicação e transformação social através do entrecruzamento das várias visões possíveis naquele momento histórico.

A relação dialética estabelecida entre o objeto de estudo e o pesquisador, buscou desvendar a partir de movimentos contraditórios do pensamento, a interpretação da realidade, visando compreender o problema e o avanço dos agentes interferentes, junto ao esporte.

Finalmente foi aplicada a técnica do estudo de caso, uma vez que segundo Lüdke e André: “O caso se destaca por se constituir numa unidade de sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 17).

Esses autores – Lüdke e André (1986), citando Nisbet e Watt, assim como Chizzotti (1991) indicam a existência de três fases no estudo de caso: fase 01 – aberta ou exploratória; 02 – a coleta de dados e 03 – a interpretação sistemática dos dados e a elaboração do relatório. Estas três fases se superpõem em diversos momentos, sendo difícil precisar as linhas que as separam.

Também é interessante citar que segundo Becker (1993), o estudo de caso tem dois propósitos, ou seja: - Chegar a uma compreensão abrangente do grupo que está sendo estudado, como por exemplo, quem são seus membros, tipo de atividades e como se relacionam dentro do grupo e ainda, por outro lado, desenvolver teorias sobre estruturas sociais e seus processos, no caso, as políticas públicas específicas.

Já Triviños (1992) coloca que o estudo de caso surgiu como ponto de transição entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, por ele não se adaptar coerentemente a primeira. Esclarece que visa à descoberta, a interpretação em contexto. De forma completa e profunda, descrevendo uma instância singular, um objeto que é tratado como único.

Apresentada a questão da problemática que gerou este estudo e as questões justificativas e pertinentes à metodologia aplicada, exibimos agora o projeto de redação

sustentado neste trabalho, visando facilitar a leitura e entendimento dos vários momentos que o compõe.

Neste estudo, optou-se por desenvolver no Capítulo I, uma pesquisa bibliográfica sobre a origem e propagação do basquetebol, isto é, sobre a Gênese e desenvolvimento do Esporte Moderno para o que, foram analisados estudos de sociólogos preocupados tanto com o jogo, como com o fenômeno esporte. Foi ainda levantado o transcorrer histórico do basquetebol no mundo, no Brasil e no Estado de São Paulo, e principalmente de sua situação e desenvolvimento junto ao gênero feminino.

Já no Capítulo II, foi desenvolvido o estudo sobre o basquetebol e os meios responsáveis pela sua disseminação e manutenção, situação que ensejou a pesquisa bibliográfica, enfocando o esporte e suas características pedagógicas. Também nessa mesma parte do estudo foram identificadas e abordadas as políticas públicas e privadas de esportes e a disseminação do basquetebol no Estado de São Paulo.

Adiante, desenvolveu-se o capítulo com a utilização da pesquisa de campo, que oportunizou toda a problematização do estudo, por meio da qual se visou contextualizar a prática da modalidade basquetebol por mulheres na atualidade. Esse levantamento foi realizado por ocasião dos 68º Jogos Abertos do Interior, realizados na cidade de Barretos-SP, no ano de 2004. Constituiu-se no capítulo III, através do qual foi definido o processo de aplicação da metodologia principal visando dar sustentação à pesquisa organizada. Elegeu-se a característica necessária de uma metodologia com fundamentação qualitativa, mesmo que em determinadas situações se tenha lançado mãos de métodos quantitativos, que serviram de apoio à configuração do objeto estudado. Portanto, este foi um estudo qualitativo, uma vez que o objetivo principal

definia claramente a busca de respostas às indagações que pudessem justificar o “porquê” e as razões principais para a ocorrência do fenômeno estudado.

Após a análise de todos os dados levantados no estudo, a confluência de fatores vistos à luz das teorias estudadas, permitiu a efetivação de análises qualitativas importantes para a compreensão do problema que foram realizadas no capítulo IV. Essa condição possibilitou o alcance de resultados que mostraram que o basquetebol feminino no Estado de São Paulo possui potencial a serem explorados por meio de políticas públicas e privadas, gestadas a partir das necessidades das cidadãs, que possuem o direito à prática esportiva garantido constitucionalmente.

Concluiu-se que tanto as políticas privadas quanto as públicas se voltaram mais para a iniciação à prática espontânea do basquetebol. No entanto, depois de introduzidas na prática existente, as atletas revelaram dificuldades de manterem-se participando devido à interferência de fatores políticos e econômicos no oferecimento de oportunidades que poderiam ser geradas por meio de ações sistematizadas para esse fim.

Verificou-se dessa forma, que as ações implementadas até o momento não colaboraram suficientemente para que houvesse a disseminação e expansão da cultura da prática, haja vista a falta de continuidade dessas propostas, devido a motivações de ordem política e organizacional.

Também, o estudo permitiu concluir que o processo ensino-aprendizagem, no tocante às metodologias e pedagogias utilizadas pelos vários agentes disseminadores se consolidou a partir de visões de mundo, de homem e de esporte, distintamente; sendo que a situação de desenvolvimento em que se encontra a modalidade

basquetebol feminino, foi determinada historicamente em um contexto sociocultural e econômico existente no que se refere ao esporte e a competição.

1. ORIGEM E EXPANSÃO DO BASQUETEBOL

1. 1. Gênese e Desenvolvimento do Esporte Moderno

O esporte como fenômeno de interesse e prática mundial, foi visualizado como ponto de sustentação desta pesquisa, já que seria impossível compreender o objeto de estudo sem abrangê-lo sócio-culturalmente, e nesse sentido desenvolvemos neste capítulo uma pesquisa bibliográfica visando identificar, localizar e explorar a produção literária existente sobre a temática abordada neste estudo.

Sendo assim, não pudemos dissociar em momento algum o fenômeno social esporte de outros, aos quais se conectou historicamente e influenciaram-se mutuamente.

A origem do esporte e suas características, até hoje podem ser observados, pois as práticas, embora distintas, carregam componentes que revelam incidência de distinções sociais de classes de uma prática esportiva para outra, que também foram interessantes ao estudo. Assim resgatamos alguns pontos demonstradores destas interfaces, destacando-as.

Historicamente, a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra no final do século XIX, proporcionou sérias transformações sociais na Europa. Segundo Elias (1992), o contato mais próximo entre os aristocratas e os filhos dos operários propiciou trocas de experiências, que foram motivos de preocupações entre os mais conservadores, que

sentiam a necessidade de realizar uma reforma para desviar a atenção dos jovens, dos problemas políticos, pois entendiam que esses deveriam ser de alçada apenas dos governantes. O inglês Thomas Arnold, citado por Tubino (1992) que era diretor de uma escola muito respeitada na Inglaterra, e que seus métodos eram adotados por outros colégios ingleses, acreditava que por meio do esporte, seria possível diminuir tais tendências revolucionárias dos jovens, e também desenvolver a autoconfiança, e o senso de responsabilidade.

Para Tubino (1992), Arnold estabeleceu relações entre a educação e o esporte e mesmo que de maneira ainda incipiente, o educador viu no esporte possibilidades educacionais coerentes com aquele período histórico, que ao mesmo tempo em que buscava a formação para a disciplina também almejava a liberdade.

Ele efetuou uma reforma educacional e conseguiu implementar idéias sobre um sistema de ensino mais fundamentado na liberdade. Tal sistema foi adotado em toda a Inglaterra expandindo-se para outros países.

Tubino (1992) deixa claro que Arnold acreditava que o jovem deveria freqüentar a escola para se emancipar, e não para ser disciplinado. O jovem, para ele, deveria praticar a individualidade enquanto aprendia a respeitar as leis e os valores da sociedade, o que podia ser confundido com apropriação cultural que beneficiava os pensamentos e valores predominantes e vigentes na época.

Já para Lenk (1972, p. 142), o esporte servia para canalizar, desviar e neutralizar as condutas perigosas para o sistema sóciopolítico. Para o autor, isso se devia ao padrão autoritário da aprendizagem dos comportamentos competitivos que eram transmitidos e assimilados a ponto de adaptar os sujeitos de forma repressiva, impedindo o surgimento de uma consciência crítica. Considerava ainda, que o esporte

era um fenômeno estabilizador do sistema, por gerar conformismo perante a dominação e também, desviar os sujeitos dos seus instintos, suavizar os conflitos e por despolitizar.

O esporte enquanto fenômeno sócio-cultural influenciou e influencia os diversos setores da vida social tais como: a educação, a política, a economia, o lazer, e o turismo, entre outros. Trata-se de um fenômeno abrangente que adquiriu significados à medida que se tornou possível interpretá-lo parcialmente. Nesse sentido, Gebara (2000, in MOREIRA, 2000), reforçou tal posicionamento quando escreveu que *“... o esporte moderno é um objeto em constituição: ele não está ainda constituído a ponto de permitir sua compreensão a partir de um modelo de análise pré-concebido; não obstante serem os modelos de análise fundamentais para o desenvolvimento problematizador do tema”* (GEBARA, 2000 in MOREIRA, 2000, p. 100).

Assim, os teóricos que se dedicaram e dedicam-se a avançar nessa compreensão, nos ofereceram dados, quando percorreram o caminho, recuperando aspectos significativos da construção do objeto, ao mesmo tempo em que essas análises puderam se constituir em meios de observação da própria sociedade. Nesse sentido, Dunning e Elias (1995), por meio do esporte observaram formas abrangentes de relacionamentos e comportamentos sociais. Também de acordo com os autores, o esporte moderno é um fenômeno recente, que como já escrevemos surgiu em meados do século XVIII, na Inglaterra, como parte do movimento de pacificação da sociedade, até então muito violenta. Esse movimento foi iniciado pela aristocracia inglesa, quando a principal divisão política era a existente entre grupos de proprietários rurais dos Whigs e Tories. O desporto constituiu-se em um fator de integração social durante aquele século e no início do século XIX.

Para Elias (1992), a relação entre a emergência do governo parlamentar e o desporto no século XVIII na Inglaterra, esteve ligada a um processo de “avanço” da civilização. Ao analisar a diferença entre o desenvolvimento das classes mais “altas” francesas e inglesas, afirmou que na França o modo autocrático e supremo de governo não permitiu que os desentendimentos e lutas entre facções revelassem suas intenções. Já na Inglaterra, o regime parlamentar não só autorizava os confrontos abertos entre facções rivais, como tornava necessária a sua declaração. O êxito da sociedade parlamentar dependeu do poder de argumentação e de persuasão e não da capacidade de lutar que se refletia também nos desportos, pois havia repressão da violência.

...As técnicas militares deram lugar às técnicas verbais do debate feitas de retórica e persuasão, a maior parte das quais exigia mais contenção geral, identificando de modo nítido, esta mudança com um avanço de civilização...(ELIAS, 1992, p. 59).

Elias (1992) relatou a existência de afinidades entre os debates parlamentares e os confrontos desportivos que eram ...”competições nas quais os cavalheiros reprimiam o recurso à violência ou, no caso dos espectadores desportivos, como, por exemplo, nas corridas de cavalos ou no boxe, onde se procurava eliminar ou moderar, sempre que possível, a violência”. (ELIAS, 1992, p. 64).

Para o autor, no transcorrer do século XX, as competições físicas regulamentadas, entendidas como “desportos”, foram utilizadas como representações simbólicas, não violentas, de competição entre Estados.

O autor pesquisou as razões que essa civilização dos jogos de competição e de restrição da violência, teve e também que esta civilização teve sua origem na Inglaterra.

Ao fazê-lo, interpretou que a rápida disseminação das atitudes de controle da violência através dos desportos surgiu da necessidade de outros países europeus em diminuir a violência.

Como foi que, entre eles ocorreu à transformação dos passatempos mais antigos em desportos é um facto de alguma relevância neste contexto. Pode-se dizer que a emergência do desporto em Inglaterra, durante o século XVIII, constituiu uma parte integrante da pacificação levada a cabo pelas classes mais altas inglesas. (ELIAS, 1992, p. 55).

Elias (1992) ao analisar historicamente as inter-relações entre as transformações sociais e o desporto, nos ajudou a visualizar o basquetebol feminino, objeto deste estudo, que se apresentou como prática pouco disseminada, se comparada a outras na atualidade, no Estado de São Paulo. Um dos possíveis fatores responsáveis deveu-se ao distanciamento do desporto e de sua organização, de necessidades humanas e sociais ligadas à emoção, excitação e prazer, que podem ser supridas em práticas lúdicas.

Elias e Dunning (1992) ao estudarem a busca da excitação humana no meio social, se envolveram com a utilização do futebol, como um modelo de análise e interpretação de tais relações e reações.

Para os autores, os desportos em geral, eram competições que envolviam força física e eram organizados a partir de regras criadas com a finalidade de controlar a violência e diminuir os aspectos negativos das práticas, como os danos físicos, determinando os comportamentos dos praticantes e dos não praticantes.

Assim, quando se assiste a um jogo de futebol, não é apenas o clímax representado pela vitória da nossa equipa que oferece emoção e

prazer. Com efeito, se o jogo é, em si mesmo, desinteressante, até o triunfo da vitória pode ser, de certo modo, uma desilusão... (ELIAS, 1992, p. 47-48).

Tal prática lúdica mantém relação com o lazer e foram estudadas por Elias e Dunning (1992).

Como já escrevemos, o interesse de Elias e Dunning (1992) estava na compreensão da sociedade, onde cada vez mais pessoas se utilizavam do esporte no tempo livre, participando direta ou indiretamente (assistindo) a estes confrontos não violentos, de habilidades corporais.

O desporto como prática de base lúdica, historicamente interessou ao homem, e de acordo com Betti (1997), a sistematizou, redimensionando-a a partir das novas relações, inclusive e preponderantemente aquelas ligadas ao tempo social oriundo das relações advindas da Revolução Industrial, quando novo dimensionamento foi dado ao trabalho.

Dois elementos foram importantes para a construção de nossos argumentos sobre o esporte neste estudo: o primeiro foi o do interesse humano, e o segundo, o da possibilidade de desenvolvimento individual e coletivo no meio social.

Segundo Elias e Dunning (1992), isso se confirma, quando um grande número de pessoas no mundo inteiro, se envolve com o esporte, praticando-o de variadas formas, criando tensões e excitações, que para eles antecedem o próprio prazer, não provocam “derramamento” de sangue e nem ferimentos sérios aos participantes, mas simulam situações que permitem o extravasamento de atitudes violentas ou agressivas foram observadas historicamente pelos autores.

No artigo intitulado “A Gênese do Desporto: Um Problema Sociológico”, Elias (1992) escreveu sobre a emergência do desporto como uma maneira de confronto físico porém, não violento. Comparou-o com o próprio desenvolvimento da sociedade em que os poderes se acertam através de meios não violentos. Desenvolveu uma linha de raciocínio relacionando passatempo, desportos e estrutura de poder. Tais relações se configuraram como necessidades, sendo o desporto para Elias e Dunning (1992) um produto social, que acompanha as transformações da sociedade, em relação ao código de conduta e de sensibilidade.

Nesse sentido, o basquetebol na atualidade pode ter perdido o contato com a sua finalidade precípua para as meninas e mulheres que o praticavam: o prazer, a base lúdica e as sensações explicitadas pelos autores, “emoções/controle” – tensões (mimetismo social).

As modificações decorrentes do processo de transformação social permitiram aumento da sensibilidade e diminuição da violência, o que para os autores, não descaracterizou a vivência de tensões e excitações, caso, por exemplo, do boxe (introdução de luvas, e eliminação do uso das pernas), assumindo as lutas, características de desporto com o aumento da proteção dos jogadores e com as modificações das regras.

Os processos de transformação social também puseram em evidência outras formas de violência contra o ser humano. Betti (1997) tratou desse assunto ressaltando o dinheiro, a mídia e a transgressão às regras no futebol, que ele chamou de esporte espetáculo. Também destacou os casos de doping, que além de demonstrar comportamentos não aceitáveis legalmente, podem levar os praticantes à morte. O que

nos instiga a refletir sobre a sensibilidade na prática do desporto aproximar-se do sofrimento, do estresse, e limites, relembrando fases da história, que colocaram os sujeitos entre a vida e a morte, como na gênese do esporte.

O que estamos discutindo aqui, é que embora compactuemos com Elias e Dunning (1992) sobre a concepção do esporte, temos que focar o seu desenvolvimento, a partir da organização que adquiriu mais recentemente na sociedade, na qual depende dos órgãos reguladores, os quais em maior ou menor medida interpretam sua função para a vida humana, influenciada por fatores políticos, sociais e econômicos. Em síntese, a visão de mundo impregnada nessas esferas, serve de apoio para os direcionamentos dados, sejam estes positivos e adequados ou não para a proliferação e processo de aculturação ou seja, de fixação de uma cultura predominante.

Para Bourdieu (1983), o esporte é um conjunto de práticas e de consumos esportivos que são oferecidos a agentes sociais, por instituições, para suprir a uma demanda social, indicando que o esporte é acima de tudo um fenômeno cultural.

Os sistemas institucionalizadores do esporte moderno, cada vez mais se desenvolveram até desempenharem-se como um campo (o esportivo), constituído por órgãos públicos e privados representativos dos esportistas de determinadas modalidades, e a organizarem e normatizarem as práticas. Como espetáculos esportivos, envolveram produtores e vendedores, bens e serviços diretos ou indiretos ligados ao esporte.

... não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história

relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. (BOURDIEU, 1983, p. 137).

Sendo assim para Bourdieu (1990) é necessário pensar o esporte como um “conjunto de práticas esportivas” e não somente como um esporte em particular. Deve-se raciocinar sobre as práticas esportivas buscando compreendê-las como um sistema.

Para compreender uma modalidade esportiva é necessário conhecer o espaço que ela ocupa no sistema esportivo. Segundo Bourdieu, um conjunto de indicadores pode delimitar tal espaço “... a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição de diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, etc”. (BOURDIEU, 1990, p. 208).

Bourdieu (1990) acreditava na existência de relações entre determinados esportes com os “interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social”. (BOURDIEU, 1990, 208).

Na visão do autor há um espaço para as práticas esportivas que se relaciona e mantém interdependência com os espaços das posições ocupadas socialmente. Sendo assim, para Bourdieu (1990) o esporte podia assumir diversas nuances e utilizações, por que para ele várias organizações oferecem tanto espaço e dão tanta importância as disciplinas corporais que ele entendia que o esporte podia servir para a “manipulação regrada do corpo”, servindo assim para um processo de “domesticação” das pessoas. (BOURDIEU, 1990, p. 220).

A configuração da prática do basquetebol feminino em muito se atrela às concepções teóricas dos autores até o momento estudados. Uma vez que se encontra

caracterizada enquanto prática não elitista, com complexidade de regras, com órgãos normativos em várias instâncias, que a coordenam de acordo com os mais variados interesses e visões, tais como a diminuição da violência, aumento ou não das tensões e excitação.

A dimensão que trás à tona a excitação e prazer nas práticas miméticas abordada por Elias e Dunning (1992), se vincula ao prazer lúdico, que deram início ao esporte praticado pela aristocracia inglesa, que também sofreu alterações resultantes do processo de apropriação pela burguesia de hábitos e valores, enfim, cultura que normatizou as várias modalidades.

Elias e Dunning (1992) consideraram a necessidade que tem os seres humanos de se envolverem em atividades esportivas, em que o embate é fictício/mimético. Estamos levando em conta que o adversário maior é o próprio sujeito, guardadas aqui as devidas proporções comportamentais, já que os autores concordam que as regras dos jogos ou esportes não permitem em certa medida, a exterminação dos opositores.

Estaria a prática do basquetebol feminino rudimentarizada em virtude do não atendimento da emoção, excitação e prazer necessários à vida humana e que pode ser vislumbrado no desporto? Estaria esse jogo organizado e dirigido por homens, atendendo às reais expectativas de homens, mulheres, meninos, meninas, e portadores de necessidades especiais?

Elias (1992), escreveu que a contenção de sentimentos fortes, no sentido de alguém preservar um “controle” regular firme e completo dos impulsos, “afectos” e emoções é um “factor” de origem de novas tensões.

Até onde se pode verificar, a maioria das sociedades humanas desenvolve algumas contramedidas em oposição às tensões do stress que elas próprias criam. No caso das sociedades que atingiram um nível relativamente avançado de civilização, isto é com relativa estabilidade e com forte necessidade de sublimação, às restrições harmoniosas e moderadas, na sua globalidade, podem ser observadas, habitualmente, numa considerável multiplicidade de actividades de lazer, que desempenham essa função, e de o desporto é uma variante. Mas, para cumprir a função de libertação das tensões derivadas das pressões, estas actividades devem conformar-se a sensibilidade existente face a violência física que é característica dos hábitos sociais das pessoas no último estágio de um processo de civilização... (ELIAS, 1992, p. 69-70).

Sendo assim, o oferecimento de políticas públicas e privadas de esporte que contemplassem o basquetebol, deveriam partir de relações mais estreitas com o lazer, já que segundo Elias (1992):

Enquanto a excitação é bastante reprimida na ocupação daquilo que se encara habitualmente como as actividades sérias da vida – excepto a excitação sexual, que está mais estritamente confinada ‘a privacidade’ -, muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitação, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos. Filmes, danças, pinturas, jogos de cartas, corridas de cavalos, óperas, histórias policiais e jogos de futebol – estas e muitas outras actividades de lazer pertencem a esta categoria. (ELIAS, 1992, p. 70-71).

Então, argumentou Elias (1992) que a animação dos sentimentos e a excitação, são favorecidas no lazer, pela dinamização habitual da criação de tensões.

Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro de divertimentos. Diferentes estados de espíritos são evocados e talvez colocados em contraste, como a angústia e a exaltação, a agitação e a paz de espírito...(ELIAS, 1992, p. 71).

Logicamente o fenômeno esportivo institucionalizado interferiu nas regras do basquetebol, tanto é que a profissionalização alterou o seu funcionamento a partir do “tempo da TV”, já que o jogo até então dividido em dois períodos de vinte minutos, passou a ser jogado em quatro períodos de dez minutos cada, para possibilitar a veiculação e comercialização de produtos e serviços durante os intervalos, especialmente quando as partidas eram transmitidas pela TV. A tentativa de comercializá-lo e de todos aqueles que estão jogando, levou também à diminuição do tempo de ataque, de trinta, para vinte e quatro segundos. Um jogo em que o número de cestas aumentou devido a elevação dos ataques, tornando mais emocionante, atraente, e logicamente mais rentável para os patrocinadores.

Elias (1992), relatou:

As proezas desportivas que hoje culminam nos Jogos Olímpicos fornecem exemplos notáveis. Aí a luta pelos recordes mundiais suscitou uma direcção diferente ao desenvolvimento do desporto. As tensões miméticas do lazer desportivo são dominadas e padronizadas por tensões globais e rivalidades entre vários Estados, sob a forma de um acontecimento desportivo. Quando assim sucede, o desporto assume um carácter que, em certos aspectos, é nitidamente diferente daquele que se revela enquanto ocupação de lazer. (ELIAS, 1992, p. 72).

Talvez o interesse pela prática do basquetebol por mulheres no Brasil se iniciou quando estas experimentaram a feliz sensação de encestarem a primeira bola, e de entenderem que isso não ocorria ao acaso. No entanto, quando elas foram para os clubes e se engajaram a um sistema organizado formalmente, de acordo com os parâmetros descritos. Assim, aquela prática de certa forma se inviabilizou, devido às dificuldades colocadas para a criação de possibilidades que estivessem ligadas muito

mais ao prazer, a emoção e a restauração da energia, componentes que as moveram em direção ao basquetebol.

Na perspectiva de Elias (1992), as tensões humanas, fruto do modo de viver em sociedade, ocasionaram situações negativas e estressantes, que são controladas mediante mecanismos que em maior ou menor medida se revelaram sob a forma de “considerável multiplicidade de actividades de lazer, que desempenham essa função, e de que o desporto é uma variante”...(ELIAS, 1992, p. 69).

Enquanto atividade de lazer, talvez permita tal extravasamento, benéfico ao homem, e à sociedade onde vive, mas por outro lado, escreve Elias (1992) que...*“a contenção de sentimentos fortes, no sentido de alguém preservar um controlo regular, firme e completo dos impulsos, afectos e emoções é um factor de origem de novas tensões”*. (ELIAS, 1992, p. 69). Esses impulsos, são próprios dos que desejam vencer a qualquer custo, controlando as situações, se auto controlando, impossibilitam momentos reais de prazer e extravasamento das tensões, por conta da obsessiva busca da vitória. De acordo com o autor, este é um fator negativo para o controle do comportamento social.

No caso da prática feminina do basquetebol, a sua configuração poderia ser de várias formas, entre elas a retomada do aspecto prazeroso do jogo que seria possível a partir de políticas públicas de esportes e lazer que considerassem as características das mulheres e que se voltassem à humanização do esporte e só secundariamente ao seu comércio.

O esporte sendo uma ocupação de lazer, como prática ou espetáculo proporciona: *“tensões miméticas agradáveis que conduzem a uma excitação crescente e a um clímax de sentimentos de êxtase, com ajuda dos quais a tensão pode ser*

resolvida com facilidade, como no caso de a sua equipa vencer uma prova desportiva”.
(ELIAS, 1992, p. 73).

As Confederações, as Federações, as Ligas, e os Comitês ficam mercê de corporações empresariais e industriais que financiam as equipes. Isto de certa forma ajuda na determinação do esporte que se destacará na mídia, difundindo mesmo que ilusoriamente a sua prática. Também é verdade, que ao patrocinar uma equipe de destaque, opta-se por homens ou mulheres e se cria com isso, uma tradição cultural dessa prática, ligada ao gênero em questão³.

Infelizmente, a tradição serve apenas como ponto de partida, já que a própria organização dos clubes é excludente, a ponto de atrair milhares de interessadas e selecionar rigorosamente as mais aptas, delineando um quadro que estamos tentando descrever.

Estes e muitos outros aspectos da sociedade humana não podem explicar-se em termos de idéias de indivíduos considerados isoladamente, nem sequer em termos de uma acumulação dessas idéias. Pelo contrário, exigem uma explicação em termos de desenvolvimento social. (ELIAS, 1992, p. 85).

Nesse sentido Elias (1992), abordou o processo social comparando-o ao jogo, sobre o qual escreveu: ... *uma configuração dinâmica de seres humanos cujas acções e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura.*

³ Caso por exemplo das equipes de basquetebol feminino que se formaram nas décadas de setenta a noventa nas cidades de Piracicaba, Jundiaí, Sorocaba e Santo André no interior do Estado de São Paulo. Todas patrocinadas por grandes grupos empresariais ou industriais.

A rudimentarização da prática se atrela a políticas públicas e privadas que não possuem o perfil prevalecedor de prática de lazer que se destine como afirmou Elias (1992):

“... a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitamento de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo – espaço ou desespero”. (ELIAS, 1992, p. 79).

Elias (1992), concluiu que: *“para perceber a configuração em mudança dos adversários interligados num processo unitário, é indispensável um grau de distanciamento bastante elevado”.*(ELIAS, 1992, p. 88). No caso das políticas públicas e privadas de esportes desenvolvidas por diferentes instituições, a expansão do basquetebol pelas práticas só ocorrerá se as propostas considerarem suas características e necessidades.

Então, tais políticas daí partindo, proporcionariam níveis mais elevados de envolvimento com a prática do basquetebol feminino, porque:

... a sociedade que não oferece aos seus membros, e, em especial, aos mais jovens, oportunidades suficientes para a excitação agradável de uma luta que não exige, mas pode envolver força e técnica corporal pode, indevidamente, arriscar-se a entorpecer a vida dos seus membros; pode não proporcionar correctivos complementares suficientes para as tensões não excitantes produzidas pelas rotinas regulares da vida social. (ELIAS, 1992, p. 95).

Os gestores considerando que uma das funções básicas que a sociedade possui para sua satisfação é o prazer proporcionado, entre outras formas, pelo esporte, quando este produz excitação que equilibra o controle regular dos sentimentos fora do lazer, devem imbuir-se dessa visão para planejamento e implementação das políticas públicas e privadas de esporte.

Elias (1992) considerou que o profissionalismo no desporto tenha secundarizado o desporto de lazer. Sobre isso escreveu:

As actividades desportivas realizadas por não profissionais mostram, inevitavelmente, um nível de técnica inferior ao que é realizado por profissionais nessas modalidades. Por outro lado, o desporto realizado com fins profissionais pode ser desprovido de alegria para aqueles que o praticam; pode estar sujeito ao mesmo tipo de constrangimentos que conhecem outras actividades profissionais. (ELIAS, 1992, p. 99).

A prática do basquetebol feminino deve se orientar por um modelo que não perca de vista a essência do envolvimento com o esporte de forma lúdica, interessante para desoprimir o ser humano sem assumir uma função compensatória.

1. 2. Basquetebol no Mundo

Interessou-nos levantar informações sobre o basquetebol no mundo, no Brasil e no Estado de São Paulo porque o conhecimento sobre sua história permite análises mais seguras sobre o processo de proliferação de sua prática.

O basquetebol surgiu em 1891 no Estado de Massachusetts nos Estados Unidos. Seu idealizador foi o professor James Naismith, que permitiu a vivência da prática pela primeira vez em dezembro de 1891, com a participação de dezoito alunos. De acordo com o documento oficial da International Amateur Basketball Federation – FIBA (1972), o professor Naismith lecionava na Associação Cristã de Moços – A.C.M., quando foi solicitado pela direção da instituição para criar um jogo que se realizasse em recinto fechado, devido as baixas temperaturas do inverno americano.

Ainda de acordo com o documento da FIBA, o professor Naismith naquele momento, improvisou o que veio a se constituir no jogo de basquetebol, que teve desde sua origem, como objetivo principal, acertar um alvo. Por isso, além dos cestos, foi inicialmente utilizada por Naismith, uma bola de futebol. Com o passar do tempo de prática do jogo, houve a necessidade de usar uma bola maior, o que aconteceu em 1894.

A publicação das primeiras regras ocorreu em 1892, totalizavam treze artigos, muitos dos quais ainda estão em vigor.

Foi James Naismith o homem que, em treze artigos, apenas treze, alicerçou as bases deste jogo que hoje é praticado em quase todo o mundo e que é um dos únicos esportes deliberadamente inventado, “construído” e criado com um objetivo previamente definido.(DAIUTO, 1991, p. 63).

Daiuto (1991) ressaltou que o jogo de basquetebol surgiu como atividade recreativa, formativa e democrática, pois permitia a participação dos alunos na criação do próprio jogo.

De acordo com esse autor, foi num seminário sobre psicologia, no colégio da A.C.M., em que se discutiam as “invenções”, que foi proposta a possibilidade de

recombinação de fatores para a criação de “coisas novas”. Nesse caso, a criação de um novo jogo foi tida como “tarefa de casa” para o grupo de alunos. O professor Naismith ficou incumbido dessa tarefa, já que ninguém atendeu à determinação.

Para ele, o grupo de alunos se encontrava desmotivado e acreditava que se dispusessem de jogos conseguiria maior atenção e adesão dos rapazes.

Naismith, em palestra pronunciada no Springfield College, em 05 de janeiro de 1932 demonstrou claramente os propósitos que tinha naquela época.

Existe grande diferença na situação da Educação Física de hoje e daquele tempo. Naquele tempo para iniciar qualquer trabalho contrário à opinião geral, era preciso possuir espírito missionário sobre o que poderia ser feito de bom.

Espero que me perdoem a citação de uma experiência pessoal, mas acredito que possa auxiliá-los. Em meus dias de colégio, deitado no leito, num domingo, pensei: Qual a finalidade de tudo? O que é vida? O que você vai fazer? O que vai ser? Que máxima colocará a sua frente? Formei então em minha mente, este pensamento: “quero deixar este mundo um pouco melhor do que o encontrei”. Esta máxima é a mesma até hoje. Foi algo muito eficaz e excelente para mim. (NAISMITH, 1932, apud DAIUTO, 1991, p. 74).

O surgimento do jogo não ocorreu de forma imediata, segundo Daiuto (1991) “Naismith aceitou a incumbência e tentou algumas modificações ou adaptações nos esportes mais conhecidos, de modo que pudessem ser praticados em recintos fechados. Alguns jogos foram testados...”. (DAIUTO, 1991, p. 65). Naismith não perdia de vista as características básicas que o novo jogo deveria ter:

1. Comportasse grande número de jogadores;
2. Pudesse ser adaptado a qualquer espaço;
3. Servisse de exercício completo;
4. Fosse atraente;

5. Não fosse muito violento;
6. Fosse fácil de aprender;
7. Fosse científico, para lograr interesse geral.

Os princípios básicos do jogo criado foram definidos, ficando estabelecido que... “a bola seria esférica e grande”, ... “o jogador não poderia correr com a bola”, ... “a bola deveria ser passada com as mãos”, ... “seria proibido o contato corporal”, ... “a meta seria colocada horizontalmente”. (DAIUTO, 1991, p. 65).

Quanto à posição do alvo, Daiuto (1991) explicou que foi propositadamente determinada, tendo o professor Naismith se inspirado em jogos de alvo que realizava em sua infância. Para o criador do jogo de basquetebol, por este se realizar em recinto fechado, deveria ser atenuada a força física, para impulsionar a bola. Inicialmente, Naismith solicitou duas caixas que ficariam no chão de uma sala. Em função de sua localização num plano muito baixo, houve a necessidade de elevação da altura, sendo as caixas substituídas por cestos de colher pêssegos, fixados a três metros e cinco centímetros do solo. Tal ocorrência, deveu-se a esta altura coincidir com a única possibilidade de instalação dos cestos no interior do prédio da Associação Cristã de Moços.

Partindo dessa idéia, Naismith resolveu adotar um alvo horizontal. De início, surgiu a idéia de colocar uma caixa de cada lado do campo, de modo que toda vez que a bola caísse ali dentro seria um ponto, mas nesse caso a defesa seria muito fácil pois os jogadores se colocariam em volta da caixa e seria quase impossível a obtenção de pontos. A solução foi elevar a caixa a uma altura que não permitisse esse tipo de defesa, exigindo que os jogadores atirassem a bola com habilidade e precisão, ao invés de força e velocidade. (DAIUTO, 1991, p. 66).

Destacamos que as caixas inicialmente solicitadas e posteriormente substituídas por cestos, possuíam diâmetro de quarenta e cinco centímetros. A altura das cestas, de três metros e cinco centímetros do solo, se mantém até hoje na regra do basquetebol.

No início era necessário retirar a bola do fundo da cesta por um orifício, com um bastão. Depois se confeccionou uma rede de fios, que posteriormente foi substituída por outro modelo, com um cordão para liberar a bola.

Segundo encontramos no documento da FIBA (1972), o basquetebol não tinha melhor lugar para nascer, pois a A.C.M. dedicava-se à preparação de “líderes jovens” e o basquetebol foi concebido para o “desenvolvimento espiritual, social, mental e físico do homem”. Este fato atrelou valores educacionais ao jogo. Além disso, a presença de jovens preparados para atuarem como missionários contribuiu para a rápida difusão do jogo, em todo o mundo. Em 1893 um ex-aluno da A.C.M. de Springfield, introduziu o jogo na França. Em 1894 foi divulgado na China e também na Índia. Após, foi jogado na Pérsia e no Japão. Em 1905, um americano foi convidado para ser diretor da área de Educação Física em um clube russo, e assim foi introduzido o basquetebol naquele país.

O basquetebol sofreu o impacto causado pelas duas guerras mundiais, que restringiu sua proliferação. Segundo a FIBA (1972), isso não foi totalmente negativo, pois havia a prática nos acampamentos, pelos prisioneiros de guerra e refugiados, que só foi possível ocorrer com a distribuição de equipamentos pela A.C.M., expandindo-se entre vários povos; na Polônia, Tchecoslováquia, Romênia, Bulgária, Grécia e Itália.

Um problema observado no período pós-guerra, foi à utilização de conjuntos de regras diferentes. Em muitos países, o basquetebol era jogado com as regras da época em que foi introduzido, ao passo que em outros, o jogo já tinha evoluído e apresentava

outras formas. Era praticamente impossível a realização de um jogo internacional, sem uma conferência antecipada para discussão sobre as regras que seriam aplicadas. Essa situação contribuiu em muito para a criação da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), em 1932.

Em 19 de outubro de 1934, em sua sessão plenária, o Comitê Olímpico Internacional – COI aprovou a inclusão do basquetebol no programa dos Jogos Olímpicos, e em 28 de fevereiro de 1935 o próprio C.O.I. reconheceu a FIBA como órgão legítimo, representante do basquetebol no mundo, desencadeando ainda mais o processo de expansão mundial do basquetebol.

A primeira participação da modalidade nos Jogos Olímpicos aconteceu em Berlim na Alemanha em 1936, na XI Olimpíada, realizada de 01 a 16 de agosto, em que participaram vinte e três equipes masculinas.

Na referida Olimpíada, de acordo ainda com o documento da FIBA (1972), a equipe dos Estados Unidos venceu a do Canadá por 19 pontos a 08, na final, sendo que a classificação foi a seguinte:

1. Estados Unidos
2. Canadá
3. México
4. Polônia
5. Filipinas
6. Uruguai
7. Itália
8. Peru

Do 9º ao 14º lugar, ficaram respectivamente as equipes: do Brasil, do Chile, da Tchecoslováquia, da Estônia, do Japão e da Suíça.

Já no primeiro campeonato mundial masculino, em Buenos Aires, na Argentina, no período de 22 de outubro a 03 de novembro de 1950, dez equipes participaram, com a classificação final tendo sido:

1. Argentina
2. Estados Unidos
3. Chile
4. Brasil
5. Egito
6. França
7. Peru
8. Equador
9. Espanha
10. Iugoslávia

O basquetebol pelo que pudemos captar nos estudos sobre a sua história começou como jogo, teve forte vínculo com a Educação, e com sua propagação se transformou a partir da criação de órgãos que o normatizaram, configurando características diferenciadas em relação às iniciais.

Hoje, o basquetebol predominantemente se caracteriza pelo formato mais voltado as normatizações da FIBA. No entanto, também ainda se faz presente nos programas da disciplina de Educação Física dos ensinos fundamental e médio das escolas paulistas.

Como prática fortemente influenciada pela mídia, sobretudo pela National Basketball Association (NBA) com transmissão do campeonato norte-americano em canais exclusivos, as escolas e os professores de Educação Física, bem como seus alunos sofreram influência que distanciaram o basquetebol da sua faceta “jogo” educacional, aproximando-o mais da vertente de rendimento e desempenho atlético.

Como neste estudo o interesse pela configuração da prática por mulheres no Estado de São Paulo foi o principal objetivo, analisamos esta, observando aspectos relevantes ao estudo.

1. 2. 1. Basquetebol feminino

O basquetebol feminino começou a ser praticado logo após a sua criação. Daiuto (1991) relatou que Naismith disse na época em palestra realizada em 1932 que algumas moças gostavam de assistir aos jogos dos rapazes.

*Havia uma outra razão: existia uma escola não muito distante. Nosso **gymnasium** estava no térreo e a porta abria-se para a rua. Várias professoras costumavam entrar e observar os rapazes jogando, ao mesmo tempo em que incentivavam o jogo. Entre onze horas e meio-dia, diariamente, vinham as moças e os rapazes jogavam para elas assistirem. Logo havia cerca de cem pessoas na galeria presenciando o jogo. Não demorou muito e as professoras me procuraram perguntando se não poderiam praticá-lo. Eu não vi nenhum motivo porque não o fizessem. Considerava-o ótimo jogo e perfeitamente adequado a elas. (NAISMITH, 1932, apud DAIUTO, 1991, p.73).*

De acordo com Daiuto (1991), em janeiro de 1892, algumas professoras do Buckingham Grade School iniciaram a prática do basquetebol com a orientação de Naismith. O primeiro jogo ocorreu em março, sendo as duas equipes constituídas por datilógrafas, professoras e esposas de professores da Associação Cristã de Moços (ACM). Destacamos a presença como jogadora, de Maude E. Sherman, que se tornou a futura esposa de Naismith.

O primeiro torneio de basquetebol feminino aconteceu em março de 1893, entre as alunas do Smits College, e de North Hampton, Massachusetts. Não foi permitida a presença de homens para assistirem aos jogos, porque as jogadoras usavam amplas bombachas e uma saia curta (bloomers).

Em seu início, o basquetebol feminino era jogado com as mesmas regras do masculino, tendo sofrido algumas adaptações que foram realizadas pela senhorita Baer, do Newcomb College, sendo inclusive elogiada por Naismith. Essas alterações não deram resultados positivos, pois as jogadoras preferiram as mesmas regras do masculino. Porém, também encontramos em Daiuto (1991) que outras alterações foram realizadas, ficando as seguintes divergências entre as regras utilizadas pelos homens e mulheres:

1. *Seis jogadoras para cada quadro;*
2. *A quadra, cujas dimensões são as mesmas do basquetebol masculino, deve ser dividida em duas partes;*
3. *As guardas e atacantes devem permanecer nas respectivas áreas da quadra, sendo que as guardas não podem arremessar à cesta;*
4. *O jogo é iniciado com uma bola ao alto no círculo central;*

5. *A bola é reposta em jogo no centro do campo no começo de cada quarto de tempo, devendo o árbitro entregá-la alternadamente a cada uma das jogadoras do centro;*
6. *O drible não é permitido; a jogadora tem o direito de bater uma vez a bola no chão e recuperá-la antes de ser tocada por qualquer outra jogadora (pode também realizar o juggle — jogar a bola para o alto e recuperá-la em seguida —; não pode, porém, combinar as duas ações);*
7. *A bola pode ser passada livremente através da linha central, desde que as jogadoras permaneçam nas respectivas zonas do campo;*
8. *Quando uma atacante pratica uma falta numa guarda, qualquer das atacantes, companheira da guarda, poderá fazer a tentativa do lance livre;*
9. *Depois de cada cesta, a bola é reposta em jogo no centro do campo por uma das atacantes do quadro que sofre a cesta;*
10. *À jogadora não é permitido colocar as mãos sobre a bola enquanto uma adversária está de posse da mesma. (DAIUTO, 1991, p. 77).*

No Congresso Mundial, realizado pela FIBA em 1952, em Helsinque, ficou assegurada a participação de mulheres em campeonatos mundiais, organizados pela entidade. O primeiro campeonato mundial feminino foi realizado em 1953, na cidade de Santiago de Chile, no Chile. Esse campeonato foi disputado no período de 07 a 22 de março e teve a participação de dez equipes, sendo oito das Américas e duas da Europa (França e Suíça).

De acordo com o documento oficial da International Amateur Basketball Federation - FIBA (1972), o campeonato teve sucesso, sendo realizado em um ginásio de esportes especialmente construído para essa finalidade, com capacidade para 35.000 espectadores.

O resultado final do campeonato, por ordem de classificação foi o seguinte:

1. Estados Unidos da América;
2. Chile;
3. França;
4. Brasil;
5. Paraguai;
6. Argentina;
7. Peru;
8. México;
9. Suíça;
10. Cuba.

Em Olimpíadas, a participação de equipes de basquetebol femininas iniciou-se em 1976, nos XXI Jogos Olímpicos, realizados em Montreal, Canadá e foi vencido pela equipe da União Soviética.

1. 2. 2. Basquetebol no Brasil

O basquetebol foi inserido no Brasil em 1896, pelo professor Auguste Farnham Shaw, no Mackenzie College (Universidade Mackenzie), na cidade de São Paulo - SP.

Segundo Daiuto (1991), o basquetebol foi praticado inicialmente no Brasil pelas alunas internas do Mackenzie. Depois, se estendeu às alunas do Instituto de Educação Caetano de Campos, divulgado pelo professor Oscar Thompson.

Em seguida, o basquetebol passou a ser praticado pelos sócios da Associação Cristã de Moços de São Paulo – SP, que se reuniam após as aulas de ginástica.

Daiuto (1991) destacou que o basquetebol foi difundido no Brasil por meio da Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo, que também o introduziu no Rio de Janeiro/RJ.

Já em 1915, foi disputado no Rio de Janeiro o primeiro torneio do Brasil, e também da América do Sul. Foi vencido pela equipe representativa da Associação Cristã de Moços, que foi a organizadora do evento.

Para Daiuto, o basquetebol brasileiro teve forte contribuição de Mr. Fred C. Brown, que era professor de Educação Física formado pela Escola Superior de Educação Física de Chicago. Ele veio ao Brasil convidado pelo então presidente do Fluminense Futebol Clube, o Sr. Arnaldo Guinle. Prestou relevantes serviços ao clube Fluminense, à Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, e à Confederação Brasileira de Desportos. Foi técnico da equipe de basquetebol do Fluminense Futebol Clube, tendo sido campeão carioca no período de 1920 a 1927.

As Associações Cristãs de Moços do Rio de Janeiro e de São Paulo, contribuíram muito para a difusão do basquetebol no Brasil.

No período de 1925 a 1933, o basquetebol teve como órgão dirigente, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o qual organizou o primeiro campeonato brasileiro masculino, em 1925, no Rio de Janeiro - RJ. Já o primeiro campeonato feminino ocorreu em 1940 e também foi organizado pela CBD.

Em 1933, no Rio de Janeiro/RJ foi fundada a Federação Brasileira de Basketball, que teve sua denominação alterada em 1941, passando a ser Confederação Brasileira de Basketball (CBB), que perdura até os dias atuais.

1. 2. 3. Basquetebol Feminino no Estado de São Paulo

Daiuto (1991) recuperou a história do basquetebol no Estado de São Paulo, lembrando que os alunos do Mackenzie relutaram em princípio, em praticar o basquetebol, pois viram algumas fotos de meninas jogando esse esporte nos EUA e se recusaram a jogar, porque consideravam que era um jogo feminino.

Em 1922 poucos continuavam a praticar esse esporte; apenas os alunos da Associação Cristã de Moços, e da Associação Atlética de São Paulo. Paulatinamente se ampliou a prática do basquetebol, e clubes como o Clube Atlético Paulistano, o Clube Espéria, o Antártica Futebol Clube e o Palestra Itália (atual Sociedade Esportiva Palmeiras), introduziram o basquetebol como prática regular.

Escreveu Daiuto (1991), que foi organizado um campeonato em 1923, com a participação desses clubes, mas o resultado não foi positivo, não tendo havido grande interesse por parte do público, pois não tinham conhecimento das regras.

Os dirigentes dos clubes não tinham na época, orientação de nenhum órgão no que dizia respeito à regularização do basquetebol. Esse fato fez com que eles se reunissem e tomassem a iniciativa de fundar em 29 de abril de 1924, a Federação Paulista de Bola ao Cesto, que se tornou mais tarde a Federação Paulista de Basketball. A partir desta data os clubes se filiaram e equipes de basquetebol foram criadas originando as primeiras políticas públicas e privadas ligadas a essa prática.

O basquetebol, segundo verificamos no Atlas do Esporte no Brasil (2005, p.266), era conforme Naishmith adequado ao sexo feminino. De acordo com a publicação acima, o primeiro artigo sobre o basquetebol foi editado em 1905 no Brasil na “Revista do Ensino” de autoria de Carolina G. Smith, destacando as regras e a origem do

basquetebol, bem como, abordando aspectos sobre os seus benefícios para as mulheres.

Ainda segundo o Atlas do Esporte no Brasil (2005), o qual confirma informações encontradas em Daiuto (1991), o basquetebol feminino no Brasil foi praticado pela primeira vez em 1896 em São Paulo-SP, pelas alunas do Mackenzie, e em seguida pelas alunas do Instituto de Educação Caetano de Campos, na cidade de São Paulo.

Encontramos no Atlas do Esporte no Brasil (2005, p. 266), que em 1915 foi publicado por Estevan Lange Adrien e José Campos Camargo o livro “Jogos Gymnasticos”, enfatizando as regras e regulamentos do jogo de basquetebol, voltados especialmente para o público feminino.

Relacionamos alguns fatos considerados importantes para a história do basquetebol feminino brasileiro, principalmente ao praticado no Estado de São Paulo, região em que se concentra a maioria das equipes brasileiras. De acordo com o Atlas do Esporte no Brasil (2005) os de maior relevância, e ordem cronológica foram:

A realização em 1940 do I Campeonato Brasileiro feminino, promovido pela Confederação Brasileira de Desportos – CBD, do qual a equipe campeã foi a de São Paulo.

A primeira participação brasileira em 1946 no Campeonato Sul-Americano de Seleções no Chile. A equipe do Brasil ficou vice-campeã e o técnico foi Felício Fernandes.

A participação em 1953, do I Campeonato Mundial, realizado no Chile em que a equipe do Brasil conquistou 4º lugar, tendo como técnico Mário Amâncio Duarte.

Conquista em 1955 do 3º lugar nos II Jogos Pan-Americanos, realizados na Cidade do México. Foi a primeira participação brasileira nestes jogos e o técnico foi Mário Amâncio Duarte.

Classificação em 4º lugar no II Campeonato Mundial realizado no Brasil em 1957.

Alcance em 1959 do vice-campeonato nos III Jogos Pan-Americanos, realizados em Chicago. Em 1963 ficamos com o Vice-Campeonato nos IV Jogos Pan-Americanos realizados em São Paulo.

O 5º lugar em 1994 no IV Campeonato Mundial, realizado no Peru.

Em 1967, a 8ª posição no V Campeonato Mundial, na Tchecoslováquia, e conquista do 1º lugar nos V Jogos Pan-Americanos, em Winnipeg. O técnico foi Renato Brito Cunha.

Conquista em 1971 do 3º lugar no VI Campeonato Mundial realizado no Brasil e campeãs nos VI Jogos Pan-Americanos realizados na cidade de Cali. O técnico da equipe foi Waldir Pagan.

Em 1975 a equipe ficou com o 12º lugar no 7º Campeonato Mundial, realizado na Colômbia e o 4º lugar nos VII Jogos Pan-Americanos na Cidade do México.

Classificação em 9º lugar no VIII Campeonato Mundial em 1979, realizado na Coréia do Sul e conquistou o 4º lugar nos 8º Jogos Pan-Americanos, em San Juan – Porto Rico.

Obtenção do 5º lugar no IX Campeonato Mundial realizado no Brasil em 1983 e conquista do 3º lugar nos IX Jogos Pan-Americanos em Caracas.

O 11º lugar no X Campeonato Mundial realizado na União Soviética em 1986 e em 1987 a conquista do vice-campeonato nos X Jogos Pan-Americanos realizados em Indianápolis.

Conquista em 1989 da Medalha de prata na Copa América, e em 1990, classificação em 10º lugar no XII Campeonato Mundial na Malásia.

Título de Campeã em 1991, dos XI Jogos Pan-Americanos, realizados em Havana – Cuba. A técnica da equipe foi Maria Helena Cardoso. A equipe da Associação Desportiva Classista do Banco de Crédito Nacional ficou em 2º lugar, no 1º Torneio Mundial de Clubes.

Primeira participação brasileira em Olimpíadas em 1992, classificando-se em 7º lugar, em Barcelona. A técnica foi Maria Helena Cardoso. Nesse mesmo ano a equipe do Leite Moça – Sorocaba (patrocinada pela Indústria de Alimentos Nestlé), conseguiu o 2º lugar no 2º Torneio Mundial de Clubes.

Alcance em 1993 do Vice-campeonato na II Copa América. A equipe do N.C.N.B./Ponte Preta conquista o 1º lugar no 3º Torneio Mundial de Clubes.

Campeã do XII Campeonato Mundial, realizado na Austrália em 1994. O técnico foi Miguel Ângelo da Luz. Também conquistou o Bi-Campeonato no 4º Torneio Mundial de Clubes com a equipe da N.C.N.B./Ponte Preta. A equipe do Leite Moça – Sorocaba ficou Campeã do 1º Campeonato Pan-Americano de Clubes Campeões, repetindo o feito no ano seguinte.

Vice-Campeonato nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. A equipe do Clube Atlético Sorocaba ficou Campeã do 3º Campeonato Pan-Americano de Clubes Campeões.

Campeonato da III Copa América em 1997. A equipe Data Control-SP conseguiu a 1ª colocação no 6º Torneio Mundial de Clubes. A atleta Janeth Arcain tornou-se a primeira brasileira a jogar na Women National Basketball Association – WNBA (liga profissional feminina americana).

Conquista em 1998 o 4º lugar no XIII Campeonato Mundial, na Alemanha. A Associação Banco de Crédito Nacional ficou Campeã no 7º Torneio Mundial de Clubes.

Obtenção em 1999 do 4º lugar nos XIII Jogos Pan-Americanos em Winnipeg, e em 2000 o 3º lugar nos Jogos Olímpicos de Sydney.

Conquista em 2001 da 4ª Copa América.

Sétimo lugar no XIV Campeonato Mundial, na China em 2002, e nesse mesmo ano aconteceu a indicação da atleta Hortência Marcari para o Hall of Fame (Memorial ou Sala da Fama) na categoria jogadora. Este memorial homenageia as pessoas e entidades que contribuíram de forma destacada para o desenvolvimento do basquetebol.

Conquista em 2003 da medalha de bronze nos 14º Jogos Pan-Americanos em San Domingo.

O basquetebol feminino brasileiro em sua história, obteve resultados internacionais significativos, conforme mostram os dados acima descritos.

Verificamos no Atlas do Esporte no Brasil (2005), que no período de 1950 a 1970 o reconhecimento internacional do basquetebol feminino brasileiro foi impulsionado pelo 1º lugar no Campeonato Sul Americano em 1954 e pela conquista da medalha de bronze no Campeonato Mundial em 1971, realizado em São Paulo – Brasil.

As atletas brasileiras que se destacaram nesse período foram: Maria Helena Cardoso, Heleninha, Norminha, Laís, Nilza e Marlene, entre outras.

No período de 1980 a 1990 surgiu uma nova geração de jogadoras que se destacaram mundialmente, tendo sobressaído principalmente as atletas: Paula, Hortência, Marta, Janeth, Vânia Teixeira, Vânia Hernandez, Alessandra, Cíntia, Hellen, Branca entre outras. Com essa geração de atletas, o basquetebol feminino brasileiro conquistou os títulos internacionais significativos já citados anteriormente.

O basquetebol feminino brasileiro conseguiu durante este período classificar-se entre as três melhores seleções das Américas. Já nos Campeonatos Mundiais não repetimos o feito da equipe de 1971.

O Atlas do Esporte no Brasil (2005) descreve como melhores resultados obtidos por essa geração de atletas, a conquista do 1º lugar nos Jogos Pan-Americanos realizados em Havana-Cuba em 1991.

Em seguida, em 1992, ocorreu a primeira participação em Olimpíadas, realizadas em Barcelona. Outros dois excelentes resultados obtidos por essa geração, foram a conquista do 1º lugar no Campeonato Mundial da Austrália em 1994 e 2º lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996.

Como nosso interesse se voltou para uma visão contextualizada da prática do basquetebol feminino, os dados apresentados foram significativos porque ajudaram na visualização do esporte, do lazer e da política que se misturam, mas que podem cientificamente ser interpretados ou melhor compreendidos.

Aspectos políticos demonstraram as relações de poder nas instituições responsáveis pela gestão do basquetebol paulista e brasileiro.

Atualmente o basquetebol feminino brasileiro conta com uma geração de atletas que atua ora em clubes brasileiros, ora no exterior. Está prevista para o ano de 2006 a

realização do Campeonato Mundial de Basquetebol Feminino em São Paulo. Tal evento deverá se constituir em marco da atuação do novo grupo que representará o país.

2. OS MEIOS RESPONSÁVEIS PELA DISSEMINAÇÃO E MANUTENÇÃO DO BASQUETEBOL

2. 1. O Basquetebol e as Mulheres

É bom ressaltar que o esporte foi criado inicialmente para ser praticado por homens, já que o papel das mulheres esteve historicamente ligado à educação dos filhos e cuidados domésticos, o que desfavoreceu o desenvolvimento da prática esportiva feminina.

A representação dos acontecimentos no âmbito feminino sempre deu origem ao que se poderia chamar de “passaporte” masculino. A expressão é adequada porque auxilia quando se fala do esporte feminino surgido a partir de um modelo de realidade esportiva masculinizada – criado pelos homens e para eles, estampando literalmente um carimbo. (SIMÕES, 2003, p. 216-217).

Constatamos que preponderou a participação masculina em atividades esportivas, especialmente aquelas de caráter formal, em todo o mundo. Não foi à toa que os homens em sua maioria controlaram historicamente as instituições esportivas e, também aquelas responsáveis pela regulamentação dos esportes.

Encontramos em Devide (2005, p. 42) que:

... o êxito no esporte é interpretado como sucesso em ser masculino; quando pensamos em mulheres no esporte a situação é contrária, uma vez que a atleta vive uma contradição severa: ser bem

sucedida como atleta pode significar falhar como mulher, quando não se pode contemplar os papéis socialmente designados para elas.

Observou-se então, um ciclo vicioso, em que as ações e costumes tenderam a se perpetuar, tendo havido a necessidade de períodos de tempo para rompimentos culturais significativos em torno da prática esportiva que contemplassem o envolvimento das mulheres.

No caso dos Jogos Olímpicos, por exemplo, a introdução do basquetebol feminino deu-se no ano de 1976, em Montreal, enquanto o masculino foi introduzido no ano de 1936 na Alemanha, havendo um espaço de tempo entre a participação das mulheres e homens, de quarenta anos.

Ao buscarmos na história, principalmente do Brasil, encontramos vários exemplos de discriminação das mulheres frente à prática esportiva, inclusive nas escolas, onde as aulas de Educação Física foram ministradas e ainda são em alguns casos, com uma organização que separa meninos e meninas, homens e mulheres, privilegiando os meninos com as atividades esportivas.

Soares (1994) pesquisou o assunto e revelou a explicação que em alguns momentos foi utilizada para justificar tal procedimento.

Segundo a argumentação médica para o cumprimento desta regra considerada básica, toda e qualquer prescrição de exercícios físicos dar-se-ia sempre em função das características sexuais e da faixa etária das crianças, sendo que o único modo de exercitar o corpo, comum a todos, seria a ginástica. (SOARES, 1994, p. 98).

É fato ainda, que nos dias atuais as atividades físicas estão intimamente vinculadas ao paradigma da saúde biológica. Portanto, a aptidão física por ser

determinada basicamente por condicionantes desta natureza, torna-se imprescindível de ser observada. É também de se destacar que em se tratando de homens e mulheres os organismos se diferem anatomicamente, embora deva-se considerar que a maior diferenciação resulta de construções e visões sócio-culturais. Tanto é que Soares (1994), observou em seu estudo, que nesse período analisado o ...*“Canto, declaração, piano foi o indicado para as meninas. Salto, carreira, natação, equitação e esgrima foi o indicado aos meninos. Dança, para meninos e meninas”*. (SOARES, 1994, p. 98).

Estas indicações próprias do período higienista, foram instrumentalizadas a partir dos ditames médicos, sob as restrições dos aspectos biológico, anatômico e fisiológico humanos.

Nos dias atuais, ainda persiste uma visão de atividade física voltada ao desenvolvimento da aptidão física, inclusive tendo a própria Educação Física escolar como meio difusor, com inúmeras dificuldades de rompimento desse paradigma. Por isso, servindo à perpetuação de pensamentos embaixadores de práticas dessa natureza, já que os cursos de formação ainda não dão conta, em sua maioria, de superar essa visão reduzida de homem.

Além deste, outros fatores poderiam ser observados, especialmente aqueles ligados ao período militar, em que os homens se dedicavam à prática de atividades físicas visando o desenvolvimento da força necessária ao combate. Esta que só poderia se potencializar mediante rigoroso treinamento baseado, sobretudo em hábitos disciplinados. Evidentemente que a figura fragilizada de mulher que se perpetuava socialmente não combinava com esse perfil, ligado “a força bruta” dos quartéis, e sim às atividades mais delicadas, expressivas, cantadas ou dançadas.

O basquetebol possui características que o tornam extremamente singular, sendo uma prática que inclui a utilização dos diferentes mecanismos fisiológicos. Também exige força para saltar, leveza e força para arremessar, passar e marcar. Além do condicionamento cárdio-respiratório e da flexibilidade para a realização dos manejos corporais que atuam incisivamente sobre os resultados. O jogo leva à indução, trabalha com inúmeras capacidades cognitivas, acuidade visual e linguagens corporais, que só se satisfazem à medida que um conjunto maior de pré-requisitos seja desenvolvido simultaneamente. O basquetebol é um jogo que necessita de habilidades mais sutis e também de outras ligadas à força e resistência. É necessário criar jeito próprio de jogar e ainda acertar as jogadas visando a necessária diferenciação com os outros, o que de certa forma embeleza o jogo, fato que não ocorre exclusivamente com o basquetebol, mas condição que fica muito bem caracterizada quando se assiste partidas entre os homens e entre as mulheres.

Com as mesmas regras, porém com outras estratégias, o basquetebol jogado pelos homens possui “enterradas”. Já nessa modalidade quando praticada por mulheres é raro se verificar esse componente. Sofre adaptações por parte das jogadoras, que suprem a força com outras capacidades e habilidades, e pontuam proporcionalmente aos homens, considerando os tempos jogados, que são iguais para ambos.

No entanto, cabe ressaltar que as regras não são modificadas para dar às mulheres a possibilidade de um jogo mais criativo, mais emocionante e prazeroso. Os três metros e cinco centímetros que separam a cesta do chão são iguais para todos, sendo que o tamanho e peso da bola de jogo são os mesmos, alterando-se, contudo, as características de aplicação dos diversos componentes do jogo, uma vez que ao não se

observar as diferenças existentes entre os gêneros – masculino e feminino, a prática para as mulheres fica comprometida.

Nesse sentido, Dunning e Elias (1995), que abordaram a busca da excitação no lazer revelaram que nas sociedades industriais aumentou o controle social e o autodomínio da excitação exagerada, como um todo. Para eles:

Enorme medo e profunda alegria, acentuado ódio e extremo amor, têm de apresentar-se sob outra aparência. Só as crianças saltam e dançam com excitação, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num mundo selvagem, ou se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo, num total abandono quando se excitam. Ver homens e mulheres adultos agitarem-se em lágrimas e abandonarem-se às suas amargas tristezas em público, ou entrarem em pânico dominados por um medo selvagem, ou a baterem-se uns aos outros de forma selvagem debaixo do impacto da sua excitação violenta, deixou de ser encarado como normal. Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com freqüência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação. Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, sua excitação. Em geral aprenderam a não se expor demasiado. Com grande freqüência já não são capazes de revelar mesmo nada de si próprios. (DUNNING e ELIAS, 1995, p. 103).

Portanto, o lazer nestas sociedades proporcionava comportamentos moderadamente excitados em público.

Dunning e Elias (1995) analisam o processo civilizatório e concluem que o desporto no lazer pode permitir evasão positiva nos seres humanos que estão vivendo nessas sociedades.

Talvez a participação mais activa dos espectadores nos acontecimentos desportivos, que se observa mesmo em países que tradicionalmente são bastante reservados, como a Inglaterra, possa constituir outro exemplo. Representam uma interrupção moderada no manto habitual das restrições e, em particular, no caso dos jovens, um alargamento do alcance e da profundidade da excitação manifesta. (DUNNING e ELIAS, 1995, p.105).

Os autores aderiram ao termo “mimético” para incluir o lazer.

A maior parte das actividades de lazer, embora não todas, pertence a esta categoria, do desporto à música, da caça e pesca à corrida e pintura, dos jogos de azar ao xadrez, da natação à dança rock e muitas outras. Aqui, como noutras situações, a busca da excitação, o “entusiasmo” de Aristóteles, é, nas nossas actividades de lazer complementar relativamente ao controlo e restrição da emotividade manifesta na nossa vida ordinária. Uma não se pode compreender sem a outra.

A polarização que começa agora a emergir aqui difere de maneira considerável da orientação dominante, no momento actual, quanto às questões do lazer – ou seja, a que se situa na discussão dos problemas entre o lazer e o trabalho. (DUNNING e ELIAS, 1995, p. 105-106).

Ao refletir sobre a igualdade das regras aplicadas na prática do basquetebol entre homens e mulheres, ao concluirmos que para os homens há maiores possibilidades de excitação proporcionada por facilidades para a realização de jogadas emocionantes, consideramos e aceitamos os argumentos apresentados por Dunning e Elias (1995).

Assim, as mulheres se beneficiariam de maior prazer lúdico, se as instituições públicas e privadas responsáveis pela normatização e disseminação do basquetebol,

respeitassem as diferenças entre os dois gêneros e adotassem formas mais adequada às praticantes, favorecendo-as, por exemplo, ao proporcionar “enterradas” e possibilidades de maior número de cestas com a diminuição da altura das tabelas. Tais sensações daí advindas alterariam os níveis de interesses que se deslocariam do lazer à performance positivamente.

2. 2. As Pedagogias Existentes

O basquetebol é um esporte que foi criado, ou melhor, inventado com o objetivo de atender jovens estudantes de um colégio americano. Logicamente que as transformações históricas sofridas ao longo do tempo num espaço marcado pelo favorecimento de práticas mercantilizadas o basquetebol extrapolou o espaço escolar e incorporou o modelo de esporte rendimento, entendido aqui como aquele que busca a performance atlética e a utilização da prática esportiva como meio de geração de negócios que incluem venda de produtos e imagens.

Nesse processo é importante destacar instituições que tiveram papel definitivo na constituição do modelo de prática que se difundiu mundialmente. Nesse caso a FIBA (Federação Internacional de Basquetebol), foi e é na atualidade o órgão responsável pela organização, elaboração e modificações das suas regras para todo o mundo. O caráter de informalidade inicial deu espaço para outro que foi e é reforçado cotidianamente pela mídia, interferindo na visão predominante nos mais variados espaços sócio-culturais, incluindo a escola e a Educação Física que atua com o esporte

educacional. Nesse caso buscando aperfeiçoar o desenvolvimento do sujeito, ou seja, algumas capacidades humanas como pensar, refletir, criar, optar, opinar, avaliar e, outras próprias de seres inteligíveis.

O esporte escolar em muitos casos é influenciado pelo esporte rendimento e restringe-se na aprendizagem do esporte através do desenvolvimento das habilidades motoras, vendo-se descartadas as inúmeras possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, à medida que estes se encontram controlados por vários meios que são próprios aos treinamentos, pois fica demonstrada uma prática que tem controle do tempo, do espaço e dos corpos, visando resultados altamente produtivos, número de pontos obtidos, dentro de um tempo pré-estabelecido. (MORENO e SILVA, 2000, p. 158).

Assim ao abordar as formas de desenvolvimento e aprendizagem do basquetebol optamos por entendê-lo enquanto fenômeno sócio-cultural, captando seu significado em sua trajetória histórica e representatividade cultural.

O jogo de basquetebol originado em Springfield, Massachusetts, com forte traço da cultura americana, chegou ao Brasil e disseminou-se de várias formas. Sem dúvida o desenvolvimento de sua prática se deveu às escolas, por meio das aulas de Educação Física, que certamente seguiam em grande medida um modelo esportivizado, oriundo da mídia, que nesse caso pensamos ter restringido a popularização desse jogo, já que reforçou essa vertente esportivizada.

Quando tocamos nesse assunto referente à popularização, nos reportamos ao que Freire (1998) denominou de “pedagogia da rua”, quando ao estudar o futebol, desenvolveu linhas de raciocínio sobre as quais nos apoiamos, por concordarmos com elas.

Os estudos de Freire (1998) se dirigiram à predominância que possui o jogo de futebol na cultura brasileira. Para ele, essa incidência tem a ver com uma pedagogia muito efetiva que ocorre nas ruas, onde todos ensinam a todos, por meio de estratégias lúdicas.

Segundo o autor:

Mesmo que não sirva para esclarecer, basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de Futebol de Salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rolar, que o observador atento descobrirá que Futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. (FREIRE, 1998, p. xiii).

Freire (1998) escreveu que a popularização do futebol fez de nosso país o maior exportador de jogadores, admitindo o componente lúdico como o grande responsável por isso.

Jogar bola tem sido a maior diversão da infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar. Pés descalços, bola, brincadeira, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor do que ninguém. Que pedagogia é essa? .(FREIRE, 1998, p.xiv).

Seguindo a linha de raciocínio de Freire (1998) e observando o desenvolvimento do jogo de basquetebol no Brasil percebemos que este possui uma história marcadamente esportivizada, por isso elitista, que mesmo nos momentos mais intensos de sua prática, não veio a se incorporar à cultura popular.

Observamos que diferentemente do futebol estudado por Freire e Scaglia (1999), o basquetebol que se desenvolveu no Estado de São Paulo, teve muito mais o caráter esportivizado do que o de lazer.

Montagner (1999) se preocupou com esse problema, ao estudar a “pedagogia da aprendizagem esportiva”, tentando relacionar teoria e prática através das experiências motoras.

Seus estudos tentaram abordar as teorias de desenvolvimento e aprendizagem, detendo-se àquelas voltadas à aprendizagem esportivas. Auxilia-nos na elucidação dos processos de ensino-aprendizagem.

Dentre outras coisas, a performance esportiva é fruto de aprendizagens, e esta é a única particularidade do esporte que nos interessa neste estudo. Porém, que aprendizagens seriam essas? Teria sido da competência exclusiva dos técnicos e professores esportivos especializados, teriam sido produto de aprendizagens espontâneas adquiridas no meio cultural onde vivem esportistas, ou haveria uma boa pedagogia dos esportes ensinando as diversas modalidades aos jovens? Ou quem sabe, uma capacidade genética para o esporte?

Praticam-no durante toda sua vida pré-escolar, escolar e pós-escolar, posto que chutar uma bola de futebol ou arremessar uma pedra ou uma bolinha, muito antes de ser formalizado como esportes, fazem parte da cultura das ruas ou brincadeiras de parques infantis. (MONTAGNER, 1999).

É possível então apreender que não há diferenças significativas nas formas de desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem do basquetebol em escolas na Educação Física escolar, ou fora delas, nos clubes. Até mesmo no lazer configura-se a cultura de uma prática sistematizada com tendência para o esporte rendimento.

Tal caracterização converge com o processo civilizatório descrito por Dunning e Elias (1995), que mostra a mudança das sociedades rurais para industriais, com configuração às últimas de uma forma cada vez mais controlada, no tocante às manifestações de emoção e excitação em público, devido às características de controle

de situações adversas e calamitosas ter aumentado e também do aumento crescente da produtividade, que faz emergir ritmo e controle sociais intensos, e desinteresse pelo o que representa ociosidade ou improdutividade.

Sobre o trabalho e o lazer, Dunning e Elias (1995) revelaram:

Da forma como o problema se situa no presente, as características que os distinguem um do outro estão longe de ser nítidas. Ambos os conceitos foram distorcidos por uma herança de juízos de valor. O trabalho, de acordo com a tradição, classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo; o lazer classifica-se a um nível inferior, como uma forma de preguiça e indulgência. Este, aliás, é identificado com freqüência com o prazer, ao qual também se atribui uma avaliação negativa na escala de valores nominal das sociedades industriais. (DUNNING e ELIAS, 1995. p. 106).

A atual configuração só pode ser rompida parcial e paulatinamente se estudiosos do lazer e da Educação Física, entre outros, atuarem nas políticas públicas e privadas de esporte e lazer, de modo a possibilitar a generalização de formas diferenciadas de ação junto a estes fenômenos.

2. 3. Os Clubes

Segundo o Atlas do Esporte no Brasil que foi organizado por Da Costa (2005), no Estado de São Paulo no século XIX, momento em que se vivenciava o ciclo do café, as corridas à cavalo no interior do Estado deram início a um conjunto de práticas

esportivas que surgiram nos clubes de ingleses, que eram comerciantes, engenheiros e gestores de fábricas e ferrovias do início do período de industrialização brasileiro. Tais práticas se relacionavam com moda e prestígio.

Barros (2005), ao abordar no Atlas os clubes no interior de São Paulo, esclareceu que foi só após este período introdutório, com os clubes italianos e alemães, com seus descendentes, e também com os brasileiros posteriormente, e imigrantes libaneses, japoneses e espanhóis que houve a impulsionização dos esportes desde o século XIX, até a segunda guerra mundial.

O autor escreveu que em 1876, com a inauguração da São Paulo Railway, que ligava a cidade de Santos à Jundiaí, acentuou-se a chamada “marcha para oeste” no Estado de São Paulo. Com a influência dos ingleses e o crescimento da cidade de Santos, foi estimulada a criação de vários clubes na cidade, os quais citamos: Clube de Regatas Santista, Internacional de Regatas, Saldanha da Gama e Tumiaru.

Encontramos também em Barros (2005), que na década de 1890, na região da capital de São Paulo, vizinha às margens do rio Tietê, surgiram as primeiras manifestações esportivas moldadas por associações especializadas.

Nas décadas de 1890 e 1900, Barros (2005) escreveu que com a construção das estradas de ferro e do movimento imigratório, o esporte foi levado ao interior paulista.

Segundo ainda o autor, muitos clubes surgiram acompanhando o traçado das ferrovias e o crescimento das fábricas. Várias modalidades esportivas se identificavam com esses aspectos da colonização, podendo citar aqui a natação, o ciclismo, o judô, o futebol e o basquetebol.

Barros (2005) escreveu que os sócios dos clubes eram todos ferroviários ou ex-ferroviários e que em alguns casos os clubes eram “braços” das empresas. Destaca

ainda algumas cidades, tais como: Piracicaba, Araraquara, Bauru, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

Nas décadas de 1930 a 1940, a expansão dos clubes se verificou em função do aumento da construção de piscinas nos clubes, reduzindo o uso de rios para a prática da natação.

O autor destacou ainda que a cidade de Rio Claro tornou-se referência nacional e até mesmo internacional na modalidade de basquetebol na década de 1960.

Quanto ao esporte na atualidade, o Atlas do Esporte (2005, p. 208), trouxe:

A partir da década de 1980 e atingindo os dias presentes, consolidaram-se no Estado de São Paulo, aproximadamente, 70 modalidades esportivas organizadas em Federações, Ligas, que promovem suas práticas e competições na feição de uma sinergia entre o desenvolvimento econômico e o esportivo...

É importante destacar o que Barros (2005) escreveu sobre os Jogos Abertos do Interior. Para o autor, este evento revelou um tipo de organização sustentado no tripé cidade-clubes-modalidade esportiva.

... Os Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo – JAI, iniciados em 1936, refletem esta composição de vetores com base no tripé cidade-clubes-modalidade esportiva. Inaugurado em 1936, este evento que reúne somente cidades interioranas, apóia-se inicialmente no basquetebol. Hoje os JAI agregam mais de 20 modalidades esportivas e realizam-se em cidades diferentes a cada ano envolvendo, atualmente, na sua fase regional, 42.000 atletas e na fase final, 8.000 atletas. Trata-se, na atualidade, de um mega-evento tendo proporcionado a motivação para o desenvolvimento do esporte por todo o interior do Estado. (BARROS, 2005, p. 208).

Báfero apud Fichter (1975) escreveu que o clube é uma instituição que tem como principais elementos as relações e os papéis sociais. Assim, apresenta características quanto ao fim que possui, ao conteúdo e a uma estrutura.

Sobre possuir um fim, os autores escreveram que ... “na medida em que cada uma delas tem, como objetivo, a satisfação de uma necessidade social, são modos de comportamento mediante os quais os indivíduos se associam para fazer determinadas coisas”. (Báfero apud Fichter, 1975, p. 47).

Quanto ao conteúdo, consideram que pode ser relativamente permanente, tradicionais e duradouros, e estão sujeitos a alterações institucionais lentas.

No tocante à estrutura, os autores revelaram que há tendência para coesão, devido aos papéis sociais se constituírem em combinações estruturadas de padrões de comportamento que funcionam como unidade, embora não se separe completamente de outras instituições sociais. Como é carregado de valor, o código de conduta se traduz em regras e leis escritas.

De acordo com Báfero (1991), os clubes são espaços privilegiados para o lazer, para encontro de amigos e familiares, embora ainda permaneça a idéia de que devem se projetar publicamente através da excelência de seus atletas.

Elias (1992) revelou que na Inglaterra, em reuniões, os cavalheiros possuíam liberdade para tal, sendo que “uma das manifestações do direito dos cavalheiros a reunir-se livremente foi a instituição de clubes”. (ELIAS, 1992, p. 65).

Para Elias (1992), a formação de clubes por espectadores e praticantes teve um papel crucial no desenvolvimento do esporte, pois em fase anterior, alguns divertimentos como a caça por exemplo e jogos de bola eram regulamentados por tradições locais, com variações entre si.

Sendo assim, os clubes representam espaço para a prática do basquetebol, se oferecido e estimulado enquanto prática de lazer ou não, mas sem perder as características de possibilitador de excitações e tensões prazerosas às praticantes.

Também nesse caso, há necessidade que os gestores conheçam tais necessidades e peculiaridades dos fenômenos lazer e esporte.

2.4. As Políticas Públicas e Privadas de Esportes e a Disseminação do Basquetebol

Todo cidadão brasileiro tem direito à prática do esporte e lazer de acordo com a atual Constituição Federal (Art. 217, p. 142) que devem ser implementadas por meio de políticas públicas desenvolvidas em níveis municipais, estadual e federal. Os projetos e programas de esportes se concretizam por meio dos diversos órgãos que são criados com essa finalidade.

Os projetos e programas organizados e mantidos pelas Secretarias Estaduais de Esportes possuem maior efetividade, uma vez que têm calendários de eventos fixos e quadro de funcionários, responsáveis por seu desenvolvimento.

A partir de dados coletados na Secretaria da Juventude, Esportes e Lazer foi possível observar que no Estado de São Paulo o calendário esportivo oferecido à população consta de, campeonatos, jogos, torneios ou outros eventos similares ao longo do ano.

Essas políticas que ficam a cargo da Secretaria Estadual da Juventude, Esporte e Lazer que atua por meio das Delegacias e Inspetorias Regionais, desenvolvendo calendário de eventos esportivos municipais, regionais e estadual ao longo do ano. A Secretaria conta com professores de Educação Física que segue carreira iniciada através de aprovação em concurso público, ocupando as várias funções ligadas à gestão dos eventos esportivos. No caso específico do município de São Paulo, há oferecimento de escolas de esportes para a população com treinamentos ministrados por técnicos esportivos dessa Secretaria.

Nos municípios paulistas em geral, as administrações públicas contam com uma secretaria, diretoria, divisão ou coordenadoria municipal de esporte que é responsável pela gestão das políticas públicas municipais. Tal órgão, além do desenvolvimento do calendário de eventos esportivos também se responsabiliza pela manutenção das equipes das várias modalidades esportivas, estabelecendo convênios e parcerias com órgãos públicos e privados, destinando verbas para o desenvolvimento das aulas e ou treinamentos à comunidade que quase sempre compõe a representação do município nos eventos estadual, especialmente nos Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior.

Sendo assim as prefeituras ficam incumbidas direta ou indiretamente de montar e preparar as equipes para participar de eventos estaduais que envolvam modalidades específicas individuais e coletivas, ou várias modalidades individuais e coletivas ao mesmo tempo, caso dos Jogos Abertos do Interior.

A iniciação ao esporte acontece com o intuito de envolvimento com as equipes representativas de cada município e por conta disso se transformam em grupos reduzidos de participantes, compostos por sujeitos possuidores das características necessárias, predominantes para a prática de cada modalidade.

Quanto à iniciativa privada, os clubes, bem como as empresas que criam associações esportivas e também aquelas do sistema “S” (SESI, SENAI e SESC) atuam com projetos e programas de esporte de lazer e de rendimento, de formas distintas. No caso das empresas que criam associações esportivas com a finalidade de utilização do esporte como meio de divulgação de produtos e de serviços, atrelando a imagem do esporte à mercadorias, estas muitas vezes possuem curto prazo de duração e se interessam por atletas que já estejam “prontas”. Tais associações esportivas participam através de suas equipes de campeonatos que ocorrem anualmente e que são organizados pela Federação Paulista de Basquetebol. Os jogos acontecem pelo menos duas vezes por semana em várias cidades do Estado de São Paulo- SP, envolvendo grande volume de informações na mídia (jornais, rádios e emissoras de TV).

De modo geral nos últimos anos as categorias menores tem sido “gestadas” em clubes do sistema “S”, em que se pratica de maneira livre e descomprometida o basquetebol, e em projetos e programas de Universidades públicas e privadas que oferecem o basquetebol para meninas. Tais projetos se materializam por meio dos próprios alunos e professores das instituições, por meio da implementação dos estágios, projetos de pesquisa e extensão e projetos interdisciplinares.

Temos notado que projetos de extensão comunitária muitas vezes não oferecem o basquetebol feminino por falta de interesse das praticantes quando estas ficam livres para se inscreverem na modalidade. Citamos os casos de duas instituições de nível superior que ofereceram tal oportunidade e não tiveram interessadas. Nos referimos às Faculdades Integradas Fafibe (Bebedouro/SP), onde ocupamos o cargo de Coordenador de Estágio Supervisionado e onde foi oferecido desde o ano de 2003

vagas para a aprendizagem do basquetebol feminino. Também o mesmo se observou na Universidade Metodista de Piracicaba, que com oferecimento de projetos de atendimento à comunidade, não absorveu número suficiente de interessadas. Nesta instituição somos responsáveis pela disciplina de basquetebol.

Por um processo de aculturação, que entendemos como sendo aquele em que há assimilação e reprodução da cultura de maior incidência num determinado grupo, se favorece modalidades que são mais divulgadas sócio-culturalmente, e que por isso despertam nas crianças e adolescentes um tipo de gosto por determinadas práticas, mesmo antes de terem tido outros contatos, com outras práticas esportivas.

Em muitos casos as equipes adultas que participam dos campeonatos promovidos pela Federação Paulista de Basquetebol, são dirigidas por técnicos, assistentes técnicos e diretores que demonstram sensibilidade para a criação de projetos de massificação do esporte. No entanto, tais projetos pecam em muitos casos também, por promoverem a especialização precoce. Além disso, na maioria das vezes, esses projetos se encerram abruptamente quando os clubes concluem a temporada de competições formais e se desfazem por motivos alheios à vontade do grupo e comunidade.

Quanto aos aspectos políticos, a Federação Paulista de Basquetebol tem ao longo do tempo se mostrado bastante conservadora, não permitindo renovação em seus quadros de dirigentes, nem tão pouco propiciado ações de reestruturação da própria entidade. O resultado disso tem se manifestado através da criação de entidades paralelas, que é o caso das Ligas Regionais, que com o intuito de escapar das determinações da primeira que incluem custos com arbitragem, viagens e diversas

taxas, se auto gerenciam mais informalmente. O que de certa forma representa a não aceitação das normas estabelecidas pela Federação Paulista de Basquetebol.

Possuindo o Estado de São Paulo maior desenvolvimento econômico do país, concordamos com Elias (1992), que escreveu que “o desporto possui uma função complementar nas sociedades altamente industrializadas - a de permitir a prática de actividades físicas a uma população com várias profissões sedentárias e, por esse motivo, com insuficientes oportunidades de se exercitar sob o ponto de vista corporal”. (ELIAS, 1992, p. 68). E mais, para este autor:

Este pode ser um aspecto de complementaridade, mas existem outros que têm despertado menor atenção, ainda que, em termos da sua importância para os seres humanos, possam ser de significado não menor. Julgo que a sua descoberta conduz ao esclarecimento de alguns aspectos do desporto e de outras ocupações do tempo de lazer que, de certo modo, têm sido negligenciadas. (ELIAS, 1992, p. 68).

Elias (1992), ao lembrar a negligência de alguns aspectos junto ao oferecimento de ocupações do tempo de lazer, dentre estes o esporte, oferece elementos para uma reflexão, sobre a qual destacamos a responsabilidade do poder público junto ao oferecimento de políticas adequadamente sistematizadas a partir das necessidades das praticantes e do papel que deve desempenhar apoiando as políticas privadas de esporte e lazer, criando mecanismos de controle, ajustes, qualificação e capacitação, bem como meios e formas de sustentabilidade que sejam estimulantes para os vários setores no meio social. Isso inclui a criação de projetos locais ou regionalizados onde se possa ter claro os “objetivos a serem alcançados” como também realizadas avaliações para determinação de ações.

A profissionalização dos gestores através de processos de capacitação deve fazer parte das iniciativas, e o estímulo e incentivo fiscal também, desde que avaliados periodicamente.

2. 4. 1. O Basquetebol Feminino: Instituições e Eventos

O basquetebol feminino no Estado de São Paulo se manifesta, sobretudo, em eventos que se realizam com regularidade através de calendário de instituições que possuem essa finalidade. Além dos eventos, as instituições responsáveis por seu desenvolvimento também se apresentam como espaços de manifestação da prática. Nesse caso, nos reportamos às escolas, do ensino formal, às particulares de esportes, às públicas de esportes e às de clubes esportivos.

No caso das escolas do ensino formal, em aulas de Educação Física, visualizamos a prática do basquetebol feminino de duas formas distintas. Na primeira, atua-se com o basquetebol, e na segunda não se atua com o mesmo. Em caso de se atuar, contamos com modelos de ensino que reforçam o jogo ou o esporte. Quando se opta pelo jogo, pressupomos que há a transmissão da cultura da prática do basquetebol, havendo aprendizagem das formas de se praticar. Subjetivamente ao ensinar o jogo, se melhora o sujeito e as habilidades motoras de maneira geral.

Em se tratando da segunda, que aborda o basquetebol enquanto esporte, pressupõe que prepondera a melhoria das habilidades motoras específicas, se aprende o basquetebol e há melhoria do sujeito. O mesmo ocorre nos clubes, escolas particulares ou públicas, não atreladas ao ensino formal.

A pergunta que fazemos sobre a rudimentarização da prática do basquetebol, por mulheres, no Estado de São Paulo, região brasileira que já contou com intensa

prática, não surgiu de repente, nem ao acaso, pois foi resultante das várias indagações advindas de fatores de origem socioeconômica e cultural. Uma das maneiras de observarmos a questão, se deu por meio do entendimento do que ocorre na escola, que representa um espaço que guarda contradições quanto ao papel social que desempenha. A principal delas talvez se relacione às possibilidades que pode vir a oferecer enquanto elemento proporcionador de alterações significativas no quadro sócio-político e cultural e, o outro papel, diz respeito ao que ela tem de ser “reforçadora” das condições marginalizantes que perpetuam as desigualdades, não fazendo avançar em muito a compreensão real dos elementos sócio-culturais, dos quais dispõe e, sobre os quais atua e interfere.

Observamos a redução da prática do basquetebol nos Campeonatos Colegiais, promovidos pelas Secretarias de Juventude Esportes e Lazer e Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Nestes Campeonatos, quando se tratavam de modalidades coletivas, predominavam maior número de participantes no Futsal e Voleibol. Este número se via reduzido em relação ao basquetebol, sendo que as equipes femininas quase inexistiam.

Outra observação pertinente diz respeito à diminuição de equipes participantes nos Jogos Regionais do Estado de São Paulo, também promovidos pela Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer do Estado, conforme verificado no Quadro 1, abaixo. É relevante destacar que esse evento pela alta competitividade apresentada, favorecia a “importação” de atletas e até de equipes inteiras, de outros Estados ou regiões, em razão da não efetivação de políticas públicas de esportes e lazer, nos municípios participantes.

Os dados fornecidos pela Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer do Estado de São Paulo demonstram redução, quando observamos os números de mulheres participantes dos Jogos Regionais que acontecem anualmente em oito regiões do Estado de São Paulo.

QUADRO 1- Participação nos Jogos Regionais do Estado de São Paulo (2004 e 2005).

	2004				2005					
	BF 21		BF Livre			BF 21			BF Livre	
	Municípios	Atletas	Municípios	Atletas		Municípios	Atletas		Municípios	Atletas
1ª Região										
Cotia	7	81	7	84	Praia Grande	9	104		7	64
2ª Região										
Caraguatatuba	7	72	5	60	Caraguatatuba	5	69		6	71
3ª Região										
Jaú	5	59	3	36	São Carlos	4	36		5	55
4ª Região										
Limeira	12	99	4	48	Araras	10	117		4	45
5ª Região										
Matão	7	83	4	47	Sertãozinho	7	79		2	21
6ª Região										
Santa Fé do Sul	5	54	2	24	Birigui	7	94		1	12
7ª Região										
Ourinhos	6	72	4	48	Assis	4	47		3	32
8ª Região										
Cerquilha, Boituva e Tietê	8	94	5	54	Jundiaí	6	72		8	94
TOTAL	57	614	34	401		52	618		36	394

Fonte: Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer do Estado de São Paulo (2005).

Destacamos que o número total de participantes em 2005 foi de 1012 atletas, que comparado ao de 2004 foi de 1015 atletas, sendo pouco inferior. Mas, em relação ao número de municípios participantes com equipes femininas, que em 2004 teve 91 cidades inscritas, e que em 2005 sofreu redução para 88 cidades participantes, observamos um quadro de diminuição da participação de municípios. Em ambos os casos, consideramos as categorias: livre, e até vinte e um anos de idade.

Houve diminuição da participação das mulheres destas faixas etárias em todo o Estado e também diante do número de municípios. Além disso uma prática como a do basquetebol que possui longa história de sua introdução na cultura esportiva, poderia mostrar-se em expansão, haja vista os momentos de proliferação serem cíclicos e dependerem de inúmeros fatores para o processo de aculturação.

Também é fato que esses números podem não revelar a real origem das participantes, já que algumas equipes das cidades que participaram dos Jogos Regionais, que é classificatório para os Jogos Abertos, são constituídas por atletas de outros Estados brasileiros, que após participação, retornam aos seus clubes de origem.

Como em nossa história acadêmico-profissional sempre estivemos envolvidos com o entendimento de questões relativas ao basquetebol, o jogo, o esporte e as relações destes com a Educação Física, foram assuntos sobre os quais sempre nos interessamos.

No caso da Educação Física escolar esta seria uma forma de observação do problema da rudimentarização da prática do basquetebol por mulheres, por meio dos elementos culturais com os quais lida, entre estes o esporte educacional. Parece-nos haver um espaço para que a Educação Física escolar, por intermédio dos licenciados, atue perpetuando ou não esta prática, restringindo o seu alcance, precarizando a sua

disseminação inclusive entre integrantes de grupos interessados diretamente pela Educação Física e pelo esporte.

Nesse caso, ao realizarmos estudos de natureza exploratória, tentando captar o conhecimento sobre basquetebol de alunos ingressantes em cursos superiores em Educação Física, constatamos que mesmo entre o público interessado, os conhecimentos adquiridos ao longo de suas trajetórias de vida, fossem por influência da Educação Física escolar, ou da transmissão cultural por outros meios, mostrou-se muito reduzido,⁴ embora a Educação Física escolar como componente curricular da Educação Básica atue por aproximadamente onze anos com a cultura corporal e esportiva.

Evidentemente que isso não ocorre só com a Educação Física, já que o volume e a qualidade das aprendizagens significativas no ambiente escolar ainda estão distantes das necessidades e da realidade educacional brasileira.

Porém, observamos que algumas outras práticas como o futebol e o voleibol, que também são abordados nos currículos dos Cursos de formação do Brasil, são mais praticados. Mas se ambos são abordados durante a formação básica, em nível de graduação, em Curso de Licenciatura, a prevalência de um sobre o outro ocorre por outros motivos, dentre os quais destacamos o conjunto de ações pedagógicas e metodológicas que implicaram em posicionamento profissional decorrente da visão de mundo, de sociedade, de aluno, de atleta e de professor.

⁴ Essa pesquisa restringiu-se aos alunos ingressantes no ano 2000 na Faculdade de Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, e com sujeitos da região Norte do Estado de São Paulo, com alunos de um Curso de Bacharelado em Educação Física das Faculdades Integradas Fafibe (Bebedouro – S.P.). Os resultados a que chegamos permitem-nos afirmar que os conhecimentos dos alunos ingressantes no Curso, também se mostra extremamente reduzidos a respeito do basquetebol.

A relação entre as instituições responsáveis pela disseminação do basquetebol e os eventos destacados, mostra a ausência de ações suficientes para a continuidade da participação de mulheres junto à prática do basquetebol até a idade adulta, em vários municípios paulistas, revelando a necessidade de implementação de políticas públicas e privadas com esta finalidade.

3. O BASQUETEBOL FEMININO: DELIMITANDO E DISCUTINDO CENÁRIOS

3. 1. Metodologia

Este estudo se desenvolveu dentro dos horizontes de uma pesquisa qualitativa, já que em nosso caso o fenômeno social abordado, apresentou grande mobilidade, nos permitindo enfocá-lo amplamente. Vale aqui lembrar que a mudança qualitativa não é obra do acaso, pois decorre necessariamente da mudança quantitativa. Assim, segundo Lakatos e Marconi (1988, p. 99) “a mudança das coisas não pode ser indefinidamente quantitativa: transformando-se, em determinado momento sofrem mudança qualitativa. A quantidade transforma-se em qualidade”.

Por se tratar de um fenômeno sócio-cultural susceptível a diversas interpretações, a concepção das idéias se deu por meio do avanço de sua compreensão, que determinou aos poucos a complexidade com que foi tratado.

Essa pesquisa apresentou uma abordagem crítico-dialética, razão pela qual, o objeto foi tido historicamente, na relação com fatores de ordem política, visando à compreensão mais apurada da realidade, com perspectivas de explicação e transformação social através do entrecruzamento das várias visões possíveis naquele momento histórico.

A relação dialética estabelecida entre o objeto de estudo e o pesquisador, buscou desvendar a partir de movimentos contraditórios do pensamento, a interpretação da realidade, visando compreender o problema e o avanço dos agentes

interferentes, junto ao esporte. Lakatos & Marconi (1988) indicam que para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está acabada encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver. O fim de um processo é sempre o início de outro. Portanto, analisar as questões que envolvem o basquetebol feminino no Estado de São Paulo, é algo motivador, pois poderá possibilitar que se encontre saídas significativas para o seu aperfeiçoamento.

Esse ajustamento ao longo do processo, ocorreu à medida que nos aprofundamos no entendimento do problema em estudo, por meio do contato crítico com as pesquisas a ele direta ou indiretamente relacionadas. Com isso afirmamos que o estudo ajustou-se ao longo de todo o processo de seu desenvolvimento.

Dessa forma, ao optarmos pela pesquisa qualitativa, pretendemos preencher uma lacuna no conhecimento do basquetebol feminino, refletindo dialeticamente sobre o objeto de estudo, a partir da problemática apresentada. Também utilizamos a pesquisa quantitativa para abordagem do objeto, que possibilitou análises positivas e determinantes na compreensão do fenômeno estudado. A pesquisa quantitativa serviu sobretudo para subsidiar as investigações. A compreensão do problema ocorreu paulatinamente a partir da contextualização do fenômeno, já que ao realizarmos este estudo tivemos como objetivo identificar e diagnosticar a prática do basquetebol por mulheres numa região determinada. A análise que realizamos incidiu sobre a prática do basquetebol por mulheres no Estado de São Paulo. Não quisemos, contudo, realizar um levantamento histórico minucioso, muito menos estatístico. Quisemos sim, observar de forma mais clara a trajetória que teve essa prática, identificando os momentos de difusão, bem como os de seu afunilamento.

Finalmente foi aplicada a técnica do estudo de caso, uma vez que segundo Lüdke e André:

“O caso se destaca por se constituir numa unidade de sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações”. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 17).

Os autores – Lüdke e André (1986), citando Nisbet e Watt, assim como Chizzotti (1991) indicam a existência de três fases no estudo de caso: aberta ou exploratória; a coleta de dados e a interpretação sistemática dos dados, e a elaboração do relatório. Estas três fases se superpõem em diversos momentos, sendo difícil precisar as linhas que as separam.

É interessante citar que segundo Becker (1993), o estudo de caso tem dois propósitos: chegar a uma compreensão abrangente do grupo que está sendo estudado, como por exemplo, quem são seus membros, tipo de atividades e como se relacionam dentro do grupo e ainda, por outro lado, desenvolver teorias sobre estruturas sociais e seus processos, no caso, as políticas públicas específicas.

Já Triviños (1992) coloca que o estudo de caso surgiu como ponto de transição entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, por ele não se adaptar coerentemente a primeira. Esclarece que visa à descoberta, a interpretação em contexto, de forma completa e profunda, descrevendo uma instância singular, um objeto que é tratado como único.

Também explicitamos que em relação à pesquisa de campo, esta não se mostrou “rígida,” constituindo-se em um guia que serviu como indicador do caminho a

ser percorrido, levando-se em conta que o percurso apontou novas diretrizes, e foi alterado para atingir as finalidades pretendidas.

3. 2. Universo / Amostra e Instrumentos

Este estudo pretendeu ser exploratório, já que o objetivo foi o de realizar o diagnóstico da prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo.

Para contatar de forma mais abrangente a realidade, tomamos um significativo evento como universo maior de captação de dados. Os 68º Jogos Abertos do Interior, realizado na cidade de Barretos – SP, no período de 13 a 26 de setembro de 2004, o qual se constituiu em importante momento que possibilitou a amostragem adequada para este estudo. A amostra compôs-se de 129 atletas das equipes de basquetebol participantes do referido evento, que concordaram em fazer parte do estudo espontaneamente, por meio de preenchimento do Termo de Consentimento que foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP (Apêndice A, p. 160).

Inicialmente utilizamos de um questionário semi-estruturado com o qual procuramos identificar os dados pessoais das atletas, como: local de nascimento, residência, formação escolar superior e área.

Em seguida buscamos identificar a sua relação atual com a prática do basquetebol, investigando os vínculos com clubes e ou equipes representativas de cidades. Também levantamos as equipes das quais as atletas já haviam participado.

Outras informações foram buscadas, ou seja: o primeiro contato com o basquetebol, a idade em que ocorreu, e a instituição que o proporcionou, bem como sujeitos que incentivaram a prática.

Além disso, com o intuito de entender as motivações iniciais para a prática do basquetebol, perguntamos sobre a influência da mídia, de mitos ou atletas famosos, entre outros motivos.

Às atletas também foi perguntado sobre a intenção inicial que tiveram com a prática do basquetebol, se com o divertimento e o lazer, ou com o treinamento e a performance. Também tentamos captar os principais motivos que as mantiveram praticando basquetebol até o momento.

Quanto às metodologias utilizadas pelos professores nas escolas ou pelos técnicos nos clubes, tentamos verificar se realmente eram: lúdicas, baseadas em jogos e brincadeiras; repetitivas, enfatizando o aperfeiçoamento dos gestos técnicos; e se participavam de festivais com jogos adaptados ou de torneios e campeonatos em competições formais.

Baseando-nos nas diferentes experiências das participantes pesquisadas, perguntamos sobre as suas opiniões em relação às metodologias utilizadas para ensinar basquetebol às categorias iniciais. Se as consideravam adequadas e agradáveis ou enfadonhas e inadequadas.

O questionário também foi composto por questões abertas que visaram captar: situações negativas pelas quais as atletas tenham passado e que as desmotivaram a praticar basquetebol e aspectos positivos propiciados pela vivência do basquetebol que as mantiveram praticando.

Por fim, foram indagadas sobre a diminuição da prática do basquetebol conferindo-lhes possibilidades de sugestões para melhorar, aumentar e incentivar a prática do basquetebol feminino, dando opiniões conclusivas sobre a prática atual no Estado de São Paulo.

Assim objetivamente tentamos com o questionário aplicado obter dados sobre a gênese do basquetebol, captando a dimensão sócio-econômica, histórica e cultural e os agentes disseminadores e o papel exercido.

Em seguida, os dados coletados se voltaram para os processos de ensino – aprendizagem, entendendo o basquetebol e seu atrelamento ao lazer e às manifestações lúdicas enquanto esporte-participação e, como esporte institucionalizado, com características predominantemente mercantilizadas.

3. 2. 1. Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Dados

O questionário pelo qual fizemos opção foi o do tipo semi-estruturado composto conforme anteriormente já mencionado, por questões fechadas por meio das quais se pretendeu constatar o sentimento mais objetivo e questões abertas para manifestações mais subjetivas e abrangentes por parte das pesquisadas. Foram aplicados cento e vinte nove questionários às sujeitas das pesquisas.

Os questionários respondidos foram analisados a partir da criação de categorias que agregaram indicadores relevantes junto ao conjunto de dados significativos para elucidação do problema em estudo. Os dados coletados permitiram o melhor

dimensionamento absorvendo tendências ao estabelecer relações entre todo conjunto de fatores, captando seus significados numa projeção não absoluta, já que segundo Alves Mazzotti e Gewandsznajder (1998), um projeto de pesquisa qualitativa dependerá de fatores do próprio processo investigatório.

Sendo assim, recorreremos aos autores para concluir este tópico.

Voltando à questão inicial, sobre o que precisa constar de um projeto de pesquisa qualitativa, poderíamos, resumindo, dizer que o “deve” é o que pode ser antecipado. E o que “pode” vai depender da natureza do próprio problema (de seu grau de complexidade, do conhecimento acumulado sobre o tema), bem como da posição do pesquisador dentro do continuum qualitativo. (ALVES MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1998, p.176).

Para eles, as “*pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados*” (ALVES MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p.168).

3. 3. Resultados obtidos

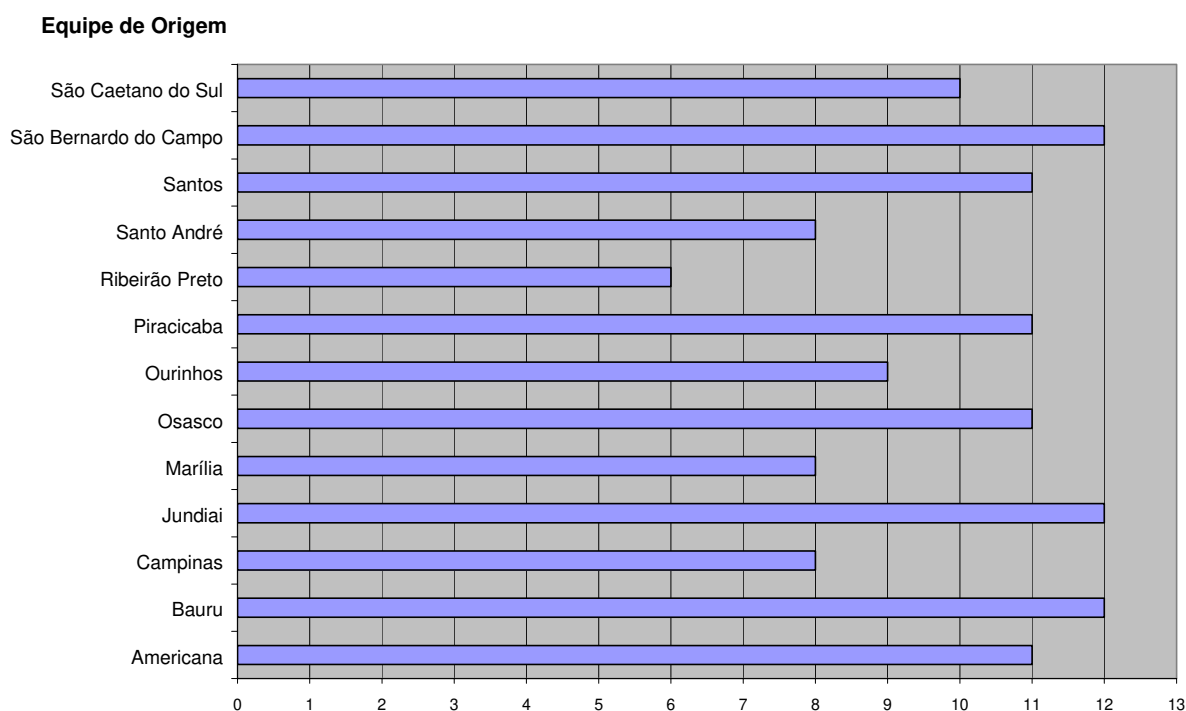
A prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo, objeto de estudo desta pesquisa, mostrou fases diferenciadas, às quais nos empenhamos para decifrar, apresentando e analisando os dados coletados por meio de pesquisa exploratória junto às equipes participantes dos 68º Jogos Abertos do Interior ocorridos em setembro de 2004, na cidade de Barretos, interior do Estado de São Paulo.

Foram treze equipes participantes desta pesquisa e cento e vinte e nove atletas que responderam a um questionário estruturado de forma a abordar os principais temas de interesse para alcance do objetivo deste estudo. Sendo assim apresentamos abaixo os resultados obtidos com a pesquisa de campo.

3. 3. 1. Categorias Levantadas e Análise

Apresentaremos na forma de gráficos e tabelas os resultados obtidos na pesquisa de campo a partir do questionário aplicado com as atletas das equipes de basquetebol participantes do 68º Jogos Abertos do Interior, realizado na cidade de Barretos – SP.

Fizeram parte do evento cento e oitenta e um municípios inscritos nas diversas modalidades esportivas. Desse total, o basquetebol feminino teve trinta e uma equipes participantes, das quais treze constituíram-se em amostra para este estudo, através do envolvimento espontâneo das atletas.

GRÁFICO 1 – Atletas participantes da pesquisa segundo equipes de origem

Neste gráfico constatamos que participaram da pesquisa treze equipes, através do envolvimento espontâneo das atletas. As equipes de São Bernardo do Campo, Jundiaí e Bauru tiveram doze atletas que responderam aos questionários, totalizando 100% de adesão.

As equipes de Santos, Piracicaba, Osasco e Americana participaram com onze atletas. A de São Caetano do Sul dez atletas responderam ao questionário, e de Ourinhos, nove. As de Santo André, Marília e Campinas, oito atletas responderam ao questionário. De Ribeirão Preto, seis atletas se envolveram com a pesquisa.

GRÁFICO 2 – Faixa etária das atletas

Para melhor entendimento e visualização do leitor, agrupamos as idades das atletas participantes da pesquisa em duas faixas: na primeira a idade variou entre 15 a 21 anos e representou 60% da amostra.

A partir dos 21 anos, a representatividade foi de 40%.

Os resultados incidiram sobre a faixa etária dos 15 aos 21 anos, caracterizando uma mesclagem de jovens atletas a outras mais experientes. Talvez, em função de que a maioria dos clubes não estão investindo na categoria de mais idade. Como se trata da vertente de esporte performance ou rendimento, esperava-se mais participação de atletas do grupo da faixa etária das maiores de 21 anos. Caso por exemplo, do basquetebol masculino paulista, que com raríssimas exceções incluem na atualidade, atletas de faixa etária mais avançada.

QUADRO 2 – Região onde nasceu

Origem	Quantidade	Percentual
São Paulo	103	80,5%
Sudeste menos São Paulo	5	3,9%
Sul	10	7,8%
Nordeste	6	4,7%
Centro-oeste e Norte	3	2,3%
Exterior	1	0,8%
Total	128	100%

O quadro acima nos mostra a origem das atletas participantes da pesquisa realizada.

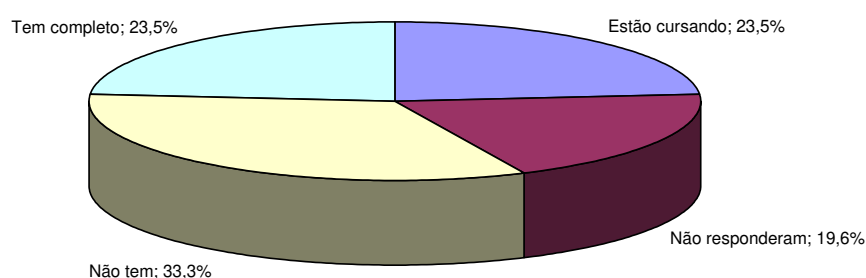
Verificamos que a maioria era oriunda do Estado de São Paulo, perfazendo 80,5% do total de participantes. A Região Sul do Brasil veio em seguida com 7,8%. Depois a Região Nordeste, com 4,7%, ficando a Região Sudeste com 3,9%, excluindo o Estado de São Paulo. Por fim, com 2,3%, as Regiões Centro-Oeste e Norte, e também com 0,8% com as atletas de outros países. Apenas uma não respondeu a este quesito.

O Estado de São Paulo e a Região Sudeste do Brasil foram as que mais se desenvolveram economicamente a partir do processo de urbanização e industrialização ocorrido desde o final do século XIX. Tal processo sustentado pelo modelo socioeconômico capitalista a nosso ver explicou os vários investimentos no esporte, a partir do associacionismo que se criou e que de certa forma rompeu com o amadorismo e o aspecto lúdico das práticas esportivas nascentes na Inglaterra e que tiveram cunho elitista e de distinção social (Tubino 1998).

As confederações, federações, clubes, ligas e outras associações sofreram influência dos novos valores e condutas adotados socialmente. O esporte passou a ser pago para se assistir e por isso para ser transmitido. (Betti 1997).

Betti (1997) ao estudar tal fenômeno destaca que o interesse pelo esporte atrelado aos valores de consumo e mercantilismo geradores de lucro e capital, fez com que as empresas e outras instituições vinculassem seus produtos ou marcas a este importante e massificante fenômeno social.

Assim, entendemos que o Estado de São Paulo e a Região Sudeste apresentaram maior concentração de atletas, por conta do contexto em que foram geradas e mantidas as equipes e associações que se responsabilizaram pelo esporte; enquanto negócio e portanto gerador de divisas aos investidores e a todos os outros envolvidos direta ou indiretamente, incluindo atletas, dirigentes e as próprias associações.

GRÁFICO 3 – Se possuíam formação superior (acima de 21 anos)**Possui curso superior? (maior de 21 anos)**

Este gráfico demonstrou se as atletas praticantes de basquetebol feminino do Estado de São Paulo com idade superior a 21 anos; que como já escrevemos revelou-se o mais desenvolvido economicamente desde o início do processo de industrialização do país, tem nível superior.

Acrescentando-se as respostas das que não possuíam formação superior às das atletas que não responderam a questão, verificamos o percentual de 52,9%.

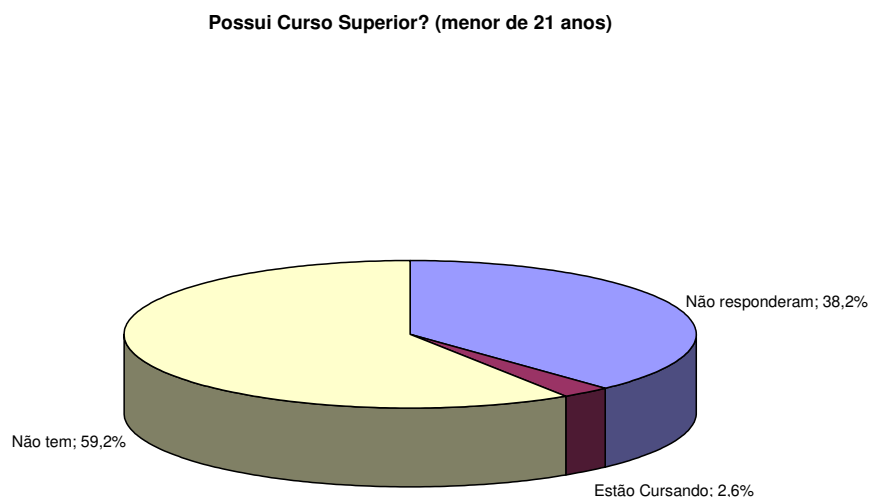
As atletas que possuíam formação superior completa somaram 23,5% da amostra.

Obtivemos um índice de 23,5% de atletas que estavam cursando o ensino superior.

Estes dados foram relevantes ao estudo, pois ao analisá-los detectamos um quadro representativo do interesse das atletas em praticar basquetebol, verificando que elas viam no esporte vantagens quando gerava oportunidades para ingresso e manutenção em cursos superiores, por meio da concessão de bolsas de estudo, convênios ou outros tipos de apoio que contribuíssem para isso.

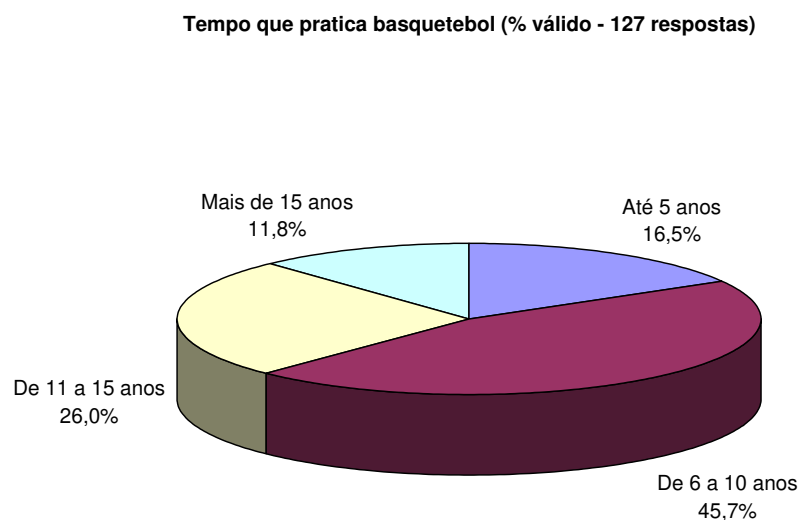
O esporte para as atletas se apresentou como uma profissão e como tal, a necessidade de formação profissional em nível superior ficou secundarizada. Também, pelo nível socioeconômico, muitas consideravam que por meio do basquete poderiam atuar profissionalmente, por isso optaram preponderantemente por cursos superiores na área de Educação Física.

Para nós, é importante destacar que além do aspecto econômico, o sociocultural perpetuou entre as atletas, prevalecendo uma representação social sobre atletas de basquetebol, atrelada à idéia preconceituosa de que “atletas não estudam” ou “não precisam estudar” e ainda, que atletas homens ou mulheres são utilizados até onde suportarem e por isso ocupam muito tempo com a prática; treinando, viajando, etc., faltando-lhes condições para estudarem regularmente, seguindo calendários característicos de instituições educacionais.

GRÁFICO 3.1 – Se possuíam formação superior (até 21 anos)

Este gráfico tratou do mesmo tema anterior só que com atletas de idade inferior a 21 anos.

Observamos que 2,6% das respostas, foram de que estavam cursando, e 59,2% afirmaram que não tem o curso superior, sendo que 38,2% não responderam a questão.

GRÁFICO 4 – Há Quanto Tempo Pratica Basquetebol

Verificamos neste gráfico, que as atletas participantes deste estudo praticavam o basquetebol a pelo menos até 5 anos de experiência, correspondendo a 16,5% da nossa amostra.

O gráfico mostra que 45,7% das jogadoras estavam envolvidas com a modalidade entre 6 a 10 anos.

Visualizamos também que 26% possuíam de 11 a 15 anos de experiência como jogadoras. Por fim, 11,8% da amostra, respondeu ter mais de 15 anos de prática do basquetebol.

Houve no grupo pesquisado conforme o gráfico acima, atletas iniciantes (até 5 anos de experiência). Por se tratar de Jogos Abertos, consideramos que as equipes se constituíram em “seleções” e portanto no grupo intitulado “categoria livre” em que

podiam participar atletas de qualquer idade, predominaram as mais experientes. Sendo que na categoria livre, 20 equipes disputaram os Jogos.

Também houve nos Jogos Abertos do Interior a categoria “até 21 anos”. Nesta, segundo o documento “Boletim Oficial 01” participaram 11 equipes.

Em nossa pesquisa, responderam ao questionário 03 equipes da categoria até 21 anos e 10 equipes da categoria livre.

QUADRO 3 – Em Quais Cidades Já Participou Como Atleta?

Excluindo a cidade que joga atualmente		Com a cidade que joga atualmente	
Cidades/Países	Jogadoras	Cidades/Países	Jogadoras
Osasco	18	Osasco	29
Campinas	14	Jundiaí	23
Santo André	12	Campinas	22
Jundiaí	11	Americana	21
Rio de Janeiro	11	Santo André	20
Americana	10	São Caetano do Sul	19
Guarulhos	9	Bauru	17
São Caetano do Sul	9	Piracicaba	17
São José do Rio Preto	9	São Bernardo do Campo	17
Araçatuba	7	Ourinhos	14
Piracicaba	6	Marília	12
Bauru	5	Rio de Janeiro	11
Cubatão	5	Santos	11
Ourinhos	5	Ribeirão Preto	10
São Bernardo do Campo	5	Guarulhos	9
São Paulo	5	São José do Rio Preto	9
Sorocaba	5	Araçatuba	7
Campos	4	Cubatão	5
Franca	4	São Paulo	5
Marília	4	Sorocaba	5
Ribeirão Preto	4	Campos	4
Barretos	3	Franca	4
Foz do Iguaçu	3	Barretos	3
Itatiba	3	Foz do Iguaçu	3
Joinville	3	Itatiba	3
Paulínia	3	Joinville	3
Toledo	3	Paulínia	3

Campo Grande	2	Toledo	3
Carapicuíba	2	Campo Grande	2
Curitiba	2	Carapicuíba	2
Dourados	2	Curitiba	2
Mauá	2	Dourados	2
Ponta Grossa	2	Mauá	2
Recife	2	Ponta Grossa	2
Santa Bárbara D'Oeste	2	Recife	2
São Carlos	2	Santa Bárbara D'Oeste	2
Tietê	2	São Carlos	2
Uberaba	2	Tietê	2
Araraquara	1	Uberaba	2
Avaré	1	Araraquara	1
Belo Horizonte	1	Avaré	1
Borborema	1	Belo Horizonte	1
Bragança Paulista	1	Borborema	1
Cambe	1	Bragança Paulista	1
Canoas	1	Cambe	1
Catanduva	1	Canoas	1
Criciúma	1	Catanduva	1
Cuba	1	Criciúma	1
Diadema	1	Cuba	1
Espanha	1	Diadema	1
Estados Unidos	1	Espanha	1
Florianópolis	1	Estados Unidos	1
França	1	Florianópolis	1
Goiânia	1	França	1
Iracemápolis	1	Goiânia	1
Itajaí	1	Iracemápolis	1
Itapira	1	Itajaí	1
Itararé	1	Itapira	1
Itirapina	1	Itararé	1
Itupeva	1	Itirapina	1
Jacareí	1	Itupeva	1
Lages	1	Jacareí	1
Limeira	1	Lages	1
Londrina	1	Limeira	1
Maringá	1	Londrina	1
Matão	1	Maringá	1
Medianeira	1	Matão	1
Mococa	1	Medianeira	1
Paraguaçu Paulista	1	Mococa	1
Pato Branco	1	Paraguaçu Paulista	1
Peru	1	Pato Branco	1
Peruíbe	1	Peru	1
Portugal	1	Peruíbe	1
Presidente Prudente	1	Portugal	1
Salvador	1	Presidente Prudente	1
Santa Fé do Sul	1	Salvador	1

São João da Boa Vista	1		Santa Fé do Sul	1
São José dos Campos	1		São João da Boa Vista	1
Sumaré	1		São José dos Campos	1
Suzano	1		Sumaré	1
Taquaritinga	1		Suzano	1
Três Lagoas	1		Taquaritinga	1
Santos	0		Três Lagoas	1

Este Quadro demonstra com detalhes as cidades em que houve mais tradição da prática do basquetebol por mulheres.

Para melhor detalhamento, dividimos o Quadro em dois momentos: Um em que excluímos a cidade em que a atleta jogava naquele momento e outro, incluindo a cidade à qual estava vinculada.

Quisemos verificar as cidades que mais estimularam a prática do basquetebol feminino ao longo do tempo.

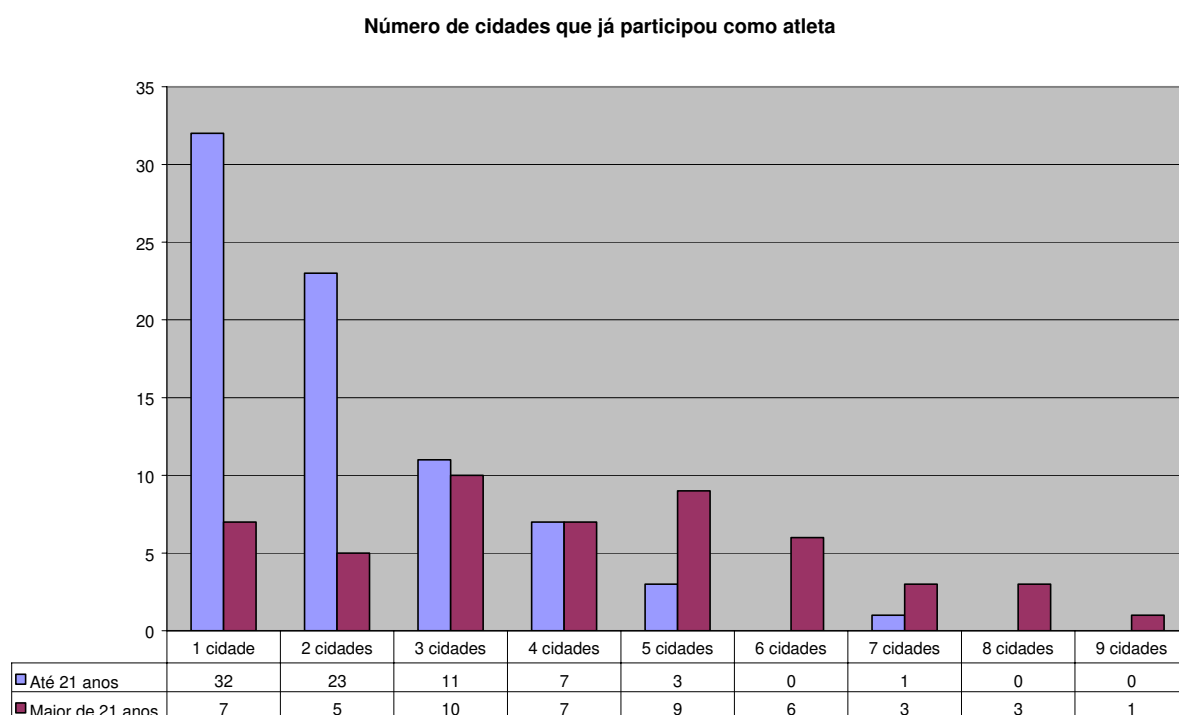
Encontra-se no Quadro alguns países que foram citados no item cidades; porque representaram a história da atuação de algumas atletas brasileiras, que atuaram fora do Brasil. Apresenta também atletas que foram “importadas” de outros países.

O Quadro evidencia as cidades de Osasco, Jundiaí, Campinas, Santo André, Bauru, São Bernardo do Campo, Piracicaba, Rio de Janeiro, Americana, Guarulhos, São Caetano do Sul, São José do Rio Preto, Araçatuba, Cubatão, Ourinhos, São Paulo e Sorocaba.

Tais cidades historicamente tiveram movimentos em prol da prática do basquetebol feminino que alternaram entre políticas públicas e privadas e em modelos diferenciados que incluíram instituições educacionais e sujeitos que lideraram processos por vínculos afetivos junto à prática do basquetebol por terem sido ex-atletas de basquetebol. Assim destacamos a cidade de Jundiaí que teve equipes femininas de

basquetebol, contando para isso com a parceria entre o poder público municipal e o Colégio Divino Salvador. O mesmo ocorreu com a cidade de Piracicaba que estabeleceu parceria entre o poder público municipal e a Universidade Metodista de Piracicaba, para manutenção do basquetebol feminino. No caso da cidade de Santo André, São Bernardo do Campo, Guarulhos, São Caetano do Sul, Cubatão, Bauru, e Sorocaba houve continuidade no desenvolvimento da prática por conta de sujeitos e ou profissionais, ex-atletas de basquetebol que não permitiram a extinção dessa cultura. Citamos as (os) técnicas (os) de Santo André (Laís e Arilza), em Jundiaí (Nestor e Norberto da Silva, o Borracha), Sorocaba (Vendramini), São Bernardo (Fiorisi), Bauru (Barbosa), Piracicaba e Campinas (Maria Helena e Heleninha), entre outros.

Acrescentando as cidades em que jogam atualmente e comparando-os, os resultados são muito parecidos com o anterior. Diferem somente em números de atletas, mas as cidades confirmam a incidência de equipes de basquetebol feminino ao longo da história.

GRÁFICO 5 – Em Quais Cidades Já Participou Como Atleta?

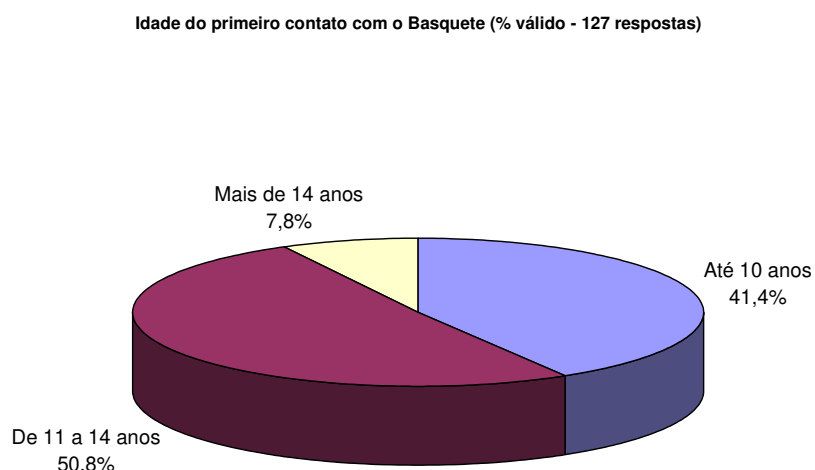
Desenvolvemos o gráfico 5 para melhor visualização da trajetória das atletas. Ele mostra o número e as cidades/equipes nas quais atuaram. Para melhor compreensão, dividimos a análise em duas categorias: até 21 anos e maior de 21 anos.

A atleta que mais se deslocou entre equipes/cidades encontrava-se por ocasião da realização da pesquisa na equipe de Ourinhos-SP (categoria livre). Ela já atuara em 9 agremiações. Na categoria até 21 anos, verificamos que uma atleta jogou em sete cidades diferentes.

Observou-se que das 77 respostas da categoria menor de 21 anos, 32 atletas jogaram em uma cidade somente. Já na categoria livre verificamos que das 51 respostas, apenas 7 continuam na equipe inicial.

Esta situação evidencia a fragilidade das políticas públicas de esportes, especificamente no basquetebol feminino dos municípios paulista que não conseguiram fixar atletas nas equipes, dando continuidade ao processo de iniciação ao basquetebol, culminando com a participação das atletas nas equipes adultas.

A falta de planejamento a médio e longo prazo, decorre da descontinuidade dos projetos de políticas públicas por motivos de ordem política e administrativa, e também porque muitos municípios de certa forma, abriram mão do papel de formadores de atletas, assumindo apenas a responsabilidade pela manutenção de equipes adultas, não se preocupando com a formação de novas atletas através das categorias menores (pré-mini, mini, mirim, infantil e juvenil).

GRÁFICO 6 – Qual Era Sua Idade Quando Teve O Primeiro Contato Com O Basquete?

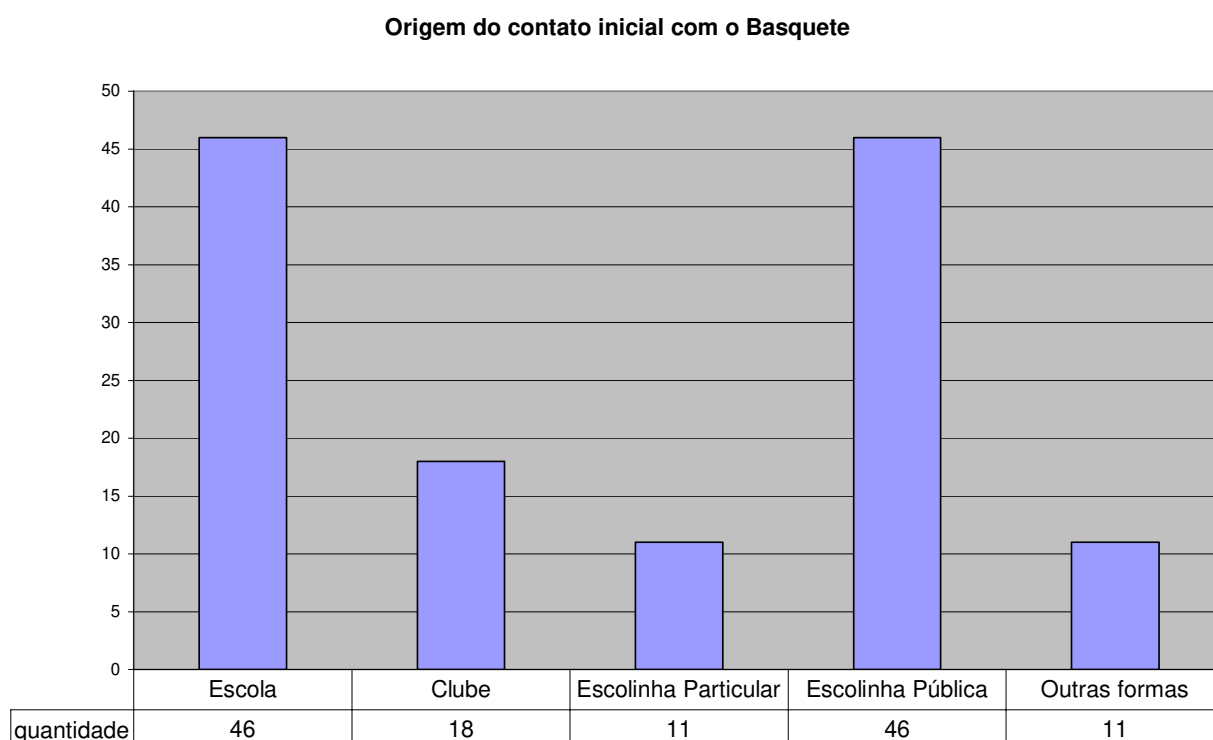
A questão acima teve como objetivo verificar a idade inicial da prática do basquetebol pelas jogadoras que participaram da pesquisa.

Observamos que 50,8% iniciaram na faixa etária entre os 11 e 14 anos. O índice de 41,4% foi relativo à iniciação esportiva com menos de 10 anos. E acima de 14 anos, o índice apresentado foi de 7,8%.

O gráfico revela a especialização precoce em 41,4% das pesquisadas em nossa amostra, que pode ser reflexo do processo de massificação que houve por ocasião dos grandes patrocinadores, inclusive estatais que justificavam seus investimentos nas equipes adultas na responsabilidade social, atendendo filhos de funcionários e crianças desfavorecidas economicamente, nas décadas de 80 e 90. Várias empresas, entre elas: bancos e empresas públicas e privadas, escolas, universidades privadas, empresas de

gêneros alimentícios, materiais de construção, de planos de saúde, de cursos de informática e construtoras.

GRÁFICO 7 – O Contato Inicial com o Basquetebol se deu em:



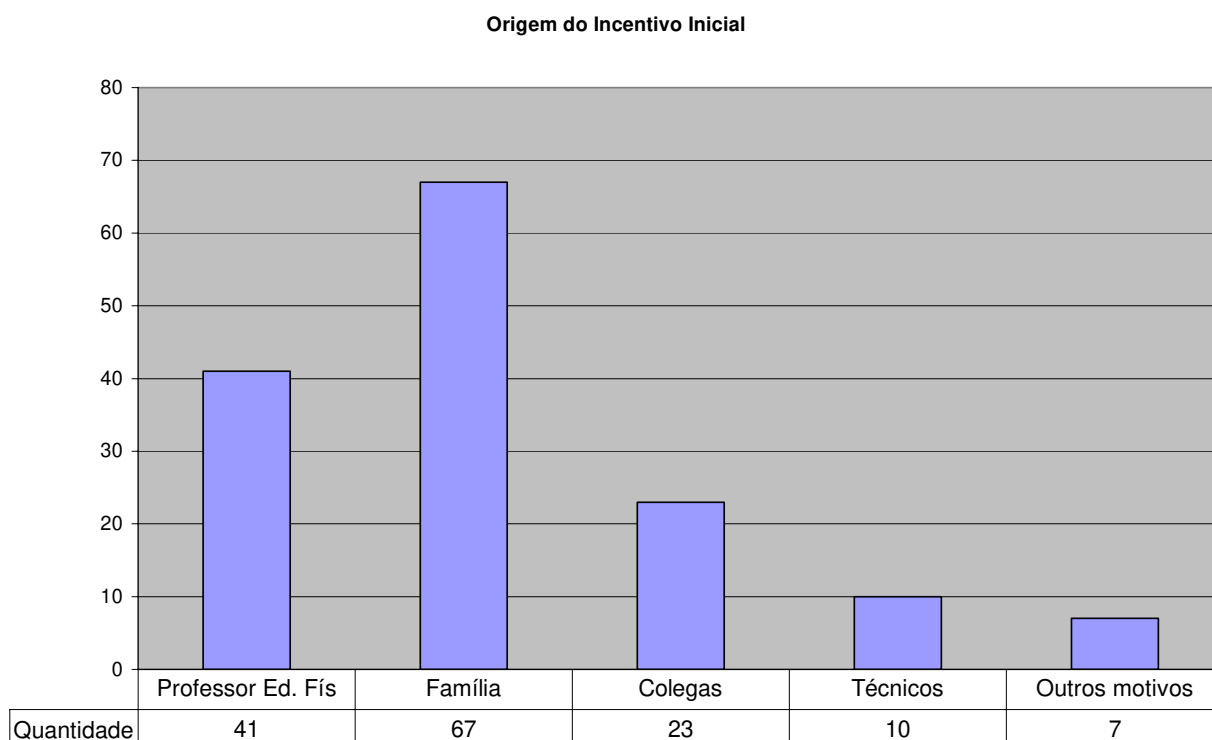
Buscamos detectar com esta questão quais foram os locais que estimularam a prática do basquetebol feminino, encontrando as seguintes incidências de respostas: com 46 cada uma, apareceram as escolas de ensino regular e escolinhas públicas como os principais órgãos disseminadores.

Esses resultados são importantes porque confirmam que houve políticas públicas que interferiram no processo de formação das atletas entrevistadas. Também o basquetebol foi alavancado nas escolas por meio da Educação Física.

No entanto, embora os dados confirmem que para o contato inicial as escolinhas públicas tiveram significativo papel, não conseguiram dar continuidade a este processo nas categorias subseqüentes.

Em seguida vieram os clubes com 18 respostas, e em terceiro ficaram as escolinhas particulares e outras formas não descritas pelas participantes.

O contato inicial no entanto não fez fixar muitas garotas praticando basquetebol por terem se auto excluído à medida que foram aumentando as exigências para a prática, para as quais ainda não estavam preparadas.

GRÁFICO 8 – Alguém Em Especial A Incentivou Para A Prática Do Basquetebol?

Para completar o gráfico anterior, buscamos levantar quais os agentes que estimularam o início dessa prática.

Encontramos 67 respostas afirmando que o incentivo inicial se deu na família, vindo a seguir com 41 respostas, o professor de Educação Física na escola.

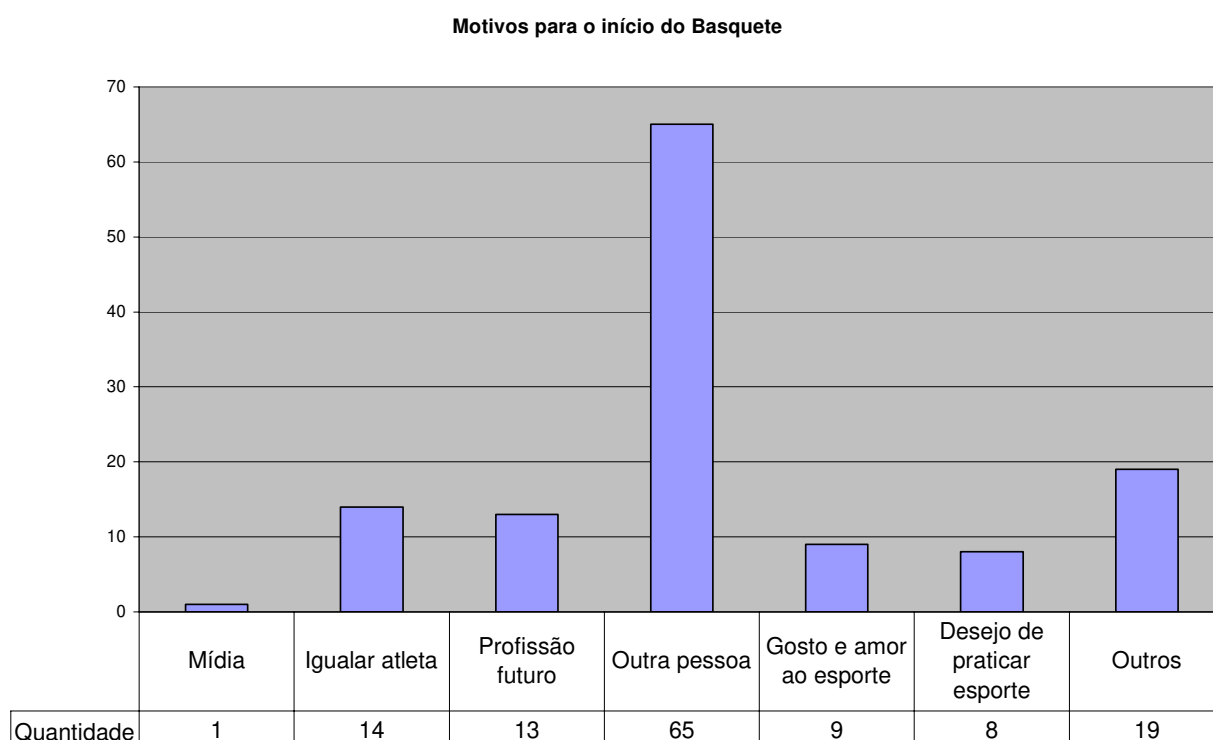
Os colegas corresponderam a 23 respostas. Ficaram para os técnicos 10, e 7 para outros tipos de incentivo.

Pudemos verificar que os técnicos ou clubes quase não incentivaram a prática dessa modalidade, fazendo-nos refletir sobre a finalidade que possuem, já que lidar com o atleta “pronto” e com os “talentos” esportivos, ou seja aqueles que foram

beneficiados pela genética e possuem capacidades físicas e habilidades motoras coincidentes com as necessidades para a prática do basquetebol.

Se os familiares estimulam a prática das meninas e se os professores a desenvolvem nas escolas, é possível concluir que a diminuição na atualidade pode entre outros motivos, estar relacionado à fragilidade dessas duas importantes instituições.

GRÁFICO 9 – Por quê você acha que começou a praticar basquetebol?



Procuramos nesta questão levantar os motivos que as levaram ao início da prática do basquetebol, do próprio ponto de vista pessoal.

Obtivemos 65 respostas de que foram incentivadas por outras pessoas, por influência sócio cultural.

Em segundo, 19 respostas tendo como outros os motivos que elencaremos em momento oportuno.

Para se “igualar a atletas já renomadas”, obtivemos 14 respostas.

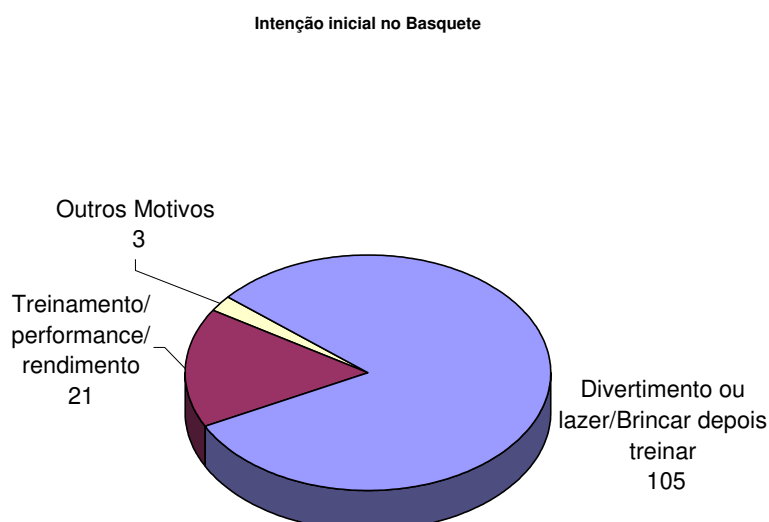
Um dado que achamos relevante foi de que 13 responderam que era para se ter uma profissão no futuro.

Por “amor ou gosto” pelo esporte, 9 responderam que esse foi o motivo principal.

Oito atletas responderam que pelo desejo de praticar, e uma respondeu que foi pela influência da mídia.

Todas as respostas confirmam e complementam as do gráfico 08, já que percebemos a forte influência dos agentes sócio culturais que representaram 65 respostas. Assim, cada vez mais a problemática em estudo se elucida à medida que os dados demonstram fragilidades e alterações nas configurações do esporte, do basquetebol, na profissão de Educação Física, na Educação Física Escolar, na própria Educação e da família, que não se foca no ser humano, mas nos lucros, que produtos e serviços podem gerar.

GRÁFICO 10 – No seu contato com o basquetebol, sua intenção inicial foi:



Este gráfico sintetizou a intenção inicial de praticar basquetebol pelas participantes.

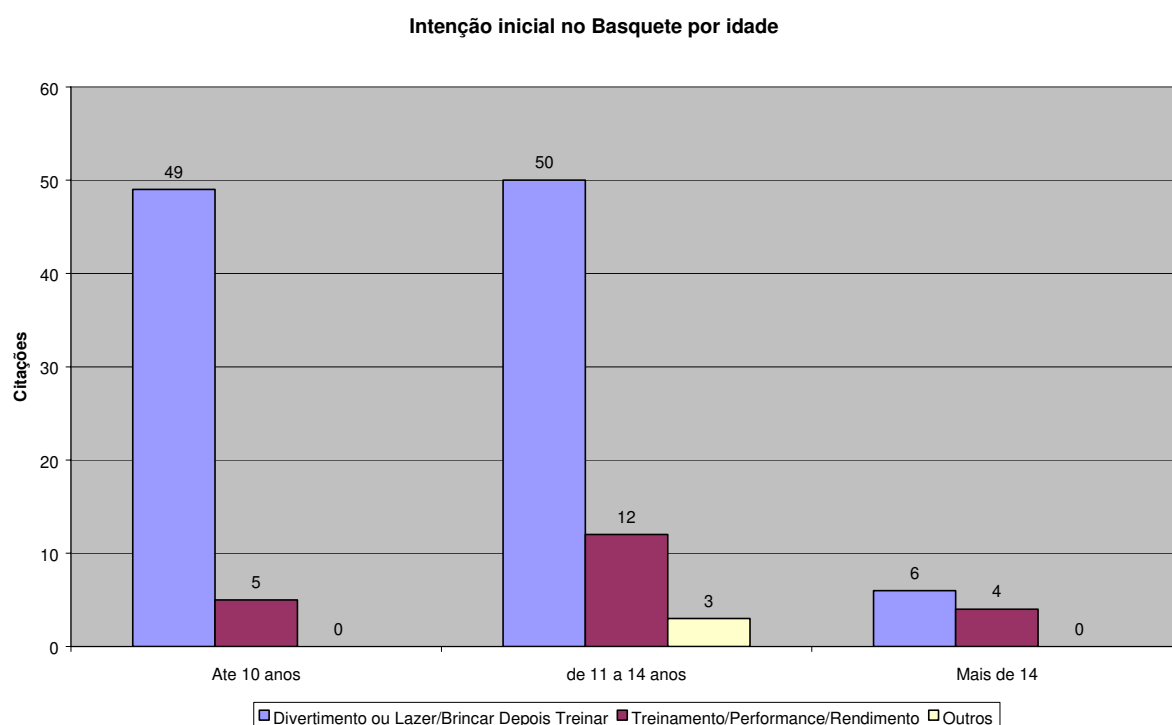
Verificamos que 105 delas iniciaram essa prática com a finalidade de praticar por divertimento ou lazer, ou brincar, e que o treinamento foi uma consequência.

Tivemos 21 respostas que afirmaram que a intenção inicial era voltada ao treinamento, performance e rendimento. Três responderam outros motivos.

O basquetebol para as praticantes em seu início, foi jogo, brincadeira, diversão e por isso prazeroso e objeto de contentamento. Como a escola foi o local privilegiado para o primeiro contato, entendemos que as relações grupais foram decisivas para a manutenção da prática, e que embora com grandes variações e por a Educação Física

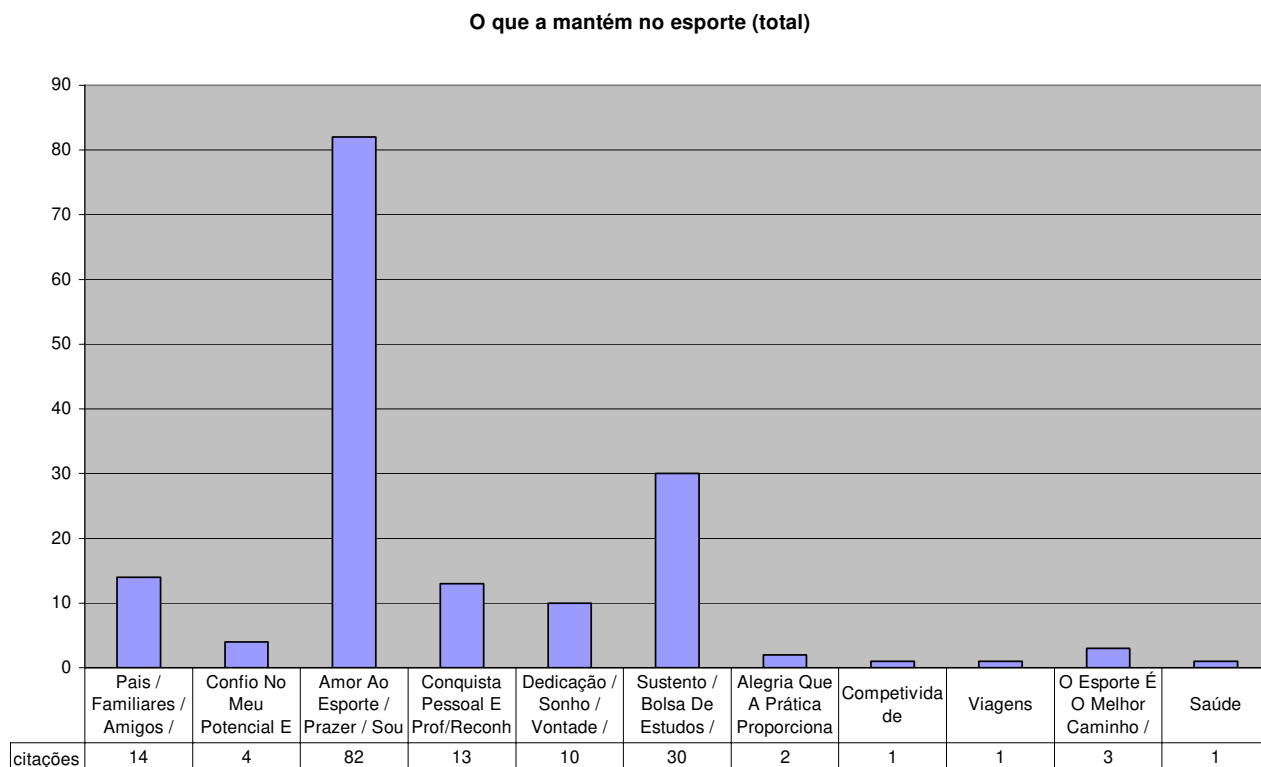
passar nas duas últimas décadas por sérios problemas de identidade, é bem provável que o basquetebol tenha se constituído para muitas, mais que esporte educação, em esporte lazer na escola.

GRÁFICO 10.1 – No seu contato com o basquetebol, sua intenção inicial (por idade) foi:



Neste gráfico verificamos que a maioria das participantes (cento e cinco) teve como intenção inicial para a prática do basquetebol: o divertimento, o lazer e brincar para depois treinar.

Observamos que vinte e uma atletas começaram a prática com a intenção de treinamento, performance e rendimento. O que nos chamou a atenção, foi que dessas, cinco tinham menos de 10 anos de idade.

GRÁFICO 11 – O que a mantém jogando basquetebol?

Apesar da maioria das atletas serem remuneradas e não possuírem outra atividade profissional formal, 82 responderam que jogavam por “amor ao esporte”, por prazer, diversão e por que eram “viciadas” na prática, equivalendo a 59,9% do total de respostas.

Em seguida, com 30 indicações, as atletas justificaram que jogavam basquetebol por questões materiais; bolsa de estudos, emprego e sustento, que totalizou 18,6% das respostas.

Os pais, familiares, amigos e convivência com outras pessoas, obtiveram 14 respostas e totalizaram 8,75%. Conquista pessoal e profissional, reconhecimento social

e vontade de vencer tiveram 13 indicações, atingindo o percentual de 8,1% das respostas.

Outras motivações foram citadas, mas, por não serem relevantes a este estudo, não as abordaremos.

Embora a maioria das atletas tenha revelado forte vínculo afetivo com o basquetebol e com o prazer pela prática, é importante destacar que o basquetebol em suas vidas, passou por transformações de natureza estrutural e que o contexto sociocultural interferiu direta e indiretamente em todo o processo de envolvimento com a modalidade.

Não podemos comprovar, mas o deslocamento de atletas de regiões e cidades por ocasião dos 68º Jogos Abertos do Interior leva-nos a supor que foram remuneradas para a prestação de serviços; competirem em um campeonato estadual junto a outras atletas da mesma equipe, com as quais, em alguns casos não apresentavam quase nenhuma familiaridade.

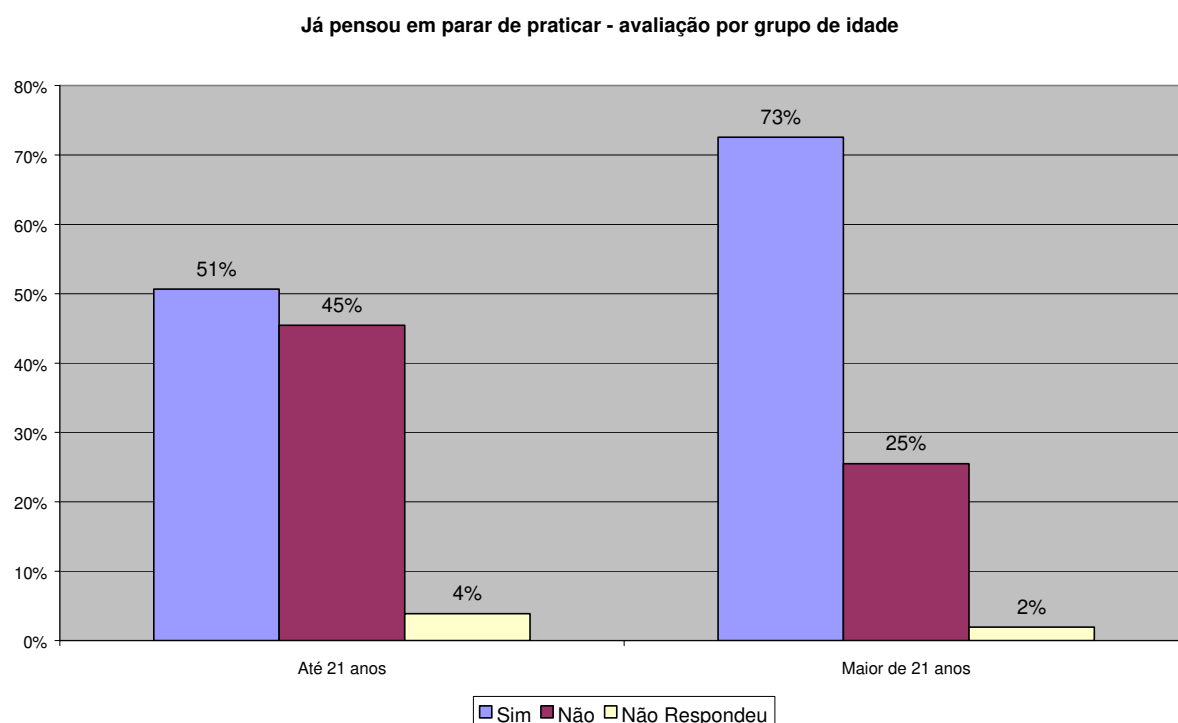
QUADRO 4 – O que a mantém jogando basquetebol?

Motivos que as mantém jogando

Todas as citações dos motivos que as mantém no basquete	citações	% do total
Pais / Familiares / Amigos / Convivência Com Outras Pessoas	14	8,7%
Amor Ao Esporte / Prazer / Sou Viciada / Diversão	82	50,9%
Conquista Pessoal e Profissional/Reconhecimento/Vontade de Vencer	13	8,1%
Dedicação / Sonho / Vontade / Motivação / Desafio	10	6,2%
Sustento / Bolsa De Estudos / Estudo / Emprego	30	18,6%
Confio No Meu Potencial E Espero Um Dia Crescer Profissional	4	2,5%
Outros motivos		
Alegria Que A Prática Proporciona	2	1,2%
Competitividade	1	0,6%
Viagens	1	0,6%
O Esporte é o Melhor Caminho / Forma Física / Amadurecimento	3	1,9%
Saúde	1	0,6%
TOTAL	161	

Para melhorar o entendimento do gráfico 12 explicitamos as categorias criadas, acrescentando os percentuais relativos alcançados a partir das respostas dadas pelas participantes.

GRÁFICO 12 – Você já pensou em parar de praticar basquetebol?



Para maior fidedignidade , a questão foi dividida em duas categorias: até e acima de 21 anos.

Encontramos na categoria até 21 anos, que 51% das participantes pensaram em parar com a prática do basquetebol.

Na categoria acima de 21 anos, essa porcentagem aumentou para 73% de respostas positivas.

Para observarmos os motivos da intenção de parar com a prática do basquetebol, buscamos as explicações mais detalhadas no próximo quadro.

QUADRO 5 – Por que você pensou em parar de praticar basquetebol?

Motivo que a fez pensar em parar	Sim / Não	Total Citado	% total
Me apaixonei por Basquetebol / Gosto / Amo o que faço	N	12	10,4%
Trabalho / Dependência	N	4	3,5%
Saudade de casa / Ficar longe da família	S	3	2,6%
Pretendo ser uma grande jogadora	N	1	0,9%
Desmotivação / Rotina / Stresse / Fofocas / Desilusão	S	16	13,9%
Perder o prazer pelo Esporte / Dificuldades de praticá-lo	S	3	2,6%
Problemas pessoais / Família	S	6	5,2%
Falta de Incentivo e Apoio de Patrocinadores	S	14	12,2%
Lesões	S	5	4,3%
Por causa da idade (37 e 40 Anos)	S	3	2,6%
Falta de organização da CBB	S	4	3,5%
É cedo ainda (30 Anos) / Ainda não aprendeu tudo	N	4	3,5%
Continuar os estudos / Indo mal na Escola	S	7	6,1%
Baixo desempenho / Não vou evoluir mais / Rendimento	S	7	6,1%
Estava dando tudo errado / Instabilidade / Insegurança	S	5	4,3%
Falta de clubes com qualidade / Falta de atletas	S	6	5,2%
Salário / Financeiro / Dificuldades financeiras	S	4	3,5%
Amigos	N	1	0,9%
Relação com o técnico	S	2	1,7%
Não ter passado em um teste	S	1	0,9%
Vontade própria / Opinião	S	1	0,9%
Não sabe fazer outra coisa	N	2	1,7%
Não ser valorizada	S	3	2,6%
Para começar a vida profissional	S	1	0,9%
TOTAL		115	

Obs: Em destaque as respostas positivas.

O gráfico 12 nos remeteu ao Quadro 5 onde elencamos os motivos que levaram as atletas a pensarem em parar de jogar basquetebol em algum momento.

Obtivemos respostas de 115 atletas que em ordem decrescente responderam: para 13,9% das atletas que responderam sim, os principais motivos foram: a

desmotivação, a rotina, o estresse, os problemas de relacionamento e a desilusão. Com 12,2%, os aspectos apontados foram a falta de incentivo e apoio de patrocinadores.

Das atletas que responderam negativamente as respostas incidiram sobre: “me apaixonei por basquetebol” e “amo o que faço”, perfazendo 10,4% das respostas.

Esses dados confirmam outros anteriores, de que apesar do aspecto profissional, a motivação maior ainda era o gosto pela prática, mas intuímos que se não houvesse ajuda material, dificilmente as atletas continuariam se dedicando.

Destacamos quatro itens do Quadro 5, pelo percentual que alcançaram “desmotivação, desilusão, dificuldade de relacionamento, estresse”, como fortes fatores ligados à atuação das equipes profissionais que lidaram com as atletas. Treinamentos elaborados inadequadamente ocasionam estresse, fracasso e conflitos entre integrantes de grupos de atletas. E relação às metodologias, as posturas e a preparação profissional na área do basquetebol pode-se parcialmente concluir que ainda está aquém das necessidades, o que pode ser comprovado mediante o baixo volume de produções e publicações científicas na área, no Brasil.

Quanto ao item que agregou “falta de incentivo e patrocinadores”, estes aspectos atrelados aos anteriormente citados demonstram a dedicação exclusiva à prática, configurando-se como única atividade, exigem remuneração e apoios psicológico, médico, nutricional, fisioterápico, e que o não oferecimento destas condições também ocasionam estresse e desmotivação.

A falta de patrocinadores além da não manutenção das próprias atletas e equipe técnica também inviabiliza este apoio necessário para inclusive evitar e tratar lesões, que também foi citado como outro item que fez as atletas pensarem em parar de praticar basquetebol.

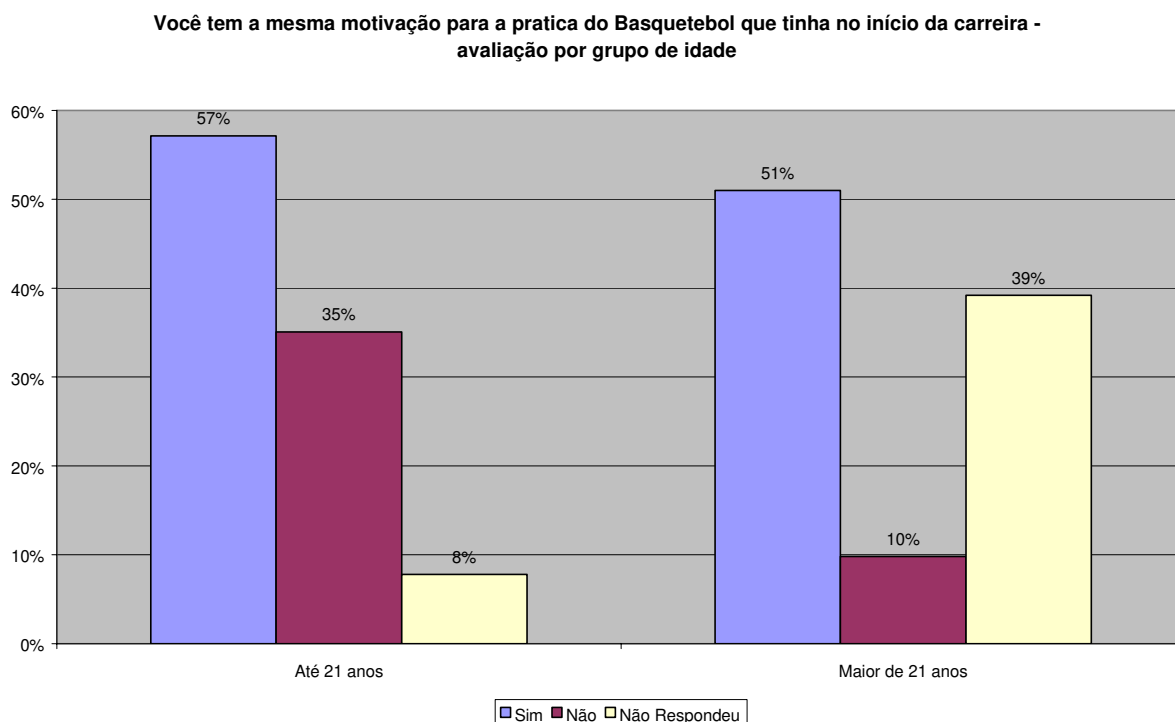
“Ir mal na escola e continuar os estudos” , foram respostas significativas à nossa pesquisa, uma vez que observamos o baixo nível de escolaridade das atletas por exigência de treinamentos extenuantes, duas vezes ao dia, pela manhã e final de tarde, e a noite.

Por fim, a “falta de clubes” estruturados foi descrita como motivo para algumas atletas pensarem em desistir. Vários fatores, desde o desinteresse dos órgãos dirigentes, profissionais desqualificados, patrocinadores que não recebem respaldo adequado sobre os possíveis retornos, não configurando um quadro seguro, já que os próprios dirigentes muitas vezes são leigos, são motivos que inviabilizaram a proliferação de equipes de basquetebol feminino em clubes. Além disso, faltam normatizações por parte dos órgãos dirigentes e sobram ônus para participação nos campeonatos.⁵

Sobre a falta de atletas, logicamente que é reflexo da ausência do desenvolvimento de trabalhos profissionais adequados, com as “equipes menores”, para evitar evasões, criar gosto pela prática, através de aprendizagens conscientes e significativas, não sobrecarregar estruturalmente e psicologicamente e criar identidade e gosto com e pelo basquetebol.

⁵ A participação em campeonatos exige inscrição dos clubes, dos atletas individualmente, responsabilização sobre despesas com a arbitragem, auxílio alimentação, ajuda de custo para as viagens, taxas de inscrição, de transferências, pagamento de mensalidades para as federações e confederações, entre outras.

GRÁFICO 13 – Você tem a mesma motivação para a prática do basquetebol que tinha no início da carreira?



No gráfico 13, verificamos se as praticantes possuíam a mesma motivação que tinham no início de suas carreiras para jogar basquetebol. As respostas positivas representaram 57% do total para a categoria até 21 anos e de 51% para as maiores de 21 anos.

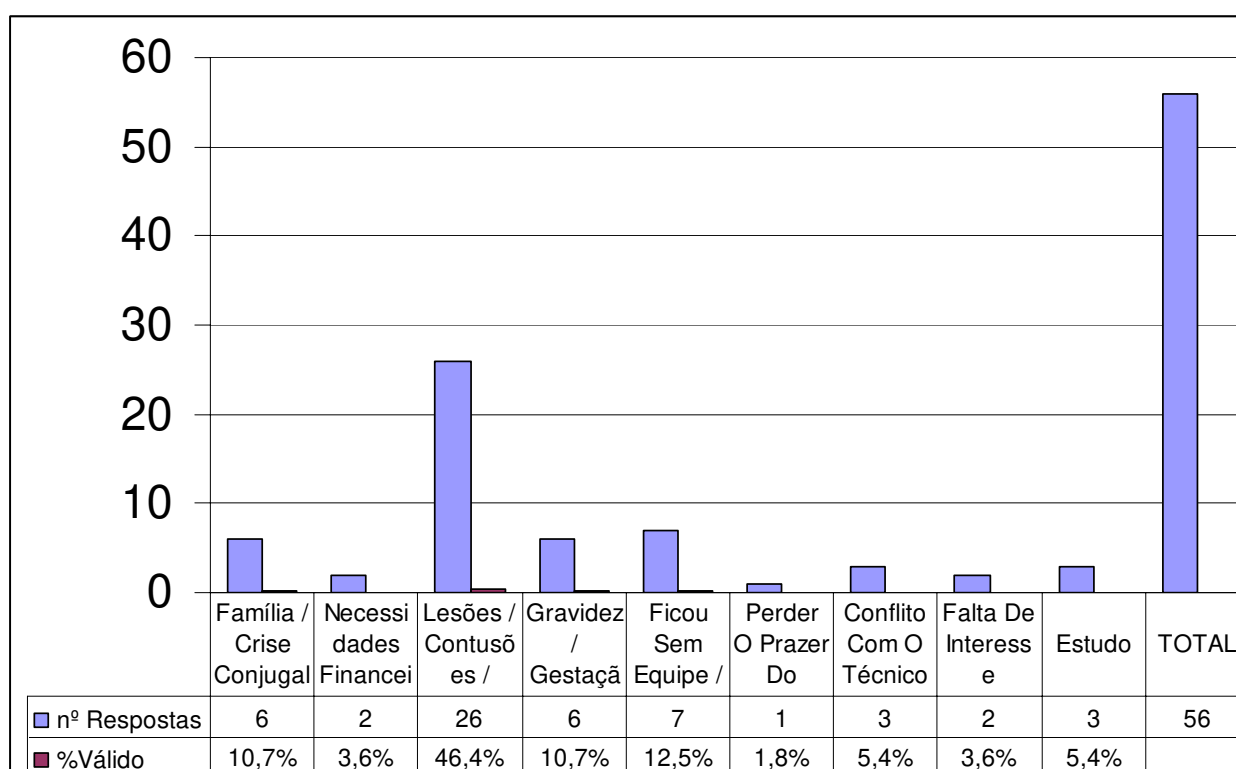
Nas respostas negativas isso se inverteu, pois 35% se sentiram desmotivadas na categoria até 21 anos, sendo que nas maiores de 21 anos 10% responderam que não tem a mesma motivação inicial.

Tais resultados demonstraram que o grupo já possuía outro tipo de envolvimento com o basquetebol através dos itens anteriormente descritos, ligados aos aspectos prazer e ludicidade. Intuímos que sejam os que mais se “perderam” ao longo das

trajetórias das atletas. Estas que muitas vezes já se encontravam em situações desfavoráveis para a prática, pois já acumulavam várias lesões que ao reincidirem, levavam-nas a mais desmotivação.

Também, o amadurecimento, a visualização da realidade dos resultados obtidos ao longo do tempo, além dos “aspectos negativos” do esporte que envolvem subornos, doping e corrupções, fizeram as atletas compreenderem aspectos que não eram possíveis no início da carreira.

GRÁFICO 14 – Se você se afastou da prática do basquetebol em algum momento, foi por quais motivos?



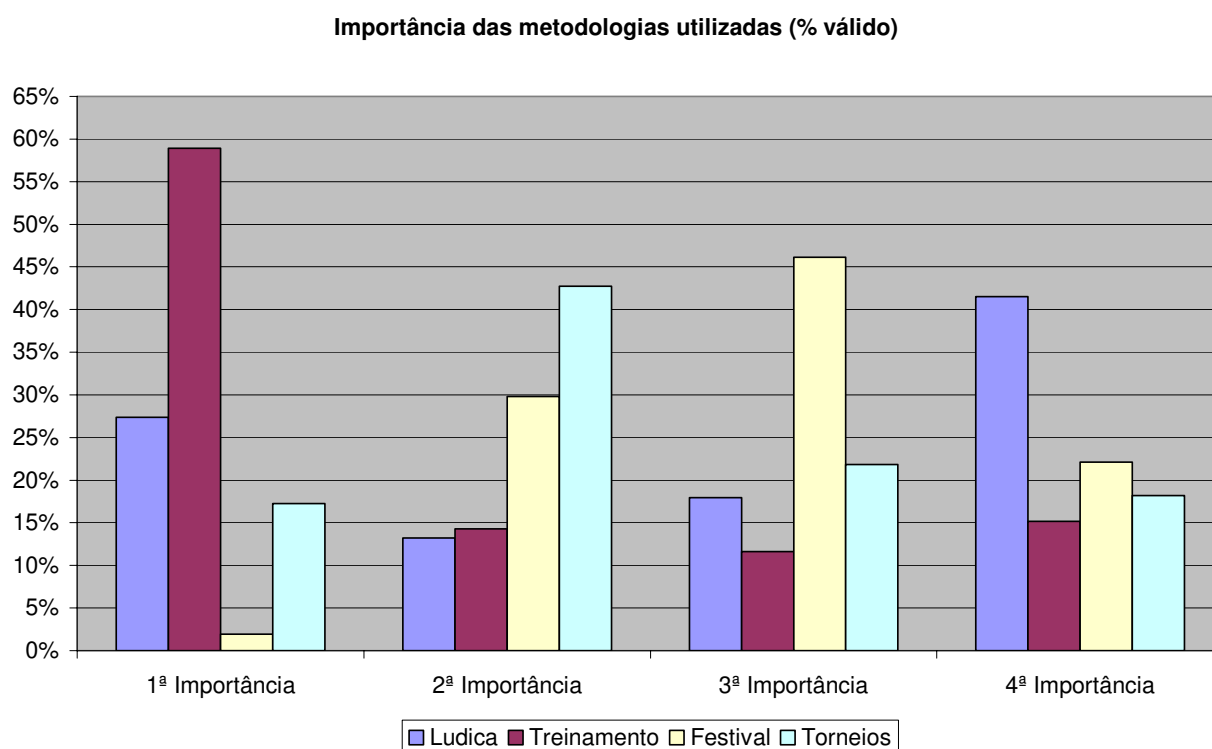
Das 56 respostas positivas de afastamento da prática, observamos que o gráfico apresentou que os motivos principais foram as lesões e ou contusões, que atingiram um total de 46,4% das respostas dadas.

Com 12,5% das respostas: ficou “sem equipe”. Depois encontramos: gravidez, problemas na família e crise conjugal com 10,7%.

Observamos que a maioria não havia se afastado, por isso elaboramos este gráfico somente com as respostas positivas.

O alto índice de lesões que afastaram as atletas, decorreu de vários motivos, mas o uso inadequado de métodos de treinamentos, provavelmente repetitivos e exaustivos ocasionaram micro lesões ou micro fraturas por esforço que culminaram com lesões de grande porte, com exigência de técnicas invasivas ou cirúrgicas, que impossibilitaram a prática, e que ao afastarem-se dela, não tiveram nenhuma espécie de seguro ou outro tipo de licença saúde, já que não se trata de uma profissão regulamentada.

GRÁFICO 15 – Ao longo de sua história como praticante do basquetebol, as metodologias utilizadas pelos professores / técnicos foram por ordem de importância (numerar 1, 2, 3, 4):



Através desta questão, quisemos observar as metodologias utilizadas pelos agentes disseminadores e pudemos compor o seguinte quadro por ordem de importância:

Como primeira opção, a metodologia predominante e utilizada pelos professores e técnicos durante todo o processo ensino-aprendizagem, foi atrelada ao treinamento, com quase 60% de indicações.

A segunda opção e importância que foi observado através do questionário ficaram evidenciadas os torneios.

Com a terceira escolha, ficou caracterizada os festivais.

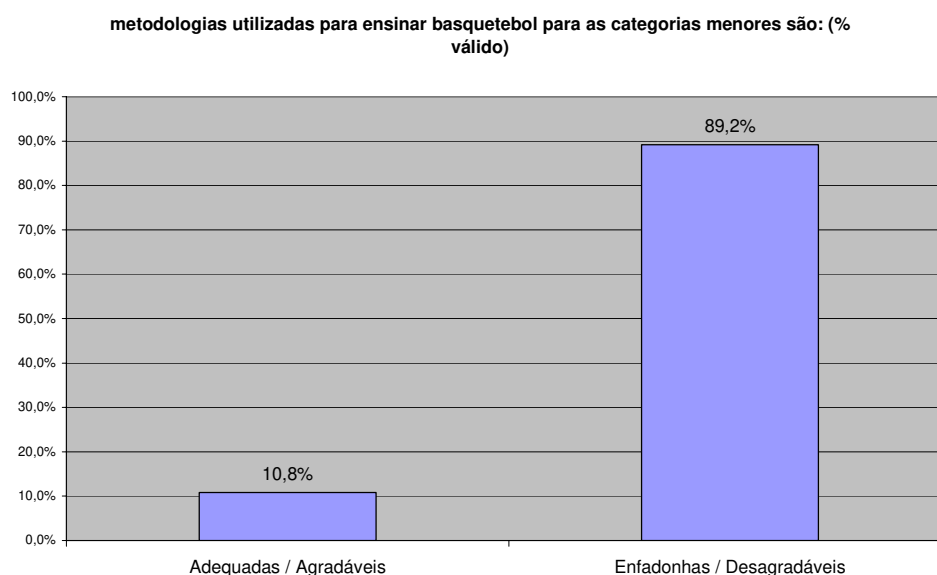
Por fim, como quarta opção a preferência recaiu sobre as atividades lúdicas.

As metodologias utilizadas nos treinamentos ao longo da história das atletas em grau de importância, revelaram que treinamento e torneios, prevaleceram sobre festivais e estratégias lúdicas, como jogos adaptados, pré-desportivos, motores, simbólicos e outros.

Tal concepção se relaciona com a formação de profissionais e dos não profissionais. No caso dos licenciados em Educação Física várias foram as lacunas deixadas na formação em nível superior e, no caso dos leigos, os treinamentos consistiam em aprendizagens por repetições normalmente parametradas pelos treinamentos das equipes masculinas.

As estratégias lúdicas e os festivais foram introduzidos em momentos que os bacharéis em Educação Física ou esporte atuaram com a iniciação esportiva. Houve intenção de mais do que desenvolver habilidades especializadas para o basquetebol, se desenvolver habilidades que ampliassem o acervo motor, a combinação de habilidades motoras, capacidades físicas, manejo de corpo e de materiais, entre eles, bolas que não necessariamente as de basquetebol.

GRÁFICO 16 – Na sua opinião as metodologias utilizadas para ensinar basquetebol para as categorias menores são:



Neste gráfico observamos que as metodologias utilizadas nas equipes de base não são compatíveis com a faixa etária, e não são direcionadas pelos profissionais para atender aos anseios das crianças/adolescentes iniciantes na modalidade de basquetebol.

Verificamos que a maioria 89,2% afirmou que os métodos que foram aplicados nas categorias menores são inadequados, tornando as atividades enfadonhas e desagradáveis para as praticantes. Somente 10,8% acha que é agradável e adequado.

O resultado obtido nos auxilia a comparar com o gráfico anterior onde verificamos que a metodologia mais utilizada pelos profissionais de Educação Física foi o treinamento.

Como 89,2% das respostas demonstraram que as atletas acharam que as formas de ensinar são “enfadonhas” ou “desagradáveis” há de se refletir se a persistência dessas atletas que continuaram, não se relacionaram com o fator necessidade material e ou aproximação de mitos esportivos, tão fortemente vinculados na atualidade. Há no esporte a tradição da dor, do limite, do sofrimento, que fica naturalizado para assim que superados, se alcançar a glória e a fama, e ascensão social.

QUADRO 6 – Momentos ou situações negativas pelas quais tenha passado em sua carreira e que a desmotivou:

Respostas obtidas	1ª Citação	% válido	Total Citações	% válido
Falta de Apoio e ou Patrocínio / Time Acabou / Falta Equipe	20	19,2%	26	18,3%
Lesões / Contusões / Cirurgias / Estresse	27	26,0%	30	21,1%
Perda de Campeonatos Importantes / Errar no Final de Jogo	5	4,8%	5	3,5%
Problemas Familiares	3	2,9%	4	2,8%
Problemas no Alojamento / República / Relacionamento	3	2,9%	4	2,8%
Rendimento em Quadra / Time Ruim / Jogos Ruins	5	4,8%	5	3,5%
Desempenho / Adaptação / Insegurança	3	2,9%	5	3,5%
Desmotivação Pessoal e ou de Técnicos / Falta de Companheirismo	3	2,9%	14	9,9%
Ficar Longe da Família / Morar em Cidade Grande	1	1,0%	3	2,1%
Falta de Caráter entre Técnicos e Dirigentes	1	1,0%	3	2,1%
Falta de Valorização e Reconhecimento / Problemas de Contrato	19	18,7%	23	16,2%
Excesso de Cobrança	2	1,9%	2	1,4%
Corte de Seleções / Corte de Equipes	5	4,8%	5	3,5%
A Não Convocação para Seleção Brasileira	1	1,0%	1	0,7%
Locomoção difícil para Treinar / Falta de Organização	3	2,9%	4	2,8%
Desprezo e Humilhação de quem era melhor / Meninas mais velhas	2	1,9%	5	3,5%
Trabalho em Centro Espírita para afastar do Basquete	1	1,0%	1	0,7%
Discriminação (Masculino X Feminino)	0	0,0%	2	1,4%
TOTAL	104	100,0%	142	100,0%

Quisemos com estes dados, levantar as principais situações negativas que as atletas passaram durante suas carreiras, além de servir para confirmar elementos encontrados em outros gráficos com outras categorias.

Destacamos no Quadro acima a coluna número 3, recuperando a memória da atleta como momento negativo da sua carreira, detendo-nos ao total das citações.

Em destaque com 21,1% estão as lesões, contusões, cirurgias e estresse, como aspectos negativos e levando a uma desmotivação para a prática do basquetebol, que já havíamos analisado anteriormente.

A seguir, com 18,3% veio a falta de apoio e ou patrocínio, o encerramento de atividades da equipe ou até mesmo a falta de equipes para jogar, que também já havia sido apresentado e discutido em tabela de categorias anteriores.

Com 16,25% do total das respostas, a desmotivação para a prática foi desencadeada por falta de valorização e reconhecimento, bem como por problemas de contrato, que caracteriza um falso profissionalismo.

Consideramos relevante destacar com 9,9%, os aspectos relacionados com a desmotivação pessoal e ou de técnicos e a falta de companheirismo entre as colegas.

Os momentos negativos citados pelas atletas seriam adequadamente resolvidos por equipes multiprofissionais qualificadas para tal.

QUADRO 7 – Descreva aspectos positivos propiciados pela vivência do basquetebol que a manteve praticando:

	1ª Citação	% Válido	Total Citações	% Válido
Convivência/Companheiras de Time / Conhecer Pessoas / Amizades	36	31,3%	52	25,1%
Conquista de Campeonatos / Bons Resultados	16	13,9%	30	14,5%
Amor ao Esporte / Prazer / Vontade de Jogar / Perseverança	15	13,0%	20	9,7%
Amor aos nossos Técnicos	0	0,0%	3	1,4%
Retomada do Espírito Esportivo e Prazer de Jogar / Retorno	1	0,9%	1	0,5%
A Motivação dos Colegas e Técnico / Incentivo da Família	7	6,1%	12	5,8%
Conhecer Lugares / Viagens / Conhecer outros Países	5	4,3%	14	6,8%
Ambiente Saudável	0	0,0%	2	1,0%
Adrenalina do Jogo	0	0,0%	1	0,5%
Desafio / Competitividade	2	1,7%	5	2,4%
Prática do Exercício Físico / Saúde Privilegiada / Disciplina	3	2,6%	5	2,4%
Emoção do Jogo / De estar na quadra	2	1,7%	5	2,4%
Experiência de Vida / Auto Superação / Responsabilidade	15	13,0%	21	10,1%
Aprender Mais / Realizar Sonhos / Disciplina / Auto Afirmação	2	1,7%	8	3,9%
Dinheiro / Salário / Benefícios / Profissão	3	2,6%	8	3,9%
Representar o País no Exterior / Convocação para Seleções	3	2,6%	8	3,9%
Reconhecimento como Atleta	1	0,9%	3	1,4%
Oportunidade de Formação Superior / Escolas / Bolsa de Estudos	4	3,5%	9	4,3%
TOTAL	115	100,0%	207	100,0%

Como no Quadro 6 verificamos os aspectos negativos, quisemos saber também dos momentos positivos encontrados através da prática do basquetebol. Usamos o mesmo critério adotado anteriormente em relação à 1ª citação, atendo-nos somente no total das categorias.

Em primeiro plano com 25,1 das respostas, verificamos que os principais aspectos positivos foram a convivência, as companheiras de equipes, conhecer novas pessoas e fazer amizades.

Com 14,5% observamos que um fator motivacional muito forte, esteve relacionado à conquista de campeonatos e obtenção de bons resultados.

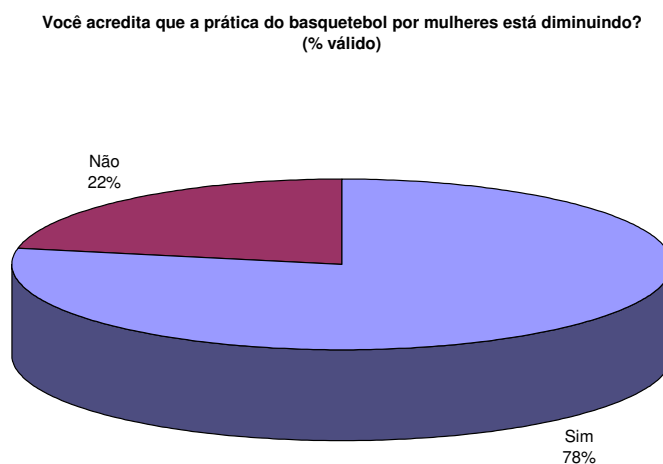
Algumas responderam que a experiência de vida, auto-superação e a responsabilidade, foram fatores positivos em suas vidas, totalizando 10,1% das respostas.

Voltamos a encontrar com 9,7% razões como o amor ao esporte, prazer, vontade de jogar e perseverança.

Convivência, amizade e conhecer pessoas apareceram em 52 respostas e evidenciou o caráter do esporte participação (Tubino, 1992).

Alcançar bons resultados nos campeonatos, vencer, esteve atrelado ao êxito atlético em que o que vale mesmo é vencer e não só participar, configurando o esporte performance ou rendimento (Tubino, 1992).

Aspectos psicológicos e ligados à personalidade, foram enfatizados com 20 citações, que historicamente foram atribuídas ao esporte, sendo que tal transposição não ocorre de maneira direta. Se assim fosse, todo atleta teria características psicológicas muito parecidas e não é isso o que observamos mesmo entre os ditos “talentos esportivos”. Temos exemplos de atletas mais resistentes, mais sensíveis, mais equilibrados ou inteligentes, agressivos, arrogantes e perseverantes.

GRÁFICO 17 – Você acredita que a prática do basquetebol por mulheres está diminuindo?

Na pesquisa realizada, as participantes afirmaram que percebem que a prática do basquetebol feminino está diminuindo, quando averiguamos que 78% das respostas foram afirmativas de que isto está ocorrendo.

Se posicionando contrárias, encontramos 22% de respostas negativas.

A diminuição é visível por vários motivos. O número de participantes se mostra reduzido em relação às outras modalidades coletivas.

As dificuldades descritas pelas atletas também deixaram claro para elas que várias cidades e ou clubes extinguiram suas equipes, ficando cada vez mais difícil a preponderância da tradição histórica na prática.

QUADRO 8 – Motivos para a diminuição ou não da prática do basquetebol:

Motivos para redução ou não do número de jogadores	1ª Citação	% válido	Citação Total	% válido
Falta de Patrocínio, Incentivo e Investimento / Reconhecimento	55	52,4%	72	38,7%
Falta de Apoio das Prefeituras	5	4,8%	13	7,0%
Falta de Interesse das Mulheres / Acomodação das Pessoas	1	1,0%	4	2,2%
Falta de Equipes /Falta de Equipes de Base / Falta de Escolinhas	13	12,4%	26	14,0%
Falta de Exposição do Esporte / Desvalorizado / Não é Popular	5	4,8%	14	7,5%
Falta de Oportunidades / Falta de Continuidade	1	1,0%	4	2,2%
Descrença do Sexo / Valorização do Masculino	2	1,9%	9	4,8%
Há mais Mulheres Interessadas / Aumento da Competitividade	8	7,6%	10	5,4%
Falta de Ídolos / Falta de Renovação / Jogadoras saindo do Brasil	3	2,9%	9	4,8%
Falta de Campeonatos Escolares	0	0,0%	1	0,5%
Ausência de locais próprios para a Prática	0	0,0%	1	0,5%
Falta de Formação de novos Técnicos e Atletas	1	1,0%	2	1,1%
FPB e CBB incentivarem mais os Clubes / Diminuição das Taxas	0	0,0%	2	1,1%
Não dá Dinheiro / Não pagar o Combinado	2	1,9%	3	1,6%
Falta de Projetos Amplos / Gestões Admin. Deficientes / Leis	4	3,8%	9	4,8%
Machismo / Panelas / Falta de Princípios dos Atletas	0	0,0%	1	0,5%
Constituir Família	1	1,0%	1	0,5%
Custo muito Alto	0	0,0%	1	0,5%
Para Estudar	3	2,9%	3	1,6%
Surgimento de uma nova geração	1	1,0%	1	0,5%
TOTAL	105	100,0%	186	100,0%

No gráfico anterior ficou óbvio, que na opinião das atletas está ocorrendo a diminuição da prática do basquetebol. Para aprofundarmos nessa temática, buscamos os motivos para tal acontecimento e encontramos com destaque nas respostas com um total de 38,7% que isso ocorre pela falta de patrocínio, incentivo, investimento e de reconhecimento.

Em seguida com 14%, outros motivos relacionados foram: falta de equipes, falta de equipes de base e falta de escolinhas.

Destacamos com 7,5% que o problema é a falta de exposição do esporte, desvalorização do mesmo e que não é popular.

Muito próximo em respostas, com 7% encontramos opiniões que a diminuição ocorre por falta de apoio das prefeituras.

Discordando de que há diminuição, encontramos com 5,4% das atletas afirmando que há um aumento de mulheres interessadas e aumento da competitividade.

QUADRO 9 – Quais sugestões você daria para melhorar / aumentar / incentivar a prática do basquetebol feminino?

Sugestões para melhorar e incentivar a prática do basquete feminino	1ª citação	% válido	Total de citações	% válido
Ter Mais Patrocínio E Investimentos Públicos E Privados	36	31,0%	52	24,5%
Montar Mais Equipes No Brasil / Mais Oportunidades	4	3,4%	14	6,6%
Mais Apoio da FPB e CBB / Isenção de Taxas	10	8,6%	17	8,0%
Aumentar o Número de Escolinhas / Trabalho de Base / Centros de T.	15	12,9%	23	10,8%
Mais Apoio da Imprensa / Mais Transmissões	17	14,7%	31	14,6%
Incentivar os Patrocinadores mostrando as vantagens do Patrocínio	0	0,0%	1	0,5%
Mais Campeonatos / Mais Torneios, acessível a Todos	1	0,9%	13	6,1%
Massificação nas Universidades e Escolas	9	7,8%	17	8,0%
Melhorar a Organização do Calendário / Bons Dirigentes	3	2,6%	5	2,4%
Cursos de Formação para Técnicos / Profissionais Formados	3	2,6%	4	1,9%
Dar ao Atleta uma Estrutura para que possa se Dedicar ao Esporte	3	2,6%	5	2,4%
Descentralização da Região Sudeste	1	0,9%	2	0,9%
Incentivo para as Categorias Menores / Lei Fiscal	9	7,8%	12	5,7%
Evitar Transf. de Jogadoras até o Juv. / Transferência para o Exterior	1	0,9%	4	1,9%
Estabelecimento de Metas em longo prazo da CBB	3	2,6%	8	3,8%
Mais prazer e menos obrigação / Mais Jogos e Brincadeiras	1	0,9%	2	0,9%
Acabar Com As Pannelas Na Seleção	0	0,0%	1	0,5%
Acabar com o Preconceito Familiar	0	0,0%	1	0,5%
TOTAL	116	100,0%	212	100,0%

Neste Quadro encontramos as mais variadas sugestões visando a melhoria/incentivo da prática, e com 24,5% novamente se destaca a necessidade de mais patrocínio e investimentos públicos e privados. Outros 14,6% sugeriram mais apoio da imprensa e mais transmissões de jogos de basquetebol feminino.

Repetindo o Quadro 8, encontramos 10,8% sugerindo o aumento do número de escolinhas, trabalho de base e centros de treinamento.

Outras sugestões que acreditamos serem importantes, foram descritas: mais apoio da F. P. B. e C. B. B. e isenções de taxas, correspondendo a 8%. Outros 8% foram para a massificação nas universidades e escolas.

QUADRO 10 – Qual sua opinião sobre a prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo

Opinião sobre a prática do basquetebol feminino no Estado de SP	1ª citação	% válido	Total Citacão	% válido
Ótimo / Forte / Alto Nível / Elite Do Brasil / Bons Times	27	25,0%	31	15,3%
Boa Estrutura / Seriedade / Trabalho Especializado	3	2,8%	4	2,0%
Precisa De Mais Apoio E Patrocínio Público E Privado	11	10,2%	35	17,3%
É O Melhor Do Brasil / Ainda É O Polo / Número De Clubes É Grande	31	28,7%	39	19,3%
Tem Poucos Times / Poucas Jogadoras / Falta Categoria Juvenil	4	3,7%	17	8,4%
Necessita Mudanças Nas Federações, Ligas E Confederação	2	1,9%	3	1,5%
Tem Jogadoras Que Param De Jogar Para Trabalhar E Estudar	0	0,0%	2	1,0%
Poderia Ser Uma Fôrça / Poderia Ser Melhor	0	0,0%	5	2,5%
É A Vitrine Mas Está Acabando Por Jogadoras Parando Ou Indo Embora	6	5,6%	14	6,9%
É Competitivo, Mas Precisa Mais Incentivo De Empresários	1	0,9%	3	1,5%
Mais Competitividade / Incentivar Mais Os Outros Estados	0	0,0%	3	1,5%
Caiu Muito O Nível / Decadente / Está Diminuindo / Ruim / Pior Momento	16	14,8%	20	9,9%
Precisa De Mais Organização E Melhorar Dirigentes	0	0,0%	5	2,5%
Clubes Querem Resultados Imediatos	0	0,0%	1	0,5%
Desigualdade De Verbas Entre As Equipes	0	0,0%	1	0,5%
Mais Divulgação	0	0,0%	2	1,0%
Sempre A Mesma Coisa / Melhorar Os Treinamentos	1	0,9%	2	1,0%
Falta Locais Para A Prática / Mais Centros De Formação	1	0,9%	4	2,0%
Os Clubes Com Dinheiro Vão Buscar Jogadoras Estrangeiras	1	0,9%	1	0,5%
Valorização Excessiva Da Atleta / Leilão De Jogadoras	1	0,9%	3	1,5%
Precisa De Mais Equipes De Base Com Patrocínio	1	0,9%	2	1,0%
Tem Bons Profissionais / Boas Jogadoras	1	0,9%	2	1,0%
Está Abaixo Do Nível Internacional	0	0,0%	2	1,0%
Tem Tradição	1	0,9%	1	0,5%
TOTAL	108	100,0%	202	100,0%

Para finalizarmos o questionário oportunizamos aos sujeitos de nossa pesquisa para que se manifestassem a respeito do basquetebol feminino no Estado de São Paulo.

Com 19,3% de preferência responderam que é o melhor do Brasil, ainda é o pólo e que o número de equipes é grande. Reafirmando isso, 15,3% se posicionaram que é forte, ótimo, alto nível, elite do Brasil e possui bons times.

Repetiram-se dados anteriores com 17,3% que precisa de mais apoio e patrocínio público e privado.

4. ANÁLISE SUBSTANTIVA DOS DADOS

Ao procedermos a uma análise substantiva dos dados coletados por meio de questionário aplicado às praticantes de basquetebol, participantes da amostra desta pesquisa, procuramos estabelecer as relações possíveis entre o objeto estudado e a qualidade ou estado das condições identificadas, o que possibilitou que se configurasse aos poucos, um quadro elucidativo do problema. À luz das teorias estudadas, os dados obtidos se concretizaram em resultados densos, sobre a realidade da prática do basquetebol feminino, neste momento histórico. Esse quadro pode ser considerado relevante, frente à escassez de estudos na área e também ao significado social que o objeto de estudo apresenta.

A prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo na opinião das participantes que tiveram liberdade para emissão de opiniões, embora ainda se configure como o mais efetivo, se comparado aos outros estados brasileiros, necessita de “mais apoio e patrocínio público, privado e uma mais adequada organização”. As praticantes também relataram que o basquetebol feminino “está decadente”, “que caiu o nível” e que “vive seu pior momento”. Ao terem oportunidade de expor os sentimentos pessoais e seus pontos de vista, teceram uma consideração interessante pelo lado profissional e preocupante pelo viés motivação, afirmando que há inclusive no momento, “atletas saindo do Brasil” para jogar.

Também manifestaram que na atualidade, “os clubes desejam obter resultados imediatos” e salientaram que é preciso que exista “mais divulgação” do basquetebol feminino através dos diferentes meios de comunicação.

A visão das praticantes a respeito da atualidade do basquetebol revelou que mesmo o Estado de São Paulo ocupar posição de estado mais desenvolvido economicamente no país, esse fator não interfere nem mesmo determina maior apoio público e privado para o esporte, que possa ser considerado suficiente, deixando ainda a desejar no que se refere a organização. Pelo contrário, a falta desses quesitos importantes, resultou na atualidade em uma prática que se apresenta em declínio, com diversas dificuldades, o que demonstra o desinteresse ou pouco interesse dos clubes pela manutenção das equipes femininas de basquetebol por períodos mais longos, exigindo conseqüentemente resultados rápidos.

Segundo Marchi Jr. (2005), Norbert Elias ao propor a sociologia configuracional como metodologia de análise, que tomou o esporte e o jogo como objetos, considerou que tal como o primeiro, o esporte, a sociedade é “mercantilizada e performática”. Dessa forma, o quadro geral de percepções descrito pelas participantes sobre o basquetebol feminino na atualidade, resultou da própria sociedade que assumiu comportamentos que puderam ser vistos em vários fenômenos da vida social. No caso deste estudo, o esporte e o basquetebol vislumbraram tal possibilidade.

Marchi Jr. (2005) considerou ainda, que a busca frenética pela informação, a especialização e a divisão do trabalho, a necessidade e a cobrança pelo resultado, corroboraram com a argumentação de que a sociedade atual constitui-se numa efetiva “Sociedade do Jogo”.

Na pesquisa de campo, ao serem solicitadas a se posicionarem sobre as metodologias das quais foram objeto, as atletas em sua maioria, responderam ter havido a predominância de estratégias “enfadonhas/desagradáveis” e que por ocasião da iniciação esportiva passaram por treinamentos formais ou tradicionais.

Baseando-nos em Marchi Jr. (2005), que ao escrever sobre o jogo e o esporte, e suas manifestações histórico-culturais, se embasou nos estudos de Norbert Elias (1992) na ...”tentativa de aproximar e entender as relações entre sociedade, esporte e jogo num modelo de análise sociológica” (MARCHI JR., 2005, p. 119), como já citado acima é que refletimos sobre as metodologias descritas pelas atletas se relacionarem com a sociedade atual que mantém comportamentos tecnicamente controlados, em função dos níveis de competitividade e necessidades de autocontrole e controle dos grupos sociais.

Sendo assim, Marchi Jr. (2005) se sustentando em Elias, discutiu as teorias sobre a sociedade contemporânea relacionando-as com a “Sociedade do Jogo”. Segundo ele, o estudo realizado tratou de um “exercício de análise e explicitação da realidade social”. Manifestou seu interesse por compreender por quê Elias (1992) teve necessidade de estudar o esporte, elegendo-o como uma referência em suas análises sobre a sociedade, principalmente sendo o esporte um objeto secundarizado pela comunidade científica.

Voltando às metodologias de ensino do basquetebol, consideramos que mesmo tendo havido transformações didático-metodológicas e pedagógicas na área da Educação Física e do esporte, elas se mostraram arcaicas, sendo possível observar a existência de hábitos sociais arraigados culturalmente que não recuam, em função das necessidades do “equilíbrio social”, neste momento do processo civilizatório, que

segundo Marchi Jr. (2005), ao ser estudado pela sociologia configuracional, valorizou o esporte por permitir a compreensão além do processo de civilização, a própria sociedade.

As metodologias prevalentes no quadro configuracional do basquetebol feminino paulista, possuíram como na “sociologia configuracional” uma categoria central para o entendimento da sociedade, que foi a competição.

Os modelos metodológicos adotados refletiram então, o atual estado da prática em análise, que se encontrou sob o grupo da reprodução acrítica, distante da reflexão necessária e própria, advinda do conhecimento científico, superador do senso comum.

Como já descrito anteriormente, as atletas responderam a questões sobre “motivação pela prática”, “em se já haviam pensado em desistir”, e “por que eram praticantes”. Os resultados mostraram que por ocasião daquela competição, da qual participavam, estavam em mais da metade dos casos, motivadas para a prática.

No caso da questão relativa à “desistência da prática”, as respostas revelaram que na categoria até 21 anos de idade, a metade das participantes já tinha pensado nessa possibilidade. Já na categoria livre, número maior foi verificado, atingindo 73% das atletas que responderam positivamente. De forma indireta, estes números demonstraram insatisfação e desmotivação, decorrentes de motivos variados, mas que em função das metodologias apontadas anteriormente pelas atletas e também no quadro negativo por elas revelado de necessidade de apoio público e privado e de imediatismo de resultados entre outros, concluímos que foram determinantes para que se desmotivassem a ponto de pensarem em abandonar a prática do basquetebol.

Quanto à questão sobre por que jogavam basquetebol, mais da metade das respostas convergiram para: “por prazer”, “diversão”, “amor ao esporte”, e

aproximadamente 19% das respostas se voltaram para motivos como: “emprego” ou “bolsas de estudos”.

Elias (1992), ao abordar a tensão e excitação no lazer e no esporte, nos ajudou na interpretação desses dados, uma vez que para ele, ... “o desporto tal como outras atividades de lazer, no seu quadro específico pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitamento agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente” (ELIAS, 1992, p. 79).

Marchi Jr. (2005), explicitou que Elias buscou no esporte, a Sociologia Configuracional e não uma “Sociologia do Esporte”. Mesmo assim, por possuir sistemas de interdependência, a Sociologia Configuracional ao se apropriar do esporte como modelo para análises e interpretações sociológicas, também nos permitiu neste estudo a realização de análises estruturais e globais, dialeticamente conduzidas que favoreceram a visualização da prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo. Ou seja, a configuração do processo civilizatório como um todo, visto por meio do esporte, também possibilitou analisar o próprio esporte, mesmo não sendo este o objetivo de Elias.

A continuidade histórica que segundo Marchi Jr. (2005) pode ser observada por meio do esporte, foi útil para a interpretação das sugestões dadas pelas atletas que participaram desta pesquisa, para “melhorar a prática do basquetebol”. Naquele momento, enquanto grupo que teve a percepção da diminuição, bem como da precarização da prática do basquetebol por mulheres, elencaram a necessidade “de mais investimentos públicos e privados”, “de maior apoio da mídia”, aumentando as transmissões televisivas, “de mais trabalho de base”, “de massificação”, “de mais apoio

da Federação Paulista de Basquetebol e Confederação Brasileira de Basquetebol”, e “mais incentivos fiscais”.

Através do processo civilizatório possível de ser analisado por meio do esporte na Sociologia Configuracional de Elias, compreendemos que as atletas possuíram uma forma de olhar o problema, que demonstrou o que Marchi Jr. (2005, p. 125) esclareceu ter sido uma “interdependência social”, que é passível de observação no esporte “a partir de interesses relacionais” e do “descontrole controlado” (MARCHI JR., 2005, p. 126), característicos de um jogo de ação estrutural, com as “teias de interdependências ou configurações” que são direcionadas por forças sociais compulsivas, exercidas pelas, sobre e entre as pessoas.

Sendo assim, no momento atual, percebemos que as forças sociais dinamizadas pelas pessoas, se voltaram para as necessidades de mudanças, mesmo que entre os diferentes grupos houvesse divergências de visões e de interesses. Configuraram-se relações de poder demarcatórias de vários tempos e estágios civilizatórios.

Quando escreveu sobre o conceito de poder, Marchi Jr. (2005) afirmou que este se revelou na desigualdade no desenvolvimento das sociedades. O poder é uma característica estrutural e funcional das relações humanas, tomando o jogo e a competição como instrumentos metodológicos importantes para a compreensão da sociedade.

Ao buscarmos o equilíbrio do poder, podem ocorrer transformações nas relações sociais, gerando um aumento de dependência “multipolar recíproca”. Para esse autor, “a partir das regras do jogo competitivo, proposto por Elias, observamos um processo interpretativo e explicativo das interdependências funcionais existentes na sociedade, independentemente do seu momento histórico e social”. Para Marchi Jr. (2005, p. 133),

“a analogia do jogo serve, em última instância...”, para entendermos as engrenagens de “concorrências sociais mais complexas ou invisíveis”.

O modelo de análise do jogo refere-se a um movimento contínuo dos jogadores levados a uma configuração composta por níveis de interdependência, multipolaridade de tensões e relações de poder. Portanto, o jogo, assim como a sociedade e a história do processo civilizacional, não é estático, pelo contrário, ele é dinâmico e, como visto anteriormente, ambivalente por possuir o caráter de instrumento analítico e de representação da realidade. (MARCHI JR, 2005, p. 133).

De forma mais tímida ou discreta, as sujeitas que participaram desta pesquisa citaram “a falta de projetos amplos”, para melhorar o quadro atual da prática do basquetebol e também responsabilizaram os órgãos responsáveis pelo basquetebol feminino por “gestões deficientes” e insuficiência de legislações que amparassem o desenvolvimento esportivo.

É possível verificar que tais necessidades poderiam ser supridas com a superação do paradigma do oferecimento do esporte enquanto fenômeno de menor importância, a ser implementado após o atendimento de outras necessidades sociais e, também, do caráter de prática elitista, portanto, para poucos, envolvendo negócios de ordem financeiro-econômica através de empresas que usam o esporte enquanto meio de divulgação de marcas e produtos, mas não possuem o interesse, necessidade, nem os conhecimentos básicos para promover o desenvolvimento do esporte.

As atletas descreveram aspectos positivos da prática do basquetebol dos quais destacamos “a convivência”, “as amizades”, “as relações entre as pessoas”, “a conquista de títulos em campeonatos” e outros “bons resultados”, e “a experiência de vida” proporcionada.

Quanto ao aspecto da convivência, o esporte possui a característica mesmo nas competições de se manifestar enquanto uma representação simbólica, não violenta (Elias, 1992). Além disso, enquanto prática produtora de tensões e excitações controladas produziu prazer, demonstrando níveis de sensibilidade nas condutas adotadas. O relacionamento inter pessoal e as amizades foram verificados, sobretudo, quando o nível de competição entre as próprias sujeitas não superou aquele em que foi mantida a base lúdica e, portanto, o prazer foi propiciado no cotidiano do grupo ou grupos, em treinamentos e até mesmo nas competições formais.

Em relação à experiência de vida, as atletas, na prática do esporte, experimentaram situações variadas de “descontrole controlado” das emoções, nesta prática mimética ou fictícia (Elias e Dunning, 1992), propiciadora do desenvolvimento do sujeito, visto integralmente. Suas habilidades emocionais, cognitivas e expressivas se organizaram e reorganizaram dinamicamente, propiciando experiências significativas para a vida das praticantes.

Quando se referiram aos aspectos negativos da prática do basquetebol, as atletas responderam: “falta de apoio e de patrocínio às equipes”, “lesões e stress” e “falta de valorização e reconhecimento social”. No tocante à falta de apoio e patrocínio por elas, visualizados, refletiu outra necessidade que foi a de oferecimento de políticas públicas e privadas que levassem em conta o conhecimento acumulado, inclusive academicamente, sobre o esporte e o lazer, e que tais políticas fossem sistematizadas tendo por base as características e necessidades das praticantes, não tratando somente de uma questão de sustentação econômica através de “patrocínios”, mas sim de oferta de possibilidades qualitativamente superiores pelas instituições responsáveis.

As lesões e o stress a que se referiram, decorreram de fatores como a secundarização da prática prazerosa que assim vista não foi tida como indicadora dos momentos de pausa, para não irromper na saturação orgânica (anatômica e fisiológica) e emocional das atletas, pois a tentativa de preservar controles regulares, firmes e completos dos impulsos e emoções humanas pode originar novas tensões. (ELIAS, 1992).

Além das lesões resultantes da insuficiência de conhecimento por parte dos técnicos e dirigentes esportivos sobre as necessidades e características do ser humano, também ficou patente que carecem de contato com outros conhecimentos produzidos na área de treinamento esportivo, que se mostram cada vez mais individualizados, com resultados se efetivando em menor tempo de prática, sobretudo repetitiva e se excluindo atividades desnecessárias, excessivas e danosas aos atletas, seja a curto, médio ou longo prazo.

No caso de atletas que participaram de campeonatos organizados por órgãos privados e públicos, como a Confederação Brasileira de Basquetebol, a Federação Paulista de Basquetebol e as Secretarias Estaduais e Municipais de Esportes, também consideramos que os calendários das competições muitas vezes não são elaborados tendo por base esse conjunto de fatores que estamos discutindo.

Sobre a falta de valorização e reconhecimento social, estes na visão das atletas, são fatores negativos que se atrelaram à valorização, sobretudo, da mídia que nesse momento histórico disseminou modalidades com as quais compactuou valores e estabeleceu relações mercadológicas ligadas à venda de transmissão, no caso da TV, de imagens, e conseqüente comercialização de bens e produtos. Caso no Brasil, por exemplo, do futebol e do automobilismo.

No entanto, quando pensamos na valorização social do basquetebol feminino, nos atemos ao reconhecimento que essa prática pode proporcionar para a vida das cidadãs, sejam elas crianças, adolescentes, jovens, adultas ou idosas das variadas condições sócio-econômicas e culturais, bem como para aquelas demais pessoas beneficiadas indiretamente que estão ao seu redor.

Mesmo em se tratando de esporte de rendimento, este deve proporcionar às praticantes situações positivas, diferentes daquelas quando se busca obsessivamente a vitória a qualquer custo, pela utilização de meios ilegais como o doping, a violência e a corrupção; mas ao contrário, propiciando a quem pratica ou assiste, agradáveis sensações e liberação do stress ocasionado por outras situações da vida cotidiana (ELIAS, 1992).

Um dado importante que mereceu ser considerado pelos gestores de políticas públicas e privadas, foram às respostas das atletas sobre a iniciação delas na prática do basquetebol ter sido preponderantemente por motivação pelo “divertimento”, “brincadeira” e “lazer”. Se estas foram as motivações reveladas, os gestores, a partir dessa constatação têm chances de viabilizar projetos de prática do basquetebol, sustentados pela dimensão de esporte de participação ou lazer. Tal posicionamento “incentivaria a prática”, que foi item analisado pelas praticantes com respostas que variaram em ordem de importância entre: família, professores de Educação Física, colegas e técnicos. Não houve por parte delas diretamente, a menção dos poderes públicos ou privados como incentivadores da prática.

Por fim, outro dado de relevância para os gestores do esporte e que as atletas participantes, ao serem indagadas sobre o “primeiro contato” com o basquetebol, responderam: “escolas de ensino formal”, “escolas de esporte públicas” e “clubes”.

A relação da aprendizagem do basquetebol com o esporte escolar ou deste com o esporte rendimento, é assunto a ser abordado para melhor delimitação das ações, com parcerias, como ocorre na atualidade com o Projeto “Escola da Família” da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, que se sustenta em grande parcela no lazer e no esporte para aproximar a comunidade das escolas nos finais de semana, na tentativa de interferir educacionalmente no tempo-livre.

Este projeto se concretiza em parceria com as universidades e faculdades que concedem percentual igual ao proporcionado pelo Estado, de bolsa de estudo, para os alunos do ensino superior, carentes, interessados em participar nos finais de semana do Projeto.

Trata-se de uma iniciativa que favoreceu mais aos alunos universitários carentes, se consubstanciando em atendimento predominantemente assistencialista, porque não houve muitas vezes, relação da área de estudos do universitário com as atividades propostas, nem tempo suficiente de vivência acadêmica, já que muitos alunos no ano de ingresso no ensino superior já são selecionados para o Projeto.

Após tecer toda essa análise sobre o resultado do instrumento aplicado, consideramos ser possível agora apresentar uma conclusão que redunde no oferecimento de propostas de saídas visando à adequação e resolução da problemática analisada.

CONCLUSÃO

Pela análise dos dados obtidos no levantamento inicial, complementada pelas informações pesquisadas junto ao trabalho de diferentes pesquisadores da área, e levando em consideração ainda o conhecimento e prática profissional que possuímos, devido a anos de participação como professor da modalidade, tanto em escolas do ensino básico como junto à disciplina Basquetebol em Cursos de Graduação de Formação Profissional em Educação Física, e ainda como Técnico de Clubes dessa modalidade especificamente, é que passamos a apresentar a conclusão deste estudo.

Inicialmente queremos destacar as situações principais identificadas, as quais servirão como considerandos na formulação das propostas.

Assim, considerando que o basquetebol para o gênero feminino é um esporte motivante para pelo menos 57% das entrevistadas na faixa de idade até os 21 anos, das quais 41,4% começaram a praticar a modalidade antes dos 10 anos de idade, e outras 50,8% entre os 11 e 14 anos, graças ao aprendizado na quase totalidade desenvolvido na escola e por incentivo do professor de Educação Física e da família, até mesmo porque no início percebiam nessa atividade uma maneira de obter diversão, lazer e também a oportunidade de treinar para participações competitivas, em especial no âmbito escolar.

Considerando que as atletas que iniciaram essa atividade depois dos 14 anos de idade, representando somente 7,8% do universo pesquisado, declararam que se motivaram a jogar em busca de diversão, lazer e ainda visando participar de

treinamentos, competições e de na expectativa de possibilidades de um futuro melhor, mas em sua maioria, ou seja, 65% delas informando que foram incentivadas por diferentes pessoas, como família, amigos e professores.

Considerado também que do universo pesquisado 62% das atletas à época do levantamento não haviam atingido 10 anos de participação, e que outras 26% praticam o basquetebol competitivo entre 11 e 14 anos, e somente 11,8% participam a mais de quinze anos, o que faz com que se observe que do total de praticantes, 50, 9% ainda permanecem em atividade por amor ao esporte e prazer e outras 18,6% devido à bolsa de estudos que recebem.

Considerando-se ainda que das 129 pesquisadas, parcela considerável, representada por 51% das atletas com menos de 21 anos e 73% daquelas maiores do que essa idade, já pensaram em deixar de participar das equipes na modalidade de basquetebol devido a diferentes fatores como: idade mais avançada - entre 37 e 40 anos; desmotivação devido à rotina e estresse; tempo de afastamento do contato com a família; falta de apoio, incentivo e de organização para continuar participando; e também o interesse em voltar a estudar, visando concluir os estudos pensando no futuro. Um outro segmento verificado, daquelas que declararam o interesse em se manterem atuando, alegaram as seguintes motivações: relacionamento com amigas, não sabe fazer outra coisa e dependência por se tratar de único trabalho.

Também é interessante considerar que no que se refere à preparação para o futuro, dentre o universo das atletas com menos de 21 anos, somente 2,6% se encontram cursando o ensino superior e 59,2% declararam que não continuam seus estudos, condição que se mantém entre as atletas com mais de 21 anos, segmento que possui idade adequada para que freqüentem universidade, no qual somente 23,5% são

formadas e 23,5% se encontram cursando faculdade, sendo ainda que 47% não mais estudam.

Neste estudo a questão de desenvolvimento técnico representou determinada importância, razão pela qual processamos a consideração a seguir.

Apesar de não se tratar de análise aprofundada, as atletas declararam certo descontentamento com a questão da metodologia de treinamento aplicado e numa ordem de prioridades que pode ser agregada a valores pessoais, puderam informar seus sentimentos em mais de uma. Assim, 58% declararam que a metodologia reveste-se na sua opinião de importância inicial e principalmente para o treinamento, também 43% declararam entender que poderá ser útil na preparação individual e coletiva visando à participação em torneios, 46% em festivais e 42% de todo o universo pesquisado declararam que consideram essa condição de aplicação metodológica mais como uma forma de motivação a ludicidade, uma vez que para 10,8% representam condição geralmente agradável e adequada, enquanto que para as demais 89,2%, certamente aquelas que buscam o resultado de performance, se demonstram desagradáveis e enfadonhas, o que ajuda a aumentar a desmotivação.

Não bastasse toda essa condição de desencanto, no retorno oferecido pelas respondentes, pudemos identificar ainda alguns motivos que levaram a que o basquetebol se encontre em situação difícil, ou seja, a enorme falta de incentivo e de reconhecimento que geralmente ocasiona falta de patrocínio, tem levado a que as atletas percam o interesse pela prática.

Além desses fatores é de se considerar também a falta de valorização e de exposição dessa modalidade na mídia, uma vez que não é um esporte popular no país principalmente no que se refere ao gênero feminino, apresentando uma enorme

deficiência em número de equipes participantes e disponíveis, além de ser quase inexistente o trabalho de escolinhas de esporte de base na modalidade e gênero, o que demonstra uma enorme falta de sintonia de organização e políticas aplicadas, seja no setor privado, ou no público.

Portanto, utilizando ainda os resultados da pesquisa realizada, podemos considerar que a modalidade basquetebol atende a interesses de algumas das praticantes, como possibilidade de bolsa de estudo e emprego, mas devido à falta de projetos organizacionais relevantes, essa modalidade tem deixado de atender as necessidades sociais de parcela significativa dessa comunidade esportiva.

A partir desses considerandos, concluímos que: Inicialmente deva existir uma política visando à disseminação da modalidade basquetebol junto ao universo das alunas do sistema escolar formal, o que certamente redundará no crescimento do número de interessadas pela prática.

Passo seguinte e complementar dessa política de disseminação deve ser a providência de se organizar políticas específicas para o aproveitamento desse universo de interessadas, criando o trabalho de base através da implementação de escolinhas de esporte junto a escolas, clubes e universidades, ou espaços públicos municipais, no caso, praças de esportes.

Essas providências, se adotadas, irão requerer uma nova orientação das políticas públicas educacionais e esportivas, visando a realização de eventos com a participação de crianças e jovens em idade escolar, para o que será necessário que se proceda a algumas alterações nas regras e regulamentos, buscando dessa forma diminuir ou evitar os aspectos desmotivantes que hoje ocorrem para a prática, devido às dificuldades inerentes ao esporte competitivo, ou seja, inadequada organização da

tabela dos eventos, proporcionando reduzido número de jogos o que resulta em pequena e esparsa participação, dificuldades de deslocamento das equipes pela inadequação da organização de cronograma e horário de jogos na competição, inexistência de preparação de arbitragem especializada para esse tipo de clientela, falta de divulgação junto ao universo próximo e principalmente, falta de patrocínio e vinculação com clubes participantes nas categorias maiores.

É indispensável que a modalidade de basquetebol feminino seja pensada enquanto um projeto de melhoria sócio-cultural das atletas participantes, uma vez que os recursos financeiros são precários e as possibilidades de empregos futuros para as mulheres no esporte são difíceis, ou mesmo praticamente inexistentes, não garantindo a manutenção das condições necessárias de sobrevivência após o encerramento da carreira como atletas, salvo raras exceções.

Fica dessa forma patente a necessidade de que se estude e adote um novo modelo de organização competitiva para essa modalidade no que se refere ao gênero feminino, ou seja, é indicado que se proceda a alterações possíveis nos regulamentos dos campeonatos e se possível em algumas regras da modalidade para determinadas categorias, bem como no modelo de organização e desenvolvimento de competições, desde as categorias iniciais, até à principal, procurando combinar calendários das diferentes categorias e eventos, em emparceiramentos mais lógicos e adequados às condições sócio-econômicas das equipes envolvidas, o que poderá motivar um público maior, como assistente, tabelas de jogos mais adequadas.

Portanto, esses procedimentos, visando uma melhor e mais adequada organização, devem ser definidos através do estabelecimento de políticas privadas favorecendo a manutenção e desenvolvimento das equipes, pelo aumento da

quantidade, resultando em maiores condições para a seletividade da qualidade necessitando, contudo, da complementação de esforços pela elaboração de políticas públicas que oportunizem não só a organização das competições, mas principalmente a ampla divulgação e re-significação da qualidade cultural dessa modalidade e de suas participantes, pois o esporte através de sua parcela educacional, deve contribuir para auto formação da pessoa, ensinando-a a assumir a condição humana, ensinando-a a viver.

Para finalizar lançamos mãos da obra de Morin, (2001) que ao tratar das possibilidades de propostas de novos projetos de reformas sociais, define que sempre representam uma impossibilidade lógica que produz duplo bloqueio, mas não a inviabilidade, ou seja: "Não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições". (MORIN, 2001, p. 99).

Após tecermos essas análises finais, visando alcançar o objetivo do estudo, o concluímos, verificando de maneira geral que na atualidade, tanto as políticas públicas quanto as privadas, são carentes de alterações quando se trata do basquetebol feminino, porque estas atuaram de forma restrita, e direta ou indiretamente, através das relações de poder exercidas socialmente, favoreceram processos de exclusão, de especialização precoce e evasão, reforçando visões superficiais e rudimentares da prática do basquetebol feminino, atreladas a preconceitos e conhecimentos empíricos.

Também como conclusão deste estudo, após a análise detalhada da pesquisa de campo à luz da teoria, chegamos ao diagnóstico da prática do basquetebol por mulheres, que junto às várias faixas etárias e grupamentos sociais, se mostrou com número reduzido de praticantes, tendo em vista o potencial que possui e os avanços da

produção acadêmica em Educação Física e esporte que podem ser usufruídos pelos gestores de políticas públicas e privadas no campo profissional, não só por ocasião do planejamento e gestão destes, mas incluindo nestes a capacitação dos agentes disseminadores das várias instituições sociais.

Consideramos que as proposições que fazemos sirvam de orientação para os variados projetos que atendam ao basquetebol feminino, sustentadas pelo entendimento apurado das relações entre o Esporte, a Sociedade, a Educação, a Educação Física e o Lazer, levando-se em conta sobretudo, os padrões mutáveis de interdependência existentes nas relações de poder entre os homens em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo : Pioneira, 1998.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo : Ars Poética, 1996.
- BÁFERO, Francisco Augusto. **Da Educação Física Escolar para a Educação Física Informal**: o clube e a prática esportiva. Dissertação de Mestrado. UNIMEP, 1991.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1977.
- BARROS, José Maria Camargo. **Clubes – Interior de São Paulo**. In: DACOSTA, Lamartine, Pereira (org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro : Shape, 2002.
- BETTI, Mauro. **Violência em Campo**: dinheiro, mídia e transgressão às regras do futebol espetáculo. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória : UFES, 1997.
- BRASIL. **Constituição** : República Federativa do Brasil. Brasília : Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- CARVALHO, Alonso Bezerra de; BRANDÃO, Carlos da Fonseca (orgs.). **Introdução à sociologia da cultura**. São Paulo : Avercamp, 2005, p. 119-136.
- CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DA FIEP\UNIMEP, I. **Coletâneas**. (Orgs.) MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES Regina. Piracicaba, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo : Cortez, 1991.

DACOSTA, Lamartine, Pereira (org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro : Shape, 2002.

DAIUTO, Moacir. **Basquete: metodologia do ensino**. 6ª ed. São Paulo : Hemus, 1991.

_____. **Basquetebol : origem e evolução**. São Paulo : Iglu Editora, 1991.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura**: educação física e futebol. Campinas : Ed. Da UNICAMP, 1997.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas : Autores Associados, 1996.

DE MASI, Domênico. **Desenvolvimento sem trabalho**. São Paulo : Ed. Esfera, 1999.

DEVIDE, Antonio Pries. **Gênero e Mulheres no Esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí : Ed. Ijuí, 2005.

DUARTE, Orlando. **História dos esportes**. São Paulo: Makron Books, 2000.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da Excitação**. Lisboa : Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Trad. de Maria Ribeiro Ferreira. Lisboa : Edições 70, 1970.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994. 2v.

_____. **A busca da excitação**. Lisboa : Difel, 1992.

FERREIRA, Aluísio Elias Xavier; ROSE JÚNIOR, Dante de. **Basquetebol: técnicas e táticas:** uma abordagem didática - pedagógica. São Paulo : E.P.U.: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

FIBA (International Amateur Basketball Federation). **The basketball word.** Munich : Engelbert Mayer, 1972.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol.** Londrina : Midiograf, 1988.

GADOTTI, Moacir. **Marx:** transformar o mundo. São Paulo : FTD, 1989.

GALLARDO, Jorge Sergio Perez (Coord.). **Educação física:** contribuições à formação profissional. Ijuí : Ed. Unijuí, 1997.

GEBARA, Ademir. **A Cultura da Modernidade e a História dos Esportes.** In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (Org.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio.** Piracicaba : Unimep, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital:** 1848-1875. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo : Perspectiva, 1980.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1994.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1988.

LENK, Hans. **Altius, Citius, Fortius.** Madrid : INEF, 1972.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** : novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo : Cortez, 2000.

LÚDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** abordagem qualitativa. São Paulo : EPU, 1986.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.) **Lúdico, educação e educação física.** Ijuí : Ed. Unijuí, 1999.

MARCHI Júnior, Wanderley. **Jogo e esporte: manifestações histórico-culturais no modelo de análise sociológica de Norbert Elias.** In: CARVALHO, Alonso Bezerra de; BRANDÃO, Carlos da Fonseca (orgs.). **Introdução à sociologia da cultura.** São Paulo : Avercamp, 2005, p. 119-136.

MONTAGNER, Paulo César. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva.** Campinas : FEF UNICAMP, 1999.

MORENO, José Carlos de Almeida. **A disciplina basquetebol e a formação de professores de educação física.** Dissertação de Mestrado. Campinas : UNICAMP, 1998.

_____; SILVA, Luciene Ferreira. **O basquetebol: jogo-esporte na educação física escolar?** In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. (Orgs.) Coletâneas I Congresso Científico Latino-Americano da FIEP-UNIMEP. Piracicaba, 2000.

_____. **Educação física e basquetebol um estudo das representações dos alunos ingressantes no curso de educação física da unimep, no ano 2000.** In: MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma ou reformar o pensamento. Rio de Janeiro : Bertrand-Brasil, 2001.

PAES, Roberto Rodrigues. **Aprendizagem e competição precoce:** o caso do basquetebol. Campinas : UNICAMP, 1992.

_____. **Educação Física escolar:** o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas : Ed. ULBRA, 2001.

PEIL, Luciana Marins Nogueira; MESQUITA Roberto Maluf de. **Basquetebol Feminino.** In: DACOSTA, Lamartine, Pereira (org.). **Atlas do esporte no Brasil:** atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro : Shape, 2002.

PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs.). **Esporte, História e Sociedade.** Campinas : Autores Associados, 2002.

REALI, Aline M., MIZUKAMI, Maria da Graça. (Orgs.) **Formação de professores:** tendências atuais. São Carlos : EDUFSCar, 1996.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas, 1999.

SIMÕES, Antonio Carlos (org.). **Mulher & Esporte** > mitos e verdades <. São Paulo : Manole, 2003

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil.** Campinas : Autores Associados, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo : Atlas, 1992.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1992.

VIEIRA, Sônia. **Como escrever uma tese.** São Paulo : Pioneira, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PESQUISA:

**AS MULHERES E A PRÁTICA DO BASQUETEBOL NO ESTADO DE SÃO PAULO: JOGO, ESPORTE
OU NADA DISSO?**

PESQUISADORES:

Prof. Ms. José Carlos de Almeida Moreno
Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA CIENTÍFICA

Como aluno vinculado ao Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Educação Física da UNICAMP, desenvolvemos sob orientação do Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes a pesquisa intitulada: **“AS MULHERES E A PRÁTICA DO BASQUETEBOL NO ESTADO DE SÃO PAULO: CONHECENDO, ANALISANDO E TRANSFORMANDO A REALIDADE”**, que tem como objetivo principal investigar a configuração dessa prática, por mulheres, com o intuito de contribuir com o desenvolvimento do basquetebol feminino. Para isso, necessitamos coletar dados através de questionários, dirigidos a atletas, ex-atletas e técnicos de equipes atuantes no Estado de São Paulo.

Esclarecemos que os dados coletados com os questionários serão tratados cientificamente, sendo a identidade dos participantes mantida sob sigilo.

Contamos com sua colaboração e desde já agradecemos.



Prof. Ms. José Carlos de Almeida Moreno / Cacau

Eu, _____, portador (a) do R.G. _____,
residente na cidade de _____,
concordo participar da pesquisa acima.

Data: ____/____/____ Ass.: _____

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Pesquisa: AS MULHERES E A PRÁTICA DO BASQUETEBOL NO ESTADO DE SÃO PAULO: CONHECENDO, ANALISANDO E TRANSFORMANDO A REALIDADE

Prof. Ms. José Carlos de Almeida Moreno
Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ Idade: _____
Cidade onde nasceu: _____ Estado: _____
Cidade onde reside: _____ Estado: _____
Endereço e telefone para contato: _____

_____ e-mail: _____

Tem formação superior? Em que área?

Pratica basquetebol na atualidade: () Sim () Não
Clube / Cidade?

Há quanto tempo: () anos () meses
Em quais equipes você já participou como atleta?:

Qual era idade sua quando teve o primeiro contato com o basquetebol? _____

Esse contato inicial com o basquetebol se deu em:

() Escola () Clube () Escolinha particular () Escolinha pública

() Outros. Quais: _____

Alguém em especial a incentivou para essa prática?

() Professores de Educação Física na escola () Familiares () Colegas

() Técnicos de equipes () Outros. Quais: _____

Por quê você acha que começou a praticar o basquetebol?

() Por influência da mídia () Desejo de se igualar a algum (a) atleta famoso (a)

() Para ter uma “profissão” no futuro () Influência de outras pessoas () Outros motivos: _____

No seu contato com o basquetebol, sua intenção inicial foi:

() Divertimento / Lazer () Treinamento / Performance / Rendimento

() Primeiro foi jogar / brincar, depois treinar para ser atleta

Outras: _____

O que a mantém / manteve jogando basquetebol?

Você já pensou em parar de praticar: _____. Por quê?

Você tem a mesma motivação para a prática que tinha no início da carreira? _____

Se você se afastou da prática do basquetebol em algum momento, foi por quais motivos?

Ao longo de sua história como praticante do basquetebol, as metodologias utilizadas pelos Professores / Técnicos eram por ordem de importância (numerar 1, 2, 3 e 4):

() Lúdicas, baseadas em jogos e brincadeiras

() Treinamentos repetitivos, enfatizando o aperfeiçoamento dos gestos técnicos

() Festivais com jogos adaptados

() Torneios, campeonatos, com competições formais

Na sua opinião as metodologias utilizadas para ensinar basquetebol para as categorias menores são:

() Adequadas / Agradáveis

() Enfadonhas / Desagradáveis

Descreva momentos ou situações negativas pelas quais tenha passado em sua carreira e que a desmotivou:

Descreva aspectos positivos propiciados pela vivência do basquetebol que a manteve praticando:

Você acredita que a prática do basquetebol por mulheres está diminuindo?

() Sim

() Não

Por quais motivos?

Quais sugestões você daria para melhorar / aumentar / incentivar a prática do basquetebol feminino?

Qual sua opinião sobre a prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo:

Escreva o que quiser:

Muito obrigado pela sua colaboração

ANEXOS

ANEXO A – Araçatuba, 0 vitória, faz vaquinha

BASQUETE *Equipe pode ser barrada do Paulista-02 após perder todos seus 16 jogos no Paulista-01*

Araçatuba, 0 vitória, faz vaquinha

Orçamento caiu a zero e fez time abreviar treinos

DA REPORTAGEM LOCAL

As estatísticas da fase classificatória do Paulista feminino mostram a fragilidade do Araçatuba no decorrer do torneio. Na lista de cestinhas da competição, a equipe conta com uma representante — a ala-armadora Cláudia — na 19ª posição, com uma média de 12,6 pontos por jogo. A melhor jogadora nesse fundamento é a ala Iziane, do BCN/Osasco, com 24,3 pontos por jogo. A melhor reboteira do time, a pivô Valquíria, com média por partida de 5,9, aparece na 16ª colocação na lista das melhores jogadoras nesse fundamento. A melhor é a pivô Eliane, do São Caetano, com 9,4. Em assistências, porém, o time está bem. Cláudia está em terceiro, com 3,9 por jogo. A líder é a armadora Helen, do Unimed/Americana, com 6,5. A partida do Araçatuba que contou com o maior público foi contra o Americana, ironicamente, time defendido pelas filhas de Morto, Helen e Silvinha, que, ao lado de Cíntia, no Unimed/Ourinhos, foram formadas na equipe de Araçatuba. “Esse time tem história, tradição. Desde 1985, o Araçatuba participa da divisão principal do Paulista feminino. Chegamos a ter orçamento anual de US\$ 1 milhão. Agora é de zero”, lamenta Morto. Um patrocínio facilitaria a vida das jogadoras, que mantêm ocupações paralelas para conseguir sobreviver. Por causa disso, têm os períodos de treinamento abreviados. A ala-armadora Cláudia, 33, no time desde os 14 anos, divide o tempo entre as quadras, um escritório de advocacia e a criação de um filho. A outra remanescente de 2000, Giovana, treina pela manhã, mas tem outro compromisso à tarde: trabalha de cabeleleira nesse período. (E0)

EDUARDO OHATA
DA REPORTAGEM LOCAL

Sem contar com infra-estrutura ou patrocínio, com folha salarial de apenas R\$ 2.100 e após se despedir do Paulista feminino de basquete sem alcançar vitória — perdeu todos os 16 jogos disputados —, o Araçatuba apela agora até para uma “vaquinha” entre a população da cidade para tentar permanecer na elite de São Paulo. O objetivo é arrecadar os fundos necessários para elevar o nível técnico da equipe, afastar o perigo de ser barrado da próxima edição do Paulista e, assim, manter o contato com times de ponta — o Araçatuba não conseguiu vaga para disputar o Nacional-2002. O maior salário da equipe é de R\$ 500 e o menor, de R\$ 200. No início da temporada, ao anunciar que o time não havia conseguido patrocínio, o técnico Nelson Luz, o Morto, 53, viu sua equipe se esfalar. Como resultado, só duas atletas do time adulto continuaram em Araçatuba. Para poder entrar em quadra, a equipe foi completada com jogadoras do time juvenil. “As vezes, ficava triste [com a campanha da equipe], mas entrávamos em quadra para fazer um bom jogo, mesmo sabendo que não íamos vencer”, diz a pivô Fernanda Hartwig, 20, que até o ano passado era juvenil. “Mas teve o lado bom, já que pude jogar no time principal e aprender.” A equipe está próxima de completar um ano sem vitórias no Paulista. A última aconteceu em 19 de dezembro de 2000, em casa, contra o Itatiba (80 a 66). Morto já começou a arrecadar dinheiro com amigos dispostos a contribuir para a continuidade do time. “O maior valor que deram [na vaquinha] foi R\$ 500”, afirma o treinador, autor da iniciativa. Tal quantia equivale ao ganho mensal da atleta mais bem paga do time. Aposentado, o técnico não recebe salário. Inicialmente, o presidente da FPB (Federação Paulista de Basquete), Toni Chakmati, disse à Folha que Araçatuba e Carapicuíba não participariam do Paulista de 2002. Para o dirigente, o mau rendimento das equipes prejudicava o nível técnico do torneio. O time foi o nono e último colocado na competição. Carapicuíba, campeão do Paulista há dois anos quando fez parceria com o Paraná, ficou em oitavo lugar. Apesar de querer barrar as equipes, posteriormente, Chakmati admitiu mudar de ideia. Políticos de Araçatuba entraram em contato com o dirigente tentando convencê-lo a manter o Araçatuba na Série A-1 no ano que vem. “Após saber de minha decisão, um político da cidade me ligou. Disse a ele que era aquilo mesmo, que sem infra-estrutura, condições financeiras e técnicas não permitiria que disputasse o Paulista, pois é uma perda de tempo para os outros times. Apenas se a situação mudar”, diz Chakmati. Luz admite que a vaquinha é só um paliativo e planeja visitar, até o final do ano, 30 empresas que poderiam ser patrocinadoras para o próximo ano. Além de reforços, outro objetivo é dar melhores condições de preparação ao grupo. A locomoção é uma delas. “Enquanto os outros times viajam de ônibus-leito, com TV e ar-condicionado, nós não temos nada. Nosso ar-condicionado é abrir a janela do busão para refrescar”, lamentou Morto.

Colaborou Adalberto Leister Filho, da Reportagem Local

OHATA, Eduardo. Araçatuba, 0 vitória, faz vaquinha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 de dezembro de 2001. Esporte, Caderno D, p. 7.

ANEXO B - SP vê nova realidade em semi-final

BASQUETE *Times do Paulista feminino não contam mais com os altos orçamentos do Estadual passado*

SP vê nova realidade em semifinal

ADALBERTO LEISTER FILHO
DA REPORTAGEM LOCAL

Após o fim dos grandes patrocínios, o Paulista feminino abre hoje o mata-mata semifinal com a participação de quatro clubes que espelham bem a nova realidade do basquete em São Paulo.

Um dos duelos, cujo primeiro jogo da série melhor de cinco será hoje, às 15h, em Ourinhos, coloca em quadra duas equipes com o mesmo patrocinador: Unimed/Ourinhos e Unimed/Americana.

O outro confronto semifinal será entre duas equipes bancadas por prefeituras da Grande São Paulo. Na próxima quarta-feira, às 20h, em Guarulhos, o Guarú recebe o Corinthians/Santo André.

Até o início de 2001, havia grandes patrocinadores no basquete feminino brasileiro. Os maiores orçamentos em São Paulo eram de Santo André, que contava com parceria da Arcor, e Jundiaí, que tinha contrato com a Quaker.

No Rio, o Vasco vivia seu melhor momento, graças aos dólares do contrato com o Bank of America. Já o Paraná, que desenvolvia projeto social com o governo do Estado, completava o quarteto de times grandes, que contavam com a base da seleção brasileira.

Um ano depois, Santo André e Jundiaí perderam patrocínio. O Paraná, vice-campeão nacional, fechou. E o Vasco, com salários atrasados, se enfraqueceu com as saídas de Janeth e Claudinha.

O exterior passou a ser o caminho natural das atletas de ponta. As poucas que sobraram se conformaram em ganhar menos.

“Algumas equipes, como Paraná e Jundiaí, lidavam com orçamentos muito altos. Havia muita gente querendo ganhar dinheiro fácil. Agora, voltamos à realidade”, disse Alexandre Cato, técnico do Guarú, vice-campeão paulista.

A equipe de Guarulhos, embora nunca tenha tido orçamento alto, é um exemplo do novo patamar.

O time gastava R\$ 30 mil com salários até o primeiro semestre de 2001. Para o Paulista, a folha de pagamento caiu para a metade.

“Só consegui manter duas jogadoras na equipe. Além disso, não temos mais uma estrangeira, como a Korie Hlede”, lamentou Cato, referindo-se à ala-armadora croata que foi o grande destaque do time no Paulista passado.

Outro exemplo é o Santo André. Embora não divulgue seus gastos, a equipe sofreu uma queda acentuada no orçamento após a saída da Arcor — acabou perdendo sua principal jogadora, a ala Janeth.

A Prefeitura de Santo André assumiu a equipe no início de 2001 com a promessa de deixá-la quando encontrasse um novo patrocinador. Até agora não conseguiu.

“Não sei quanto gastamos hoje, mas é bem menos do que antes. A prefeitura dá toda a estrutura, mas as jogadoras recebem, praticamente, uma ajuda de custo”, disse a técnica Lais Elena Aranha.

Equipes abrem mão de manter estrangeiras

Reflexo do novo patamar econômico dos times do Estado, nenhuma equipe semifinalista do Paulista tem jogadoras estrangeiras em seu elenco.

Nem a Unimed/Americana, que conta com estrelas da seleção brasileira como a armadora Helen e a ala Silvinha, trouxe reforços de fora. A única “forasteira” do grupo é a pivô Karina, nascida na Argentina, mas naturalizada brasileira.

No Estadual passado, preocupada com o esvaziamento do torneio, a FPB (Federação Paulista de Basquete) ajudou a pagar os reforços estrangeiros de cada equipe. A federação liberou uma verba mensal de até US\$ 3.000 destinada ao salário de duas atletas vindas de fora.

Neste ano, porém, a ideia foi deixada de lado. Como consequência, os times se concentraram apenas em contratar jogadoras nacionais. “Não dá mais para contar com estrangeiras no elenco”, comentou o técnico Alexandre Cato, do Guarú.

O Unimed/Ourinhos, atual campeão paulista, não conta mais com sua principal jogadora na campanha vitoriosa no Estadual passado: a pivô norte-americana Jack Nero.

O Santo André, que tinha a búlgara Albena em seu garrafão, agora aposta em atletas nacionais no setor: Maristela e Simone Lima. O Americana tinha a armadora Shyronda Mifflin e a pivô Chontel Reynolds, que deixaram o time. (ALF)

LEISTER FILHO, ADALBERTO. SP vê nova realidade em semi-final. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 de janeiro de 2002. Esporte, Caderno D, p. 4.

ANEXO C – Pivô consegue enterrar pela 1ª vez na WNBA



Lisa Leslie, dos Los Angeles Sparks, realiza a primeira enterrada da WNBA no jogo contra o Miami

BASQUETE

Pivô consegue enterrar pela 1ª vez na WNBA

DA REDAÇÃO

A pivô Lisa Leslie, 30, dos Los Angeles Sparks, tornou-se, na noite de anteontem, a primeira jogadora a enterrar a bola em uma partida da WNBA (liga americana feminina de basquete). A façanha aconteceu na derrota para o Miami Sol, por 82 a 73, no Staples Center, em Los Angeles.

Leslie, 30, recebeu passe de Lataasha Byers quando faltavam 4min44s para terminar o primeiro tempo. A pivô quicou duas vezes a bola no chão antes de enterrar com apenas uma mão.

“Foi uma bonita enterrada. Se tiver outra oportunidade, eu a repetirei”, afirmou Leslie, que já havia conseguido o feito três vezes, durante treinamentos para o Jogo das Estrelas da WNBA.

Georgeann Wells, pivô da Universidade da Virgínia Ocidental, foi a primeira jogadora a enterrar uma bola em uma partida oficial. O feito foi no dia 21 de dezembro de 1984, durante um jogo do campeonato universitário dos EUA.

“Sempre quis enterrar uma bola na WNBA. Finalmente consegui. Minha vida é como um conto de fadas”, festejou Lisa Leslie, de 1,96 m e 77 kg, que é bicampeã olímpica (Atlanta-1996 e Sydney-2000).

Com agências internacionais

DA REDAÇÃO. Pivô consegue enterrar pela 1ª vez na WNBA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 de agosto de 2002. Esporte, Caderno D, p. 7.

ANEXO D – Equipe juvenil do Vasco defende Piracicaba

Equipe juvenil do Vasco defende Piracicaba

Marcelo Germano/JP

A equipe juvenil do Vasco da Gama (RJ) vai representar Piracicaba nos Jogos Regionais do Interior, que serão abertos hoje, em Pirassununga.

Sua estréia na competição está marcada para amanhã às 15 horas, em partida contra Itirapina. A técnica da equipe é a piracicabana Maria Helena, que tem Heleninha e Lucimara Mina como auxiliares.

A única jogadora de Piracicaba na equipe é Patrícia Casale. Pertencem à equipe juvenil do Vasco as atletas marta, Aline, Priscila, Naiara, Fernanda, Suelen e Daniele; as jogadoras Angela e Josiane são da equipe adulta do clube carioca, e Ana Karina, que está de férias no Brasil, vai jogar na equipe da Universidade de Ohio (EUA).

De acordo com Maria Helena, por se tratar de uma equipe muito jovem, é difícil tentar prever como será seu desempenho nos Jogos Regionais. Seu objetivo é representar bem a cidade, mesmo sabendo que poderá enfrentar equipes profissionais contratadas para defender outras cidades.

A equipe de basquete comanda da por Maria Helena fez seu primeiro treino ontem pela manhã no Ginásio



FORMAÇÃO

Jogadoras e comissão técnica da equipe feminina de basquete

Waldemar Blatskauskas e voltou à quadra no período da tarde. Hoje acontecem outras duas sessões de treinamento, das 10 às 12 horas e das 16 às 18 horas.

Depois de enfrentar Itirapina, Piracicaba terá como adversária a equipe de Jaú, fechando as disputas dentro de seu grupo.

SAUDADE - Há dois anos trabalhando no Vasco, Maria Helena ainda não perdeu a esperança de voltar a comandar uma equipe feminina de basquete em Piracicaba. "Mas para que isso aconteça, precisa haver o in-

teresse da Prefeitura ou de alguma empresa."

A treinadora reclama que já está desde o início da semana em Piracicaba, mas ninguém manifestou o interesse de iniciar as negociações para implantar uma equipe feminina de basquete na cidade.

Em seu retorno ao Ginásio Waldemar Blatskauskas, Maria Helena disse ter sentido muita saudade dos bons tempos do basquete feminino de Piracicaba, e que espera que a cidade consiga voltar a se destacar nesta modalidade, como aconteceu no passado.

DA REDAÇÃO. Equipe juvenil do Vasco defende Piracicaba. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 19 de julho de 2002. Esportes, Caderno A, p. 10.

ANEXO E – Paulista feminino começa hoje enxuto e sem estrelas

Paulista feminino começa hoje enxuto e sem estrelas

ADALBERTO LEISTER FILHO
DA REPORTAGEM LOCAL

Nenhuma jogadora que esteve em ação no Mundial da China, no ano passado, estará em quadra no Paulista feminino, que começa hoje com três partidas.

Pelo segundo ano consecutivo, a competição ficará esvaziada. Apenas seis clubes — Unimed/Americana, Unimed/Ourinhos, São Paulo-Guaru, Santo André, São Bernardo e São Caetano — irão disputar o Estadual.

O torneio terá dois turnos, com todas as equipes se enfrentando. As duas primeiras colocadas já se classificam para as semifinais. Os demais times disputam o mata-mata das quartas-de-final.

O Paulista não terá o fundista, que jogou no ano passado e agora deixou o adulto para priorizar as categorias de base. Em seu lugar, o São Bernardo, sob o comando de Antonio Carlos Vendramini, volta a disputar o Estadual.

"Vamos iniciar o campeonato com um grupo meia-boca, vamos dizer assim. Nossa idéia é obter uma parceria para trazer jogadoras mais experientes", afirma Vendramini, que mantém contato com as irmãs Cíntia e Silvinha e com a pivô Maristela, que estão atuando na Espanha.

A única selecionável que estará em ação neste Estadual é Micaela, que defende o Americana. A ala, contudo, nem chegou a entrar em quadra no Mundial de 2002. Ela sofreu uma torção no tornozelo esquerdo na véspera de o Brasil estrear no torneio, contra a China.

Apesar do esvaziamento do torneio, com estrelas como Silvinha e Helen jogando no exterior e outras, como Janeth, priorizando sua participação na WNBA, os técnicos apontam um fator positivo: o espaço que poderá ser preenchido por novas atletas.

"Tem muita jogadora que atua no país que é melhor do que a maioria que está no exterior", crê Laís Elena Aranha, técnica do Santo André e assistente de Antonio Carlos Barbosa na seleção.

Para o técnico Paulo Bassul, do Americana, os clubes só terão condições de repatriar as estrelas caso haja mudanças na legislação.

"Sem uma Lei Rouanet de in-



Paulo Bassul, técnico do Americana, atual vice-campeão paulista

centivo ao esporte e com a economia instável, os clubes não têm como investir", argumenta ele.

O Americana, que foi vice-campeão paulista e nacional em 2002, é um exemplo da dificuldade em se manter as atletas no país.

A equipe perdeu as suas duas principais jogadoras. A armadora Helen se transferiu para o Filtros Mann, e a ala Silvinha foi jogar no Ibiza, ambos da Espanha.

Sem patrocinadores fortes, os clubes não conseguem manter suas atletas. Sem jogadoras de peso, os times não atraem novos investidores. "É um círculo vicioso que temos que tentar superar. Algumas jogadoras que estão no ex-

terior já manifestaram a intenção de voltar. É só conseguir viabilizar isso", aponta Vendramini.

Com o esvaziamento do torneio, os treinadores preferem não apontar favoritos ao título.

"Ainda é cedo para dizer quem pode ser campeão. Até o segundo turno, as equipes podem trazer jogadoras que estão no exterior e tudo mudar", analisa Bassul.

Em 2002, o Americana terminou a primeira fase invicto. Para os mata-matas, porém, o Ourinhos contratou a ala Janeth, principal jogadora da seleção brasileira. Acabou ficando com o título ao superar o time de Bassul, no mata-mata final, por 3 a 1.

O PERSONAGEM

Única da seleção no país, Micaela prepara as malas

DA REPORTAGEM LOCAL

A ala Micaela, 23, disputa o Paulista como a estrela solitária do Americana. Única atleta que esteve com o grupo brasileiro no Mundial da China, no ano passado, ela já pensa em se transferir para o basquete europeu e também tentar uma vaga na WNBA.

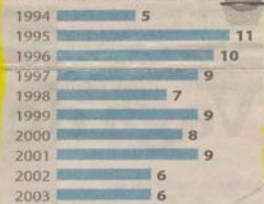
"Já tive propostas da Itália e da França, mas era para jogar por somente dois meses. Por isso, preferi ficar no país por enquanto", conta ela.

No Nacional-2002, Micaela foi o destaque do Dom Bosco-MS, que terminou a competição em quinto lugar. Apesar disso, a ala foi a segunda cestinha do torneio, com média de 21,9 pontos por jogo — só ficou atrás de Janeth, do São Paulo-Guaru.

A maior atração do exterior para as atletas são os salários. "As jogadoras chegam a receber US\$ 10 mil por mês. Aqui não se ganha isso", diz Micaela, que pretende iniciar aulas de inglês em breve. "Quero jogar na WNBA. O difícil é conseguir uma vaga", completa. (ALF)

PAULISTA ESVAZIADO

Números de equipes ano a ano



Quem disputa

- ✓ Americana
- ✓ Ourinhos
- ✓ Santo André
- ✓ São Bernardo
- ✓ São Caetano
- ✓ São Paulo-Guaru

LEISTER FILHO, ADALBERTO. Paulista feminino começa hoje enxuto e sem estrelas.

Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de março de 2003. Esporte, Caderno D, p. 2.

ANEXO F – O mecenas

O mecenas

MELCHIADES FILHO

EDITOR DE ESPORTE

DO TRABALHO para a cama, da cama para o trabalho. O viúvo de 65 anos, usineiro realizado, entregava-se à rotina que endurece o coração, esgota a alma. Até o dia em que aceitou o convite do amigo Macalé, dono de revendedora de carros, e ganhou um presente e renasceu.

Francisco Quagliato nunca tinha pisado numa quadra, nunca tinha relado em uma bola laranja, nunca tinha visto um jogo pela TV. Não distinguia as regras, não sabia o que ver, no que reparar.

Espantou-se, primeiro, com a festa. "O ginásio gritava 'sou ourinhense com muito orgulho e muito amor'. Um lindo ato cívico."

Assombrou-se, em seguida, com a velocidade do jogo. "O placar mudava rápido, muito depressa. Era emoção demais. O sujeito precisa ser bom de relógio, viu? Senão a pressão explode."

Comoveu-se, por fim, com o desfecho. O time da casa, atordado pela derrota, zanzava na quadra, enquanto as arquibancadas se esvaziavam. "Aqueles meninas me pareceram tão sozinhas. Não podia abandoná-las."

Naquela tarde, há menos de cinco anos, o basquete foi apresentado a Seu Chico, ou Chico, ou Chicão, ou Tio, ou, às vezes, Pai.

Apaixonado, Quagliato aproximou-se dos dirigentes do clube de Ourinhos. Ofereceu-se para patrocinar o projeto. Em troca, queria só conviver com as jogadoras, assistir a todos os treinos e partidas, "ajudar a sustentar o sonho".

Graças ao mecenas caipira, a pequena cidade no oeste paulista

detém hoje o título brasileiro feminino. Ele não bancou somente os salários. Muitas vezes interveio e segurou a onda de Janeth e outras atletas, nessas crisezinhas triviais do dia-a-dia que a distância de casa só faz aumentar. "Enquanto uns mordem, eu assopro."

Quagliato insiste em minimizar seu papel. "O time não é caro. As meninas infelizmente não têm mercado, os salários são baixos. O dinheiro não me faz falta."

Então por que não surgem outros investidores, quicá da bem-sucedida agroindústria, com o mesmo desprendimento, o mesmo interesse de apoiar o esporte? "Cada um tem seu passatempo."



Uns gostam de iate, uns gostam de carro, outros de mulher bonita. O basquete é a minha alegria."

Mas o próprio Quagliato se antecipa e desautoriza a conclusão de que nossa sorte, então, depende da excentricidade de milionários idosos. Cheio de dedos, seja porque o Paulista começa no final deste mês, seja porque está transornado com o fim do Americana (o grande rival de Ourinhos), ele sugere um plano de ação:

1) Investir em cidades com poucas opções de lazer. "Não faz sentido competir com o futebol."

2) Montar um projeto de ponta a ponta, da base ao time principal. "Isso envolve a comunidade e dá sequência a todo o trabalho."

3) Contratar um craque, que vi-re referência para o torcedor, mas que se identifique com o projeto. "A Janeth é a primeira a chegar e a última a sair dos treinos."

4) Um título de vez em quando. "Senão a turma desanima."

Nesses quatro anos, Chicão aprendeu mais do que muita gente que nasceu e que morre(u) com o basquete brasileiro.

Investimento 1

Não se surpreenda se o aplicado Paulo Bassul, cuspido do basquete feminino brasileiro, fechar seu giro no exterior com um convite para assumir o Hondarribia. É a própria Maria Helena Cardoso, atual treinadora do time sensação do Espanhol, quem articula sua sucessão.

Investimento 2

O competente Carlos Renato dos Santos assumiu a coordenação do curso da arbitragem paulista. A primeira turma começa em abril.

Investimento 3

Ainda que devesse ter explicado melhor seus motivos, Nenê mostrou que não é mais criança com a decisão de boicotar a seleção enquanto Gerasime Bozikis estiver no comando (sic) do basquete nacional.

@ → E-mail melk@uol.com.br

ANEXO G – Mulheres inauguram semifinais do mais paulista dos nacionais

Mulheres inauguram semifinais do mais paulista dos Nacionais

DA REPORTAGEM LOCAL

O mais paulista dos Nacionais femininos de basquete inicia hoje as suas semifinais com o confronto entre São Caetano e Ourinhos, às 20h30. Amanhã, às 19h, Americana e Santo André fazem o outro duelo que decidirá os finalistas.

A edição deste ano da competição registrou o menor número de Estados de sua história: apenas times de São Paulo e Minas Gerais disputaram o torneio inteiro.

Por falta de dinheiro, a equipe de Rio das Ostras (RJ) desistiu no meio do campeonato —foi a primeira vez no Nacional que um time abandonou a competição.

Esta é também apenas a segunda vez desde sua criação, em 1998, que o Brasileiro verá apenas times de São Paulo em sua fase final —a última vez aconteceu em 2002.

Atual ganhador do Nacional e vice-campeão do Paulista, o Americana surge como o grande favorito ao título. Seu adversário na série melhor de cinco jogos, que começa amanhã, será o Santo André. O time do ABC paulista é o único a ter participado de todas as edições do Brasileiro feminino.

Apesar disso, a equipe fez papel de figurante durante a classificação e não deve oferecer grande resistência. Nas duas vezes em que se enfrentaram, o Americana saiu vencedor e terminou em primeiro na tabela, com 12 vitórias e só duas derrotas. O Santo André foi o quarto na classificação, com seis triunfos e oito derrotas.

Na semifinal que começa hoje, o São Caetano aparece como a grande surpresa. A equipe conta com várias jogadoras vice-campeãs mundiais sub-21 em 2003.

No confronto direto, cada time venceu uma vez neste Nacional. O São Caetano, porém, terminou a fase de classificação em segundo

(11 vitórias e três derrotas), enquanto o Ourinhos, com a mesma campanha, foi o terceiro. As duas equipes buscam o título inédito.

O trunfo do Ourinhos, que no ano passado fracassou no playoff final, é Janeth. A ala vinha tendo uma participação apagada na primeira fase do Nacional —terminou a classificação com média de 16,1 pontos, a sexta do torneio. Nas quartas-de-final, porém, alcançou a média de 23,3 pontos por partida e lidera esse ranking.

Tanto Americana como São Caetano, por terem feito as melhores campanhas na fase de classificação, terão a vantagem de jogar três vezes em casa —caso sejam necessários os cinco jogos.

“A equipe de Ourinhos está com a responsabilidade e o favoritismo, pois conta com um grande elenco. Por isso, precisamos aproveitar ao máximo a vantagem do mando de quadra, pois na primeira fase isso fez a diferença”, afirmou Norberto Borracha, treinador do São Caetano.

OS MATA-MATAS

Semifinais do Nacional feminino

São Caetano x Ourinhos

Hoje, em São Caetano
7.jan, em São Caetano
9.jan, em Ourinhos
10.jan, em Ourinhos*
12.jan, em São Caetano*

Americana x Santo André

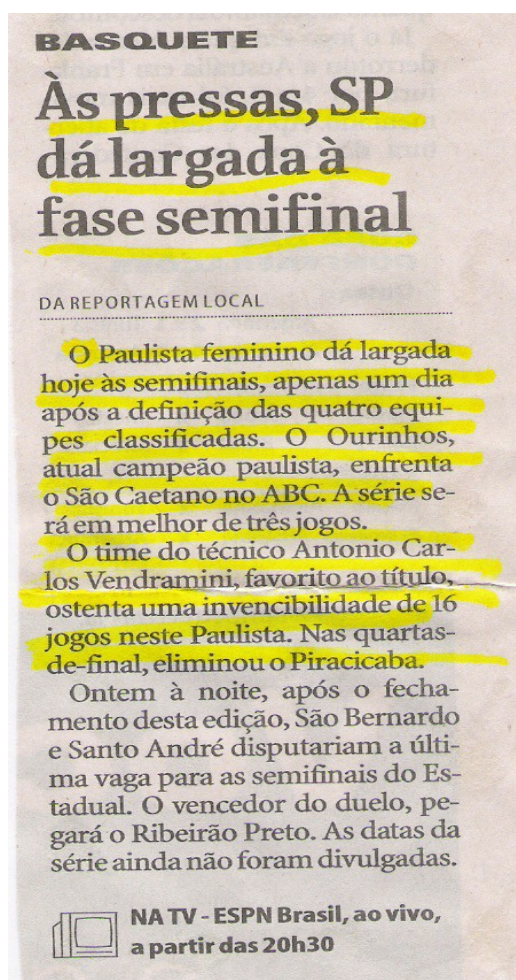
Amanhã, em Americana
7.jan, em Americana
9.jan, em Santo André
10.jan, em Santo André*
12.jan, em Americana*

*Se necessário



NA TV - São Caetano x Ourinhos, ao vivo, a partir das 20h30, na Sportv

DA REPORTAGEM LOCAL. Mulheres inauguram semifinais do mais paulista dos nacionais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 de janeiro de 2005. Esporte D, p. 3.

ANEXO H – Às pressas, SP dá largada à fase semifinal

DA REPORTAGEM LOCAL. Às pressas, SP dá largada à fase semifinal. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 de junho de 2005. Esporte D, p. 3.

ANEXO I – Jogo de palavras

Jogo de palavras

MELCHIADES FILHO
EDITOR DE ESPORTE

A PÁGINA de 25 de maio de 1997 da “Gazeta Esportiva” se esfaleceu. O conteúdo da entrevista de Gerasime Bozikis também. Das promessas de palanque do então candidato à presidência da Confederação Brasileira de Basquete, nada sobrou de pé.

Confira as principais declarações registradas há oito anos pelo repórter Juarez Araújo e repare como a história do esporte vem sendo escrita com a borracha:

“Por dois anos buscamos um grupo disposto a fazer basquete em seus Estados, e não a tirar proveito de seus cargos.

“O basquete brasileiro precisa de novas idéias administrativas. Apoiar mais as federações que estão em total abandono, dar condições a elas de realizar seus campeonatos com dignidade.

“Temos planos de reativar todos os campeonatos nacionais, do míni ao juvenil, no feminino e no masculino. Esses campeonatos são como uma Olimpíada para muitas federações, e não podem ficar sem ser realizados.

“Sou favorável à profissionalização com uma Associação de Clubes, apesar de acreditar que isso não acontece de uma hora para outra. Quem tem de fazer o movimento são os clubes. Gostaria de ver essa liga com a presença de campeões regionais do Nordeste, Norte, Centro-Oeste.”

É isso aí. O cartola que criticava a locupletação é o mesmo que, empossado, estuprou o estatuto da CBB para pavimentar o segundo mandato e sabe-se-lá-o-que-fez para garantir o terceiro.

Se na campanha ele jurava fomentar o esporte fora de São Paulo, no poder nunca se envolveu pessoalmente. Aceitou o interesse fútu de clubes de futebol e, depois, de universidades de pouco prestígio. O basquete paulista perdeu força sem que a “privatização” tenha resultado em contrapartida nos outros Estados.

Aquele que se comprometia a revitalizar o circuito de base é o mesmo que, apesar do recorde de verbas públicas, permitiu que o número de praticantes estancasse no país. Que fez dos torneios da garotada uma moeda no tomalá-dá-cá com as federações.

Em 1997, antenado com as prin-

cipais potências da modalidade, Bozikis recomendava a liga independente de clubes. Em 2005, aconchegado no gabinete, não faz outra coisa senão torpedear o ideal emancipacionista.

Por isso não me pasmou o noticiário das últimas semanas. Se o patrão não honra a palavra, o que podíamos esperar dos acólitos? Tanto o COC, de Ribeirão Preto, como o grupo Universo, com três times no último Nacional, haviam endossado em março o nome de Oscar Schmidt para dirigir o primeiro Brasileiro organizado pelos clubes. Um gesto esquisito, dada a afinidade dos dois com a administração Bozikis.

Vê-se agora que era tudo teatro. Inspirados sabe-se-lá-de-que-forma pela CBB, os dois já cindiram com o movimento de alforria. Como justificativa, reclamaram das explosões emocionais do ex-cestinha. Algo tão esfarrapado como estranhar o bigode de Lula.

Na entrevista de 1997, Bozikis anunciava: “O tempo será testemunha de nossas realizações”. O tempo e o vento, eu acrescento.



Grito 1

De Oscar, sobre a nova liga: “Todos sempre falaram, mas nunca fizeram nada. Estamos tentando fazer. É muito mais difícil do que falar”.

Grito 2

De Paula, administradora do Ibirapuera, uma voz dissonante sobre o Rio-2007: “O Pan é uma competição medíocre. O Brasil vai acabar ganhando quase tudo. Todos vão ficar empolgados e, depois, na Olimpíada de Pequim, verão que a realidade não é bem essa”.

Grito 3

Da ala Jaqueline, nada deslumbrada caloura da seleção que vai ao Sul-Americano: “Jundiaí só tem categorias de base, e este foi meu último ano de juvenil. Espero que seja montado um time adulto”.

@ → E-mail melk@uol.com.br

ANEXO J – Branca espera maior atenção da CBB em prol dos clubes femininos

Branca espera maior atenção da CBB em prol dos clubes femininos

Técnica da Unimep diz que presidente da entidade, Grego, precisa apresentar novas propostas, assim como já fez com o masculino

JOSÉ RICARDO FERREIRA
jferreira@pjournal.com.br

Na análise de Branca, falta um calendário com mais torneios para o basquete feminino paulista. Sem isso, é difícil para os clubes conseguirem novos patrocinadores. Por outro lado, CBB e FFB precisam trabalhar em sintonia para não haver choque de calendários dos campeonatos entre as duas entidades, entende Branca.

A técnica da Unimep disse ontem que a empresa alemã de pintura automotiva Einsmann — com uma unidade em São Paulo —, não renovará um contrato de apoio à equipe. "E não temos argumentos para convencê-los a ficar. Não há um calendário com mais campeonatos". A empresa apoiou o time no Campeonato Paulista de 2004 e 2005. Não foram revelados valores do apoio.

Campeonato Nacional, edição 2005/06, deve ter início em outubro

A técnica da Unimep/Ampla/Selam, Maria Angélica Gonçalves, a Branca, também espera por dias melhores para o basquete feminino. A exemplo do que está ocorrendo com o masculino — a CBB (Confederação Brasileira de Basquete) propôs aumentar o número de times de 16 para 18 e a formação de uma comissão de clubes — a expectativa é que a entidade também convoque os clubes para propor mudanças favoráveis à categoria feminina.

"O Grego (Gerassime Bozakis) ainda não nos chamou (os clubes). Ele precisa se pronunciar, mostrar uma proposta da confederação para o Nacional", disse Branca. O campeonato 2005/06 está previsto para outubro.

A assessoria de imprensa da CBB informou ontem à tarde que desconhece qualquer agendamento de reunião com a diretoria dos clubes femininos, a exemplo do que ocorreu, na semana passada, com as federações e clubes de basquete masculino. A reunião de praxe, que ocorrerá nos próximos meses, será para discutir a tabela do Nacional. Este ano participaram oito clubes (Ourinhos foi o campeão).

NOSSA LIGA - A expectativa é que a Nossa Liga de Basquete crie nesse semestre um campeonato para o basquete feminino. No próximo dia 14 está previsto um encontro entre dirigentes e o presidente da Nossa Liga, Oscar Schmidt. "Poderá ser um campeonato paralelo ao da CBB, que não deixará de ser uma opção. Mas ainda estamos dependentes de patrocínio", disse Branca.

Oscar Schmidt e o presidente da CBB têm travado um duelo político. Enquanto Oscar "Mão Santa" objetiva a independência do basquete para fazer campeonatos, Grego procura esvaziar a entidade criada pelo seu opositor.

A presidente da AD Unimep (Associação Desportiva da Universidade Metodista de Piracicaba), Ilda Borges Gonçalves, também tem esperanças na Nossa Liga. "Quanto ao Nacional, dependemos de patrocínio. Mas a Nossa Liga é a grande esperança com a Traffic (empresa de marketing esportivo)", disse.

Branca também comentou ontem a eleição do novo presidente da Associação de Basquete XV de Piracicaba, Armando Gimenes. O dirigente começou como atleta em 1967 no basquete do Palmeiras e hoje é diretor técnico da FFB. Ele foi eleito anteontem para a associação. (Ver mais informações nesta página).

"O Gimenes foi um esportista e faz o que gosta. O XV merece um dirigente deste nível. Mas não tem nada a ver com o basquete feminino, embora nossas relações poderão ser estreitas e ele um interlocutor (na FFB). Mas há divergências, estamos na Nossa Liga e eles (XV), não", disse Branca. O time feminino volta a treinar a partir de segunda-feira visando os Jogos Regionais de São Carlos, a partir de 18 de julho.



EXPECTATIVA
Técnica Branca espera encontrar patrocinadores para que o time participe de torneios nacionais este ano

FERREIRA, JOSÉ RICARDO. Branca espera maior atenção da CBB em prol dos clubes femininos. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 07 de julho de 2005. Esportes D, p. 4.

ANEXO K – Brasil defende domínio na América do Sul

BASQUETE Imbatível há 21 anos, time feminino volta a atuar na Colômbia, país em que teve último revês

Brasil defende domínio na América do Sul

Alexandre Vidal/Divulgação

ADALBERTO LEISTER FILHO
DA REPORTAGEM LOCAL

A última vez que o Brasil perdeu no Sul-Americano, a ala Jaqueline, 19, uma das novatas da seleção atual, nem havia nascido. A armadora Helen, a mais experiente, ainda atuava, aos 11, nas escolinhas de basquete de Araçatuba.

A partir de hoje, as duas integram o time nacional, que busca o décimo título consecutivo e a manutenção de uma invencibilidade que já atinge 47 jogos no torneio, cuja 29ª edição será em Villavicencio (Colômbia). O Brasil estreia às 18h, contra o Paraguai.

A última vez que a seleção perdeu o Sul-Americano foi justamente na Colômbia, em 1984, contra a equipe da casa. Naquela ocasião, a seleção viajou com um time reserva, que não contou com Paula e Hortência. Desfalcado, o time perdeu a final por 62 a 51.

A situação se assemelha à do time atual, que conta com apenas três jogadoras que integraram o elenco que ficou em quarto lugar na última Olimpíada. Mesmo assim, o time do técnico Antonio Carlos Barbosa é favorito.

“A maioria das seleções daqui ainda são semiprofissionais. Mas há equipes que já apresentam bom nível, como a Argentina. Outras, que contam com várias atletas fazendo universidade nos EUA, casos da Colômbia e da Venezuela”, destaca o treinador.

A Argentina vem sendo o maior rival da seleção no torneio. O time foi vice-campeão nas últimas seis edições. “O nível de dificuldade aumenta cada vez mais. A Argentina tem que ser respeitada. Ela tirou o Canadá dos dois últimos Mundiais”, lembra Barbosa.

Para a competição, o Brasil não conta com Janeth, maior estrela do país, e Iziane, que estão na

WNBA. O time também não terá suas principais pivôs. Alessandra, Cíntia e Kelly estão com lesões.

A ala Sílvia Gustavo se recupera de uma gastrite, enquanto a armadora Adrianinha ganhou férias. Leila e Karla, que também estiveram na Olimpíada, não foram chamadas por opção do técnico.

Para suprir isso, Barbosa deve escalar um time mais experiente hoje, com Helen, Lílían, Micaela, Ega e Erika. Com exceção de Ega, as outras já integraram a seleção em Mundial ou Olimpíada.

“Me sinto com a tia desta equipe. Quando comecei recebi muitos conselhos da Hortência e da Paula. Agora, tenho obrigação de retribuir”, declara Helen, 32, que estreia na função de capitã.

A equipe terá quatro atletas que atuam pela primeira vez na seleção adulta em um torneio oficial. É o caso da armadora Fabianna, 23, da ala Jaqueline, 19, e das pivôs Flávia Luíza, 22, e Graziane, 22.

Apesar disso, três delas já tiveram boa participação nas categorias de base. Fabianna, Flávia e Graziane integraram a seleção vice-campeã do Mundial sub-21, disputado na Croácia, em 2003.

OS JOGOS DO BRASIL

Hoje	18h	Brasil x Paraguai
Amanhã	18h	Brasil x Equador
9.jul	22h	Brasil x Chile
10.jul	20h	Brasil x Venezuela
11.jul	22h	Brasil x Colômbia
12.jul	22h	Brasil x Argentina



Rivais apostam em poder unificado

DA REPORTAGEM LOCAL

Argentina e Venezuela, dois dos times sul-americanos que mais evoluíram nos últimos anos, possuem comando centralizador.

Eduardo Pinto, que dirige a seleção argentina há mais de dez anos, é o responsável também por

todas as categorias de base.

Com ele no comando, a Argentina bateu o Brasil no Sul-Americano juvenil, em junho, no Paraguai. Aquela seleção foi dirigida por Barbosa, que não considera ideal essa forma de trabalhar.

“Acho que o técnico do adulto tem que coordenar as outras cate-

gorias. Mas essas seleções devem ter treinador próprio. Essa experiência serve para formar outros profissionais”, opina o brasileiro.

Na Venezuela, Jesús Cordobés também comanda o time feminino em todas as categorias. Nas horas vagas, ainda dirige o time masculino do Cocodrilos. (ALF)



Fabianna marca Helen, capitã do Brasil, em treino na Colômbia

LEISTER FILHO, ADALBERTO. Brasil defende domínio na América do Sul. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 de julho de 2005. Esporte, Caderno D, p. 4.

ANEXO L – Governo muda prioridade no esporte

DIRETRIZES DA POLÍTICA NACIONAL DO ESPORTE*

- ➔ Universalização do acesso e promoção da inclusão social
- 👤 Desenvolvimento humano
- 💻 Produção e difusão do conhecimento, da ciência e tecnologia do esporte
- ✚ Promoção da saúde
- 🇧🇷 Paz e desenvolvimento da nação
- 💰 Desenvolvimento econômico
- 👥 Participação da sociedade no controle da gestão do esporte
- ↔ Descentralização da política esportiva e de lazer

*Lançada ontem pelo Ministério do Esporte

Governo muda prioridade no esporte

DA REPORTAGEM LOCAL

A pouco mais de um ano para o final do mandato, o presidente Lula lançou ontem, em São Paulo, a Política Nacional do Esporte, carta de diretrizes que o governo pretende seguir ao tratar do tema.

“Essa política é uma bússola para ser seguida por todo o país e em todas as dimensões do esporte. Com certeza, vamos colher campeonhos. Mas o objetivo é formar cidadãos”, comentou o ministro do Esporte, Agnelo Queiroz.

O documento foi elaborado com base em discussões ocorridas na Conferência Nacional do Esporte, realizada em Brasília, no ano passado. Segundo o Ministério do Esporte, 83 mil pessoas estiveram envolvidas na redação.

A principal mudança em relação à política seguida pelo ministério é a priorização do esporte educacional. Desde que o esporte começou a receber maiores recursos estatais, uma questão gerou debates: qual seria o setor prioritário para o governo investir?

Uns defendem a aplicação de mais verbas para a base, promovendo a inclusão social. Outros, no esporte de alto rendimento, que auferem retornos imediatos.

Ainda no governo Fernando Henrique, o Senado aprovou a Lei Piva, que destinou 2% da arrecadação das loterias da Caixa Federal aos comitês olímpico (85%) e paraolímpico (15%). Da fatia do COB, só 15% vão para o esporte estudantil e universitário.

No governo Lula, o esporte ganhou, pela primeira vez, status de ministério, e a tendência em investir no topo foi mantida. Sob a batuta de Agnelo Queiroz, entidades olímpicas ganharam ou renovaram polpidos patrocínios.

Assim, a Petrobras investiu na vela e hoje prioriza suas ações no handebol. O basquete ganhou apoio da Eletrobras. O vôlei manteve seu vínculo com o Banco do Brasil, e os desportos aquáticos com os Correios, que hoje também banca o futsal. A CEF, por sua vez, tem contrato com o atletismo e o esporte paraolímpico.

A mudança de alvo foi pedida pelo Tribunal de Contas da União, que elaborou estudo em 2004. Nele, o TCU lembrava o artigo 217 da Constituição, no qual se afirma ser dever do Estado “a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional”. (ALF E ME)

DA REPORTAGEM LOCAL. Governo muda prioridade no esporte. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de agosto de 2005. Esporte D, p. 3.

ANEXO M – Nação zumbi

Nação zumbi

MELCHIADES FILHO
EDITOR DE ESPORTE

EM 2005, Rafael Hetttsheimeir ganhou destaque entre os juvenis de Ribeirão Preto, chance de brilhar no time principal da cidade, o prêmio máximo de uma clínica para jovens talentos em Buenos Aires, um convite para treinar com a seleção adulta e uma convocação de última hora para disputar a Copa América. No embalo, assinou contrato de três anos com o Girona, a equipe que mais investiu nesta pré-temporada da Liga Espanhola.

O sucesso do rapaz de 19 anos e 2,09 m confirma o potencial atlético de sua geração. Nunca o país produziu tantos gigantes promissores. Nenhum dos pivôs que defendem o Brasil, a partir de amanhã na República Dominicana, em busca de uma vaga para o Mundial do Japão-06, possui mais de 22 anos. A média de idade do quinteto é de 20,2.

Rafael comprova, também, o interesse sem precedentes dos clubes do Primeiro Mundo. Ele se juntará a outros brasileiros que a Espanha resolveu burilar, como Tiago Splitter, Marcus Vinícius, Marcelo Huertas, Caio Torres e Luís Felipe Gruber. De volta ao exemplo dos pivôs da seleção principal: somente um dos convocados (Murilo, do Franca) ainda não se estabeleceu no exterior.

E aqui está o perigo.

O Brasil, por inoperância e miopia dos cartolas, prestigia pouco o trabalho de formação. Os campeonatos domésticos não têm data certa, isso quando eles acontecem. Dos clubes que ainda sustentam categorias de base, muitos

operam com objetivos de curto prazo, pressionados na marra pelos "papaitrocinadores".

Como o basquete adulto também não decola, a garotada desvia o olhar para o aeroporto, para a ala de embarque. Acena para empresários multinacionais, pisca para faculdades norte-americanas de fundo de quintal.

A sanha do mercado internacional, portanto, agrava a baderna, acirra cada vez mais cedo o individualismo por aqui, instalando a ditadura do "você dá certo logo ou é melhor desistir".

Os meninos, claro, aceitam o corre-corre. Não se preocupam em corrigir os defeitos, mas em es-

condê-los dos olheiros. O importante é montar um "book".

Esse quadro de ruína didática e de paralisia logística não perdoa.

A situação dos juvenis, em especial, é de dar dó. A maioria que não teve a felicidade de carimbar o passaporte não encontra mais quem "insista" em lapidá-los.

(Pena, pois gênios como Ha-keem Olajuwon só se dedicaram de vez à bola laranja aos 17 anos.)

Alguns desembocam no basquete de rua, tolice importada dos EUA que reforça estereótipos e afasta o esporte de seu caminho (e ganha espaço na TV...).

Mas a maioria, estressada e/ou desmotivada, zanza à procura de qualquer futuro nas quadras. Como zumbis, eles vagam de ginásio em ginásio, de fórum em fórum na internet, implorando a oportunidade de mostrar um basquete que infelizmente não têm.

Jamais o Brasil exportou tantos atletas. Neste milênio, porém, não se classificou para nenhum dos três Mundiais sub-22 ou sub-19.

Como se diz por aí, a sorte de um Rafael é o azar dos outros.



Mortos-vivos 1

Agora cheio de dinheiro público, o desporto universitário deveria atenuar a desolação das categorias de base. Mas a Olimpíada deste ano, em Recife, foi um vexame. Atletas que nunca pisaram na sala de aula acabaram campeãs. Tinha até gente que mora nos EUA...

Mortos-vivos 2

Fim da única clínica de base da CBB do ano: meninas cariocas de 14 a 17 anos são enfiadas em táxis rumo à rodoviária paulistana, sozinhas, num domingo à noite, com grana contada para a passagem de volta.

Mortos-vivos 3

A boa assessoria de imprensa da CBB precisa esclarecer o corte de Estevam às vésperas da Copa América. "Problemas pessoais" não cola.

@ → E-mail melk@uol.com.br

MELCHIADES FILHO. Nação zumbi. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 de agosto de 2005. Esportes D, p. 3.

ANEXO N – Para Cíntia apoio deve vir de todos

Para Cíntia, apoio deve vir de todos

Pivô da seleção brasileira está em férias e treina com a Unimep antes de voltar para a Itália; jogadora espera que CBB e Nossa Liga melhorem o esporte na

JOSÉ RICARDO FERREIRA
jferreira@jornal.com.br

Com uma longa experiência no basquete internacional, a pivô da seleção brasileira Cíntia Silva dos Santos, 30, diz que uma das saídas para manter vivo o esporte no Brasil não está somente nos grandes patrocínios, mas nos "mutirões" de empresas e cidadãos que podem contribuir de diversas formas para as equipes.

Cíntia está jogando na Itália há seis anos na tradicional equipe do Famila Schio, atual campeã nacional. A pivô começou carreira na antiga BCN/Piracicaba e para não perder o condicionamento está treinando com a equipe da Unimep/Amhpla/Selam. De férias desde junho, ela retorna para a Itália na próxima sexta-feira.

"A cidade onde moro (Schio) tem 35 mil habitantes. O time tem 80 anos e é muito querido, e sempre foi de chegada. O basquete italiano é muito bem organizado. Schio tem três ginásios e o basquete é a identidade da cidade", disse a pivô. "São vários os patrocínios e o principal é de um supermercado. Os demais são vários apoios, inclusive de pessoas físicas. De alguma forma, todos colaboram", disse.

Para Cíntia, é urgente que os governos criem uma lei de incentivo fiscal para que o empresário de médio e pequeno portes comece a valorizar mais o esporte. Ela disse que o basquete piracicabano tem história e não pode morrer. "Esse basquete foi o espelho para o esporte e a juventude piracicabanas. Na minha época a gente vivia (financeiramente) do basquete. Hoje, o bom é que a Unimep dá uma bolsa de estudo para as atletas", disse.

Além de clubes brasileiros: BCN/Piracicaba, Guarulhos, Ponte Preta, BCN/Osasco, Unimed/Americana, Cíntia esteve no Orlando Miracle (WNBA), Bees Treviglio (Itália), Carichi (Itália), e Gambrinus Jme Brno (República Tcheca). "O Jme Brno é muito bom e a maioria de suas jogadoras estão na seleção daquele país. O basquete tcheco arremessa bem de fora. Na Itália há muita disciplina tática. No Brasil o basquete é mais criativo e veloz", disse.

Schio é perto de grandes centros como Milão e Veneza e a cidade "respira basquete". Cíntia conta que já fez muitos amigos e é um lugar bom para morar e trabalhar.

Quanto à seleção, Cíntia considera a geração que está surgindo muito boa. "O time está muito bem servido e temos chances de conseguir ouro no Mundial de 2006", disse. Para ela, os maiores adversários serão os Estados Unidos, Austrália, Rússia e a República Tcheca.

Em relação à disputa entre CCB (Confederação Brasileira de Basquete) e a Nossa Liga de Basquete, Cíntia optou por um discurso moderado. "CCB e Nossa Liga devem acrescentar ao basquete e não trazer problemas. A Nossa Liga tem patrocínio, mas só quando o campeonato começar será possível analisar". Para quem está começando no esporte, a orientação é nunca desistir, mesmo que quando os problemas surgirem. "Tem que perseverar, se esforçar, não desistir diante dos obstáculos", disse.



SUCESSO
Pivô observa treino das colegas da Unimep: atleta apo

FERREIRA, JOSÉ RICARDO. Para Cíntia apoio deve vir de todos. **Jornal de Piracicaba**, Piracicaba, 04 de setembro de 2005. Esportes D, p. 2.

ANEXO O – Sabotagem

Sabotagem

MELCHIADES FILHO

EDITOR DE ESPORTE

A ÚLTIMA HORA, quando tudo parecia perdido, os dirigentes do Paraná manifestaram interesse, esboçaram uma oferta. Nem ouviram uma satisfação. A CBB preferiu desistir de vez do campeonato brasileiro juvenil feminino a entregar a organização dele a uma federação dissidente, que não votou na reeleição do presidente Gerasime Bozikis.

Em agosto, o gerente administrativo e supervisor de basquete da Mangureira assinou uma carta de desabafo, lamentando o descalço e o jogo politiquês que marcam a gestão das categorias de base. Outros técnicos se solidarizaram e engrossaram a corrente de protestos. A confederação não só não se comoveu como retrucou. Sacrificou seu principal parceiro econômico e cancelou a segunda edição da Copa Eletrobrás, o Nacional interclubes juvenil, que representa a grande (única?) vitrine do trabalho do morro carioca, um dos projetos de inclusão social por meio do esporte mais bonitos e bem-sucedidos do país.

Outro centro formador de talento, Osasco negociou até este mês a inclusão de um time na Nossa Liga, o torneio independente que nasceu da revolta dos clubes contra os pedágios e favores cobrados nos eventos oficiais. A idéia era dar experiência de quadra e alguma perspectiva profissional à nova fornada. Teve de recuar quando ouviu que suas meninas nunca mais seriam chamadas para as seleções de base.

Aliás, no começo do semestre, quando as comissões técnicas ain-

da se faziam de desentendidas, as atletas menos experientes da seleção adulta já confidenciavam aos mais próximos que haviam sido orientadas a assinar com equipes alinhadas com a CBB para não “colocar em risco” suas carreiras.

Em outubro, a confederação não fez mais questão de dissimular. A uma quinzena da estréia da Nossa Liga masculina, agarrou-se a argumentos fictícios e anunciou que as portas da seleção estariam cerradas para todo aquele que não concordasse em atuar no campeonato oficial. Nem que isso compromettesse as chances de o Brasil se reerguer nos Mundiais de 2006 e na Olimpíada de 2008.



Tutano 1

Lucas Tischer por pouco não emplacou no Phoenix Suns, time grande da NBA. De volta ao Brasil, podia pensar só no seu — fechar por uma boa grana com um clube pró-CBB e ficar mais perto da seleção. Em vez disso, preferiu socorrer o “rebelde” São José dos Pinhais (PR). Vai jogar de graça. “Meu maior sonho é defender o Brasil, mas acho que ajudarei mais o basquete se jogar a Nossa Liga agora”, explicou o raçudo pivô. Tischer, 22; Nenê, 23; Varejão, 23; Marquinhos, 21... No basquete nacional, é a molecada quem fala grosso.

Tutano 2

A história primeira edição feminina da Nossa Liga começa nesta noite com Piracicaba, Niterói, São Bernardo, Pindamonhangaba e Santos. E sem Janeth, que preferiu a boa grana do basquete espanhol.

@ → E-mail melk@uol.com.br

A chantagem deu certo. Qual cor-deirinhos, um a um os atletas com potencial de convocação pediram abrigo nos clubes chapa branca.

Que a Nossa Liga se contentasse, então, em compor seus times com veteranos e com desgarrados, jogadores que haviam sido esquecidos pelo mercado? Esqueça. O establishment, guloso, agora fala em cassar o registro federativo de quem servir os “rebeldes”.

As retaliações também envolvem patrocinadores, burocratas do Pan de 2007 e do Mundial feminino de 2006 e detentores dos direitos de televisão. Mas essa triangulação é ainda mais cabeluda e fica para outra coluna.

E quem não concordar com tudo isso? Que vá para o inferno. Quer dizer, para a Justiça desportiva. Antes, claro, deverá pagar a recém-fixada taxa de R\$ 5.000 por apelo — uma fortuna diante do quadro de miséria em que a modalidade se encontra.

De tão sórdida, essa campanha é até admirável. Demorou, mas finalmente o basquete vê a CBB empenhada em alguma coisa.

ANEXO P – Bolsa atrai atletas para Nossa Liga

BASQUETE *Torneio feminino, que começa hoje, segura jogadoras atrás de diploma*

Bolsa atrai atletas para Nossa Liga

ADALBERTO LEISTER FILHO

DA REPORTAGEM LOCAL

Todos os clubes que iniciam, a partir de hoje, a disputa do torneio feminino da Nossa Liga de Basquetebol oferecem bolsas de estudo em universidades às suas jogadoras ou negociam parcerias com instituições de ensino.

É o caso de Piracicaba e Niterói, que se enfrentam hoje, na partida de abertura da competição, às 20h, no interior paulista.

“Com o vestibular, devemos ter até 12 atletas na Unimep [Universidade Metodista de Piracicaba]. As jogadoras avaliam esse lado quando acertam contrato conosco”, diz Ilda Gonçalves, presidente do Piracicaba, cuja equipe conta com alunas de educação física e fisioterapia, entre outros cursos.

Já o São Bernardo mantém parceria com outra universidade metodista, a sediada na cidade do ABC, que possui tradição no handebol masculino —contabiliza sete títulos da Liga Nacional.

“Eles dão bolsas às jogadoras. Cada um custeia uma parte do projeto”, comenta José Fiorizzi, secretário de Esportes da Prefei-

tura de São Bernardo.

Santos e Pindamonhangaba, que volta a ter equipe feminina após uma ausência de 15 anos, negociam projeto semelhante com

faculdades de suas regiões.

“Estamos conversando com duas universidades para financiar o estudo das jogadoras”, informa Abdala Salomão, diretor de bas-

quete do Pindamonhangaba.

Formada pelos clubes insatisfeitos com a condução do Nacional pela Confederação Brasileira de Basquete, o torneio feminino da NLB terá times de somente dois Estados (São Paulo e Rio).

Há 18 anos uma competição com abrangência nacional não conta com tão poucos representantes de unidades da federação. Naquele ano, a antiga Taça Brasil teve a participação de quatro equipes, de dois Estados.

O Nacional da CBB, que encerra hoje o primeiro turno, conta com nove clubes, sendo sete de SP. Goiás e Pernambuco completam a lista de participantes.

No ano passado, porém, a disputa passou pelo vexame de perder um clube, o Rio das Ostras-RJ, durante o torneio, que foi encerrado só por times de SP e MG.

“O problema é que o basquete feminino está concentrado em São Paulo. A CBB precisa trabalhar para implantá-lo em outros Estados. No Nacional, criaram um time no Recife [o Sport], mas, para isso, fecharam uma equipe de São Paulo [o Ribeirão Preto]”, argumenta Ilda, do Piracicaba.

SAIBA MAIS

Aliado da CBB apoia time de competição rival

DA REPORTAGEM LOCAL

O racha entre Confederação Brasileira e Nossa Liga de Basquetebol não atingiu totalmente o feminino. Duas equipes da NLB mantêm laços estreitos com clubes ligados à CBB.

O Niterói, que disputa as semifinais do Estadual do Rio com a Mangureira, é parceiro da Universo (Universidade Salgado de Oliveira), principal apoiador do torneio da confederação. A instituição de ensino tem três times na competição masculina da CBB —Uber-

lândia, Ajax-GO e Brasília.

A empresa, porém, não irá estampar seu logotipo no uniforme do Niterói durante o torneio da NLB. “Cinco têm bolsa”, diz Edgardo Gomes, dirigente do Niterói, que gastará R\$ 6.000 por mês com o time.

O São Bernardo, porém, é o caso mais surpreendente. O time disputa os dois campeonatos. E não descarta utilizar atletas de um torneio no outro.

“Se o regulamento da competição permitir, vamos inscrever atletas que jogaram o Nacional para disputar a Nossa Liga”, diz José Fiorizzi, secretário de Esporte de São Bernardo.

A CBB vetou que atletas da NLB na seleção. É o caso de Lucas Tischer, dispensado da NBA pelo Phoenix, que está no São José dos Pinhais. (ALF)

LEISTER FILHO, ADALBERTO. Bolsa atrai atletas para Nossa Liga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 de novembro de 2005. Esporte, Caderno D, p. 3.

ANEXO Q – Ouro de tolo

Ouro de tolo

MELCHIADES FILHO

EDITOR DE ESPORTE

O TIME DE Ourinhos fecha amanhã no embalo o retorno do Nacional. Ganhou as 15 partidas até aqui. Tem o melhor ataque, a melhor defesa, a maioria das jogadoras da seleção que (ainda) não buscaram abrigo no exterior e o craque da competição, a pivô cubana Lisdeivi.

Como se vê, não faltam motivos para Antonio Carlos Vendramini comemorar. O técnico, porém, proibiu os fogos de artifício.

Não, ele não veio com aquele papo malicioso de treinador, de que “tudo muda nos mata-matas”, “é outro campeonato”, “todo adversário merece respeito”.

Não, Vendramini não quis fazer esse “hedge”, se proteger de um eventual e desastroso tropeço. Ele desautorizou a festa justamente porque espera poucas dificuldades para levantar a taça. Porque tem a consciência de que o torneio da CBB é muito ruim.

Com a credibilidade que a liderança invicta lhe confere, o veterano técnico esvaziou o discurso, chapa branca, de que a Nossa Liga, que corre paralelamente ao Nacional, não vai emplacar porque seu nível técnico é baixo.

Seguem trechos da corajosa entrevista do treinador ao site www.abcdoesporte.com uma lição de lucidez e sinceridade e um manifesto muito firme em defesa de um interclubes autônomo:

“A confederação pouco se importa. Fez um Nacional de 60 dias, expondo as jogadoras a lesões pela maratona de jogos e viagens. Não dá a devida importância ao basquete feminino, que

é quem na última década trouxe medalhas para o Brasil.

“Com a chegada da Nossa Liga, ouvimos um monte de promessas. Mas não aconteceu absolutamente nada. O campeonato continua exatamente como era.

“É ruim você ter uma grande equipe nas mãos e ver times com a história que têm Santo André, São Caetano e Guarulhos com problemas financeiros para se manter na competição.

“Já fiz muitos clássicos nacionais contra a equipe da Laís Elena e com muita tristeza vejo Santo André e muitas outras equipes com esse tipo de problema.

“Meu filho tem uma empresa



que busca patrocínios para equipes. Para Ourinhos é mais fácil, porque é uma equipe campeã. Estamos tentando buscar patrocínio para outras também, mas temos uma dificuldade tremenda.

“Não existe mais paternalismo. O patrocinador quer saber o retorno que terá, qual a televisão que vai transmitir o torneio. Mas não temos data, não temos nada. Fazemos um projeto para 2006 e não temos dados —nem quais nem quantas equipes vão participar. Assim fica difícil buscar parceiros. Temos procurado empresas locais, regionais. Buscar grandes empresas, com um campeonato desse nível, é impossível.

“Até solicitei ao presidente do meu clube para que tomasse a iniciativa de reunir os clubes do basquete feminino, que não são muitos, e reivindicar uma contrapartida de forma mais forte.

“Ou fazer nosso próprio campeonato, pois somos nós que pagamos os árbitros, os atletas e a hospedagem. Se pagamos tudo, então por que não fazemos o nosso próprio campeonato?”

Pó 1

A menos de um ano do Mundial de São Paulo, a CBB ainda não tem o plano para repatriar os principais nomes da seleção. Érika e Helen (Barcelona) e Janeth e Alessandra (Valencia) duelam na Catalunha. Iziane brilha na República Tcheca; Karla, na Polônia. Tuiú e Graziane caçam rebotes na Itália. O técnico da equipe? Despacha em Bauru.

Pó 2

Muitos campeonatos femininos oficiais do país, de base e adultos, tiveram de jogar em 2005 com a bola masculina, maior e mais pesada.

Pó 3

Gente bem informada aposta que o cisma do basquete (CBB x Nossa Liga) será o primeiro caso da Corte Arbitral do Comitê Olímpico.

@ → E-mail melk@uol.com.br

ANEXO R – Nacional sem estrela chega à semi

Nacional sem estrela chega à semi

DA REPORTAGEM LOCAL

O Nacional feminino dá largada hoje às semifinais de uma competição esvaziada pela ausência de Janeth, principal estrela da seleção. A ala não participou do campeonato pela primeira vez desde que o Nacional surgiu, em 1998.

Ourinhos, favorito absoluto ao título, recebe o Catanduva. No outro confronto, São Caetano e Sport se enfrentam no ABC.

Sem receber propostas tentadoras no país, Janeth preferiu ir jogar na Espanha, pelo Valencia.

Sem estrelas em quadra, a competição despertou pouco interesse para a TV. O Sportv, que detém os direitos de transmissão do Nacional, exibiu apenas seis partidas —o início das semifinais também ficará fora da telinha.

Na edição anterior, até as semifinais, a emissora fechada já havia

passado 18 jogos —totalizou 27 transmissões no campeonato.

“No ano passado, nosso time ficou em terceiro lugar e teve 13 jogos mostrados. Neste ano, foram só dois até agora”, lamenta o técnico Norberto da Silva, o Borracha, do São Caetano.

Entre os clubes, é unânime a versão de que não dá para competir com ofertas europeias em euro

ou propostas norte-americanas em dólar. Das 12 atletas que ficaram em quarto lugar nos Jogos de Atenas, só duas atuam no país: a armadora Vivian e a ala Sílvia Gustavo, reservas na Olimpíada.

“E só conseguimos mantê-las porque tivemos um patrocínio para pagar o salário das duas”, ressalta Borracha, cuja equipe tem apoio do grupo Bombril.

Além da ausência de destaques, a competição se tornou previsível.

“Todo mundo sabe que o Ourinhos ficará com o título, e o São Caetano será o vice-campeão”, diz Edson Ferreto, técnico do Catanduva, sem estar denunciando um esquema de manipulação de resultados, como o que manchou o último Brasileiro de futebol.

“Quero fazer bons jogos contra elas. Mas vencer é muito difícil”, reconhece o treinador, que ficou desfalcado de Cléia, cestinha do

Nacional, com 22,7 pontos. A ala se transferiu para a Europa antes do início dos mata-matas. Mesmo destino tiveram a ala-armadora Luciana e a pivô Ana Lúcia.

Com uma invencibilidade de 42 jogos, o Ourinhos está há quase um ano sem perder jogo oficial no país. O último revés ocorreu em 16 de janeiro de 2005, para a Americana, pelo segundo duelo da série decisiva do último Nacional.

“Não tenho nenhuma recordação especial daquela partida. Foi um jogo como outro qualquer”, desdenha Paulo Bassul, último técnico a derrotar o time dirigido por Antonio Carlos Vendramini.

Tal predomínio é lamentado até por quem poderia comemorá-lo.

“É muito ruim que haja uma equipe dominando tanto. O campeonato precisa de competitividade para motivar a todos”, comenta Vendramini. (ALF)

SEMIFINAIS

Nacional feminino

Hoje - Ourinhos x Catanduva

São Caetano x Sport

14.jan - Ourinhos x Catanduva

São Caetano x Sport

17.jan - Catanduva x Ourinhos

Sport x São Caetano

18.jan* - Sport x São Caetano

19.jan* - Catanduva x Ourinhos

21.jan* - Ourinhos x Catanduva

*Se necessário São Caetano x Sport



Sport tenta pôr Nordeste em 1ª final

DA REPORTAGEM LOCAL

Com uma base importada de São Paulo, o Sport Recife pode se tornar o primeiro clube do Nordeste a chegar a uma decisão de um Brasileiro feminino adulto.

Nem a antiga Taça Brasil, que durou de 1984 a 1997, nem o atual Nacional, cuja primeira edição ocorreu no ano seguinte, tiveram representante da região em finais.

“Não falei sobre isso para as jogadoras porque não quero colocar mais pressão sobre elas”, relata o técnico Roberto Dornellas.

Para ir tão longe, o time pernambucano trouxe cinco atletas do extinto Ribeirão Preto, vice-campeão do Paulista-05: Tayara, Geisa, Natália, Karen e Josiane.

“Juntamos com uma base do Recife e pretendemos manter um pólo forte de basquete aqui.”

As jogadoras adoraram a experiência de atuar na cidade.

“Já no segundo dia aqui me senti em casa. O pessoal é muito acolhedor”, diz Tayara, segunda cestinha do Nacional, com média de 21,5 pontos por jogo, que descansou na praia no Réveillon.

“Deu para pegar um bronzado. Já estou quase da cor da Geisa”, brinca a ala, referindo-se à companheira de equipe. (ALF)

DA REPORTAGEM LOCAL. Nacional sem estrela chega à semi. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 de janeiro de 2006. Esporte D, p. 3.